Tabaco

Da Produção ao Consumo
Uma cadeia da dependência



deser
departamento de estudos sócio-econômicos rurais

Rua Ubaldino do Amaral, 374
Alto da Glória
Curitiba – PR
CEP: 80060-195
(41) 3262 1842
E-mail: deser@deser.org.br
www.deser.org.br

ACT br
Aliança de Controle do Tabagismo

Av. Nossa Senhora Copacabana, 330/404,
Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22020-001
(21) 2255-0520
www.actbr.org,br

deser
departamento de estudos sócio-econômicos rurais

Eu recomendo

O tema Tabaco gera no Brasil e no mundo, uma infinidade de debates acerca de sua produção, consumo e destino dos recursos gerados por esta cadeia produtiva. Dessa forma, a sistematização das informações, nesta revista, contribuirá para que falsas polêmicas não ganhem a dimensão que já presenciamos quando do debate sobre a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco em 2004 e 2005 e sobre a "extinção do plantio de Burley" muito propagada por lobistas do setor.

Da mesma maneira, o sistema integrado de produção de tabaco é propalado como o melhor negócio para a agricultura familiar, mas uma leitura detalhada confronta-nos com uma realidade distinta: a produção de tabaco é controlada por poucos grupos multinacionais e o Brasil é, neste momento, o destino principal de produções que desativaram na Europa, Canadá e Estados Unidos. Conhecer com mais detalhes a implicação desta ampliação da produção, em contradição com a informação de que 73% dos agricultores gostariam de diversificar sua produção, constatar que a riqueza gerada fica nas mãos de poucos e que o consumo tende a cair em breve, pode ajudar em muito para que agentes públicos se posicionem com maior clareza, e que a sociedade compreenda melhor as movimentações dos trabalhadores do setor por valorização de seu trabalho e de suas vidas.

Parabenizo o trabalho da equipe do Deser, pelo esforço em buscar dados e contribuições e agradeço pela oportunidade de palpitar em alguns temas. Para mim esta revista será muito útil no dia a dia e certamente ajudará a todos que precisam decidir, em algum momento, sobre os rumos da agricultura familiar no Brasil e no mundo.

Boa leitura a todos.

Albino Gewehr
Técnico Agrícola

deser

Tabaco

Da Produção ao Consumo
Uma cadeia da dependência

Elaboração: Amadeu Bonato; Cleimary Fatima Zotti e Thiago de Angelis
Diagramação: Felipe Augusto Gonçalves Basílio

Apoio:

ACTbr
Aliança de Controle do Tabagismo

HealthBridge

Curitiba - agosto de 2010

Sumário

05 APRESENTAÇÃO

08 História do Fumo no Mundo
10 História do Fumo no Brasil
12 Tipos de Consumo do Tabaco

14 MERCADO MUNDIAL

16 Produção Mundial
18 Consumo Mundial
20 Importações Mundiais
22 Exportações Mundiais
24 Oferta e Demanda Mundiais
26 Organização da Produção em alguns Países Produtores

30 MERCADO BRASILEIRO

32 Produção no Brasil
36 Produção na região Sul
38 Produção na região Nordeste
40 Exportações Brasileiras

42 OS ATORES DA CADEIA PRODUTIVA

44 Os Fumicultores
48 As principais Empresas Fumageiras
56 O Sistema Bancário
58 O Governo
60 A Dinâmica da Produção de Fumo Integração
63 Preços e Negociações
64 Distribuição da Renda do Setor Fumageiro

66 CONSEQUENCIAS DO CONSUMO E CULTIVO DO TABACO

68 O Tabagismo
74 O Uso de Agrotóxicos
76 A Doença da Folha do Tabaco
78 Consequências para o Meio Ambiente
80 O Trabalho Infantil

82 A CONVENÇÃO-QUADRO PARA O CONTROLE DO TABACO

84 CQCT – Avanços e Participação Brasileira
86 O Programa de Apoio à Diversificação Produtiva nas Áreas Cultivadas com Tabaco
87 A Polêmica sobre o Tabaco Burley

88 REFERÊNCIAS
94 ANEXOS

Apresentação

O uso da planta do tabaco é um costume muito antigo na civilização humana. Nos primórdios, essa planta era utilizada pelos indígenas da América do Sul para uso medicinal e também em alguns cerimoniais de culto ao Sagrado. Segundo Sams (1993), o ato de pitar o tabaco era uma forma de oração, que permitia a eles falar a verdade e curar relacionamentos feridos ou rompidos. Com o passar dos anos e o contato com o homem branco, essa planta passou a ser comercializada e beneficiada para a confecção de charutos, cigarros, cigarrilhas, rapé e inúmeros outros derivados, passando desde então a ser utilizada literalmente sem cerimônia.

Do uso em cerimoniais religiosos à industrialização, o tabaco transformou-se em um importante produto para a economia de muitos países que o exploram, numa cadeia bastante complexa, que movimenta diversos setores e gera inúmeros empregos, diretos e indiretos, em todo o mundo.

Só no Brasil, a cultura do fumo envolve em torno de 220 mil famílias, a grande maioria agricultores familiares que arrendam ou possuem pequenas áreas de terra e que têm o fumo como a principal (ou única) fonte de renda da família e ainda sob o sistema integrado de produção. Está presente em 925 municípios que produziram, em 2008, entre 1 e 23,5 mil toneladas, sendo que 469 deles produziram 100 toneladas ou mais.

Embora tenha se tornado importante para a economia dos municípios e das famílias envolvidas existe vários aspectos que interferem no funcionamento do conjunto dessa cadeia produtiva, tanto no que se refere ao processo de produção e comercialização do produto, quanto aos aspectos políticos, sociais, sanitários e ambientais envolvidos.

No Brasil, a aprovação pelo Congresso Nacional da CQCT ampliou ainda mais a importância sobre o debate em torno desta cadeia produtiva, seja na busca de alternativas que visem a redução da dependência econômica entre os que produzem, seja no sentido da diminuição do consumo.

Assim, esse documento busca apresentar os diferentes aspectos que envolvem a cadeia produtiva do fumo, inicialmente destacando os principais acontecimentos históricos relativos à cadeia, no Brasil e no mundo. Em seguida, apresenta números relativos ao mercado mundial, como produção, consumo, importações, exportações e oferta e demanda, além de sucinta descrição de aspectos relativos à cadeia produtiva do tabaco em países como a China, a Índia e a Argentina, entre outros.

No terceiro capítulo, constam dados específicos referentes à evolução da produção e exportações brasileira, destacando as peculiaridades das regiões Sul e Nordeste - principais produtoras nacionais – os municípios mais produtores e as variedades mais produzidas na região Sul.

O quarto capítulo trata da apresentação dos atores envolvidos na cadeia produtiva do fumo, ou seja, os fumicultores, as empresas fumageiras e suas organizações de representação bem como informações sobre o sistema bancário, impostos sobre o tabaco e seus derivados, o processo de negociação de preços e o Sistema de produção Integrada do Tabaco, que há pouco completou 90 anos.

No quinto capítulo são abordadas questões relacionadas às inúmeras conseqüências do consumo e do cultivo do tabaco, como o tabagismo, o uso de agrotóxicos, a doença da folha do tabaco verde, o trabalho infantil e as conseqüências para o meio ambiente.

Por fim, no sexto capítulo são apresentadas mais informações relativas à Convenção-Quadro e ao Programa Nacional de Apoio a Diversificação Produtiva nas Áreas Cultivadas com Tabaco, além da atual polêmica acerca da adição de açúcares e flavorizantes aos produtos do tabaco e do cultivo da variedade Burley.

A presente publicação faz parte de uma iniciativa da ACT em parceria com o DESER, que tem como objetivo, contribuir para que o Brasil tenha políticas públicas abrangentes de controle do tabagismo, que protejam de forma efetiva as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo, produção e exposição à fumaça do tabaco. Os temas expostos, vão além das medidas de redução de consumo do tabaco, abordando também, a situação de vulnerabilidade dos agricultores familiares que produzem fumo no Brasil. É fundamental que, o Brasil avance também no debate sobre desenvolvimento agrícola saudável e sustentável e, que crie políticas públicas agrícolas que dêem oportunidades aos nossos agricultores. Da mesma forma que a maior parte dos fumantes que desejam parar de fumar, não conseguem fazê-lo sem apoio, o mesmo é valido para as milhares de famílias de fumicultores que gostariam de cultivar alimentos e que precisam de apoio para tal.

Presentation

The use of the tobacco plant is a very ancient custom in human civilization. Originally, the plant was used by the indigenous peoples of South America for medicinal purposes, and also in certain ceremonies of religious worship. According to Sams (1993), the act of inhaling tobacco smoke was a form of prayer which made it possible to speak the truth and heal wounded or broken relationships. With the passing of the years and contact with the white man, this plant began to be sold and used for the making of cigars, cigareΣes, cigarillos, snuff and innumerable other derivatives, moving on to being used quite literally without ceremony.

From use in religious ceremonies to its industrialization, tobacco was transformed into a major product in the economy of many countries that use it, in a chain that is quite complex, activating a variety of different sectors and creating a great many jobs, both directly and indirectly throughout the world.

In Brazil alone, the grow ing of tobacco involves around 220 thousand families, the great majority family farmers who lease or own small plots of land and have tobacco as their main (or only) source of family income, while the process continues to function under the integrated production system. It is present in 925 municipalities that produced between one and 23.5 thousand tons in 2008, while 469 of them produced 100 tons or more.

Although it has become important to the economy of the municipalities and the families involved, there are several aspects that interfere with the functioning of the combined elements of this productive chain, both with regard to the process of production and commercialization of the product, as well as the political, social, health and environmental aspects involved. These aspects at present comprise part of the agenda chiefly of the 192 Member-States of the World Health Organization that ratified the Framework Convention on Tobacco Control (FCTC) in 2003.

In Brazil, the ratification of the FCTC by the National Congress expanded even further the scope of the debate on this productive chain, both in the search for alternatives geared towards reducing the economic dependency of those who produce it, as well as with regard to reducing consumption.

Thus, this document seeks to introduce the different aspects involved in the productive chain of tobacco, initially highlighting its key historic events in Brazil and in the world. It then presents figures for the world market, such as production, consumption, imports, exports and supply and demand, along with a succinct description of elements involved in the productive chain of tobacco in countries such as China, India and Argentina, among others. In the third chapter, specific data are set forth concerning the evolution of Brazil's production and exports, emphasizing the peculiarities of its southern and northeastern regions – which are the main national producers – the most productive municipalities and the varieties of tobacco most heavily produced in the southern region.

The fourth chapter concerns the introduction of the actors involved in the productive chain of tobacco, that is, tobacco growers, tobacco companies and their representative organizations, as well as information on the banking system, taxes on tobacco and its derivatives, the process of price negotiation and the Integrated Tobacco Production System, which recently celebrated its 90th anniversary. In the fiŌh chapter, issues relating to the numerous consequences of consuming and growing tobacco are addressed, such as smoking, the use of agrotoxics, green tobacco sickness, child labor and the consequences for the environment.

Finally, in the sixth chapter, additional information is presented on the Framework Convention and the National Program of Support for Productive Diversification in Areas where Tobacco is Grown, as well as the debate about the addition of sugars and flavoring to tobacco products and the growing of the Burley variety. This illustrates how the tobacco industry makes use of family farmers as mass labor to avoid adopting the measures called for by the Framework Convention.

This publication comprises part of an initiative of ACT in partnership with DESER whose purpose it is to contribute to Brazil's development of comprehensive public policies for the control of tobacco addiction, which effectively protects present and future generations from the devastating health, social, environmental and economic consequences generated by the consumption, production and exposure to tobacco smoke. The subjects addressed go beyond measures for the reduction of tobacco consumption, also taking up the situation of the vulnerability of family farmers who produce tobacco in Brazil. It is essential for Brazil also to move forward in the debate on healthy and sustainable agricultural development and to establish public agricultural policies that provide opportunities for our farmers. In the same way that most smokers who wish to stop smoking seldom manage to do so without support, the same holds true for the thousands of families of tobacco growers who would like to plant food and need support to do so.

Presentación

El uso de la planta de tabaco es una costumbre muy anΘgua de la civilización humana. Originariamente, dicha planta era usada por los indígenas de América del Sur con fines medicinales y también en algunas ceremonias de culto sagrado. Según Sams (1993), el acto de pitar tabaco era una forma de oración que permiơa decir la verdad y remediar relaciones vulneradas o quebrantadas. Con el pasar de los años y el contacto con el hombre blanco, dicha planta pasó a ser comercializada y mejorada para la elaboración de puros, cigarros, cigarritos, rapé y muchos otros derivados. Desde entonces, pasó a ser uΘlizada literalmente sin ceremonia alguna.

Del uso de ceremonias religiosas a la industrialización, el tabaco se transformó en un producto importante para la economía de muchos países que lo explotan, en una cadena bastante compleja que involucra a diversos sectores y genera una canΘdad innumerable de puestos de trabajo, directos e indirectos, en todo el mundo.

Solamente en Brasil, la cultura del tabaco gira en torno de 220 mil familias, la grande mayoría son agricultores familiares que arriendan o poseen pequeñas parcelas y que Θenen al tabaco como la principal (o única) fuente de ingresos de la familia e incluso bajo el sistema integrado de producción. Está presente en 925 municipios que en 2008 produjeron entre 1 y 23,5 mil toneladas. Asimismo, 469 de ellos produjeron 100 toneladas o más.

A pesar de haberse tornado importante para la economía de los municipios y de las familias involucradas, hay varios aspectos que interfieren en el funcionamiento del conjunto de esa cadena producƟva, tanto en lo que se refiere al proceso de producción y comercialización del producto, como también en lo que se refiere a los aspectos políƟcos, sociales, sanitarios y ambientales relacionados. Actualmente, dichos aspectos forman parte de las directrices, principalmente, de los 192 Estados Miembro de la Organización Mundial de la Salud que raƟficaron el Convenio Marco para el Control del Tabaco (CMCT) en 2003. En

Brasil, la aprobación del CMCT por parte del Congreso nacional generó una mayor importancia respecto del debate en torno a dicha cadena producƟva, ya sea en lo referido a la búsqueda de alternaƟvas orientadas a reducir la dependencia económica entre los que producen o en lo referido a la disminución del consumo.

De esta manera, dicho documento Θene la finalidad de presentar los diferentes aspectos relaƟvos a la cadena producƟva del tabaco, inicialmente destacando los principales acontecimientos históricos relaƟvos a la cadena, en Brasil y en el mundo. Luego, conƟene cifras sobre el mercado mundial, como la producción, el consumo, las importaciones, las exportaciones y la oferta y la demanda, además de una descripción sucinta de los aspectos relaƟvos a la cadena producƟva del tabaco en países como China, India y ArgenƟna, entre otros.

El tercer capítulo conƟene información específica sobre la evolución de la producción y las exportaciones brasileras y destaca las parƟcularidades de la región sur y nordeste —principales productoras nacionales— y de los municipios y las variedades de mayor producción en la región sur.

El cuarto capítulo trata sobre la presentación de los actores que parƟcipan en la cadena producƟva del tabaco, o sea, los tabacaleros, las empresas tabacaleras y sus organizaciones de representación, y también conƟene información sobre el sistema bancario, los impuestos sobre el tabaco y sus derivados, el proceso de negociación de precios y el sistema de producción integrada del tabaco que hace poco cumplió 90 años.

El quinto capítulo trata cuesƟones relacionadas con las innumerables consecuencias del consumo y del culƟvo de tabaco. También trata sobre el tabaquismo, el uso de agrotóxicos, la enfermedad del tabaco verde, el trabajo infanƟl y las consecuencias para el medio ambiente.

Por úlƟmo, el sexto capítulo conƟene más información sobre el Convenio Marco y el Programa nacional de apoyo a la diversificación producƟva en las áreas de culƟvo de tabaco, además de la polémica sobre la adición de azúcares y saborizantes a los productos de tabaco y sobre el culƟvo de la variedad Burley. Ello ilustra cómo la industria tabacalera se aprovecha de los agricultores familiares como mano de obra para evitar la adopción de las medidas establecidas en el Convenio Marco.

La presente publicación forma parte de una iniciaƟva de ACT en conjunto con DESER y Θene la finalidad de contribuir para que Brasil tenga políƟcas públicas exhausƟvas para el control del tabaco que protejan de manera eficaz a las generaciones presentes y futuras contra las devastadoras consecuencias sanitarias, sociales, ambientales y económicas que genera el consumo y la producción de tabaco y la exposición al humo del tabaco. Los temas expuestos van más allá de las medidas para la reducción del consumo de tabaco ya que también se aborda la situación de vulnerabilidad de los agricultores

A História do Tabaco no Mundo











1000 a.C. – O tabaco é utilizado nas Américas por indígenas em rituais religiosos de culto ao sagrado.

1492 – Cristovão Colombo retorna das Américas à Europa com as primeiras folhas e sementes de tabaco, até então nunca vistas no velho continente.

1530 –1600 - O tabaco chega à China através do Japão e, na África, por meio de comerciantes portugueses e espanhóis. Também, nessa época, o fumo começa

1577 – Médicos europeus recomendam o uso do tabaco para a cura da dor de dentes, queda de unhas, anti-parasitário, mau-hálito, tétano e câncer.

1612 – 1614 – O tabaco começa a ser cultivado comercialmente nas Américas. Na Inglaterra, são abertas 7 mil lojas para vender o tabaco Virgínia.

1710 – Na Rússia, Pedro "o Grande" estimula seus cortesãos a fumar tabaco e tomar café, por ser visto como algo moderno e pró-europeu.

1847 – Na Inglaterra, o Sr. Philip Morris, tabagista e importador de cigarros finos, abre um loja em Londres, onde vende cigarros turcos enrolados à mão. Sete anos mais tarde, ele começa a produzir seus próprios cigarros. Uma das marcas criadas por Philip Morris foi o Malboro, inicialmente para atingir o público feminino.

1880 – Na Inglaterra, Richard Benxon e William Hedges, abrem uma tabacaria próxima à loja do Sr. Philip Morris, em Londres.

1881 – É desenvolvida nos Estados Unidos a primeira máquina para fazer cigarros, patenteada por James Bonsack. Cada máquina podia produzir 120 mil cigarros por dia. Essa invenção potencializou, algumas décadas mais tarde, o crescimento explosivo do consumo de cigarros.

1924 – A revista Reader´s Digest publica: "O tabaco prejudica o corpo humano?". Essa publicação marca, para essa revista, o começo de uma campanha para encorajar a reflexão das pessoas que estão começando a fumar.

1950-1959 – Na China, o Estado passa a controlar o negócio do tabaco e as companhias estrangeiras abandonam o país.

1954 – Nos Estados Unidos ocorre a primeira ação judicial de responsabilidade sobre o produto contra uma companhia de tabaco, pedida pela esposa de um fumante que morreu de câncer.

1972 – O cigarro da marca Marlboro se converte na marca mais vendida do mundo.

1993 – Nos Estados Unidos, executivos da indústria tabacaleira declaram ao congresso que a nicotina não vicia.

1995 - Morre de câncer de pulmão David McLean, o "Homem Marlboro".

2004 - BAT atua politicamente para encerrar processo na Inglaterra que avaliava prática de contrabando efetuado pela empresa e subsidiárias na América Latina. Neste mesmo ano a Phillip Morris paga indenização superior a 2 bilhões de euros à comunidade européia para encerrar processo sobre prática de contrabando pela empresa.

1500

1600

1700

1800

1900

2000

1600 – Na China, o filósofo Fang Yizhi cita que fumar por longos anos causa problemas nos pulmões.

1633 – 1634 – Na Turquia e na China é imposta pena de morte por fumar.

1719 – Na França ocorre a proibição do consumo do tabaco em muitos lugares.

1761 – Na Inglaterra é publicado um estudo do Dr. John Hill sobre os efeitos nocivos do tabaco.

1800 – No Canadá o tabaco passa a ser cultivado comercialmente.

1862 – Nos Estados Unidos é introduzido o primeiro imposto federal sobre o tabaco, com o intuito de auxiliar a financiar a guerra civil.

1901- 02 – Na Inglaterra são fundadas as empresas: Imperial Tobacco Limited (ITL) e British American Tobacco (BAT).

1913 – Surge, nos Estados Unidos, o cigarro moderno, com o lançamento da marca Camel.

1929 – Nos Estados Unidos, Edward Bernays organiza uma "marcha da liberdade" com o intuito de fortalecer a luta pela liberdade de fumar. Na Alemanha, Fritz Lickint publica a primeira evidência estatística formal de que casos de câncer de pulmão estariam atrelados ao consumo do tabaco.

1947 – No Canadá, o Dr. Normam Delarue realiza uma importante pesquisa que conclui pela estreita relação entre o câncer de pulmão e o tabagismo.

1950-01 – Nos Estados Unidos e Reino Unido são publicados estudos confirmando a conexão entre o tabagismo e o câncer de pulmão.

1957 – No Vaticano, o Papa Pio XII sugere que a ordem jesuíta deve deixar de fumar.

1965 – A Organização Mundial da Saúde estabelece a Agência Internacional de Investigação do Câncer, com base em Lyon, na França. Nesse mesmo ano, no Reino Unido, passa a ser proibido a publicidade em televisão para fomentar o consumo de cigarros.

1967 – Nos Estados Unidos, realiza-se a primeira Conferência Mundial sobre o tabaco e a saúde.

1971 – No Reino Unido, é criada a primeira organização nacional de controle do tabaco. Nesse mesmo ano, nos Estados Unidos os fabricantes de cigarro concordam, pela primeira vez em colocar advertências à saúde junto aos avisos publicitários

1981- No Japão, o professor Takeshi Hirayama publica relatório associado ao tabagismo passivo e ao câncer de pulmão nas esposas de homens que fumam.

1988 – A OMS organiza seu primeiro dia sem tabaco, que posteriormente foi convertido em um evento anual, celebrado em 31 de maio, com diferentes temas a cada ano e prêmios comemorativos.

1999 – A proposta da criação do primeiro tratado internacional de saúde pública da história da humanidade, foi aprovada durante a 52ª Assembléia Mundial da Saúde.

2000 – Realiza-se a Aliança da Convenção Quadro formada por ONG´s com o objetivo de aprovar a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, no âmbito da OMS – Organização Mundial da Saúde.

2003 – A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco é aprovada por unanimidade pelos 192 Estados-Membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), durante a 56ª Assembléia Mundial da Saúde.

2004 – Na Irlanda proíbe-se fumar em ambientes de trabalho, inclusive em bares e restaurantes. Um ano após essa proibição, o consumo de cigarros diminuiu 18% no país.

2005 – Entra em vigor, no dia 27 de fevereiro, a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, tendo alcançado a marca de 40 ratificações.

2006-2007-2008 – É realizada a Primeira, Segunda e Terceira Conferência das Partes (COP1, 2, e3) – Órgão que governa a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, em Genebra, Suíça, Bancoc, Tailândia e Durban na África do Sul, respectivamente.











A História do Tabaco no Brasil

PHILIP MORRIS BRASIL

BRITISH AMERICAN TOBACCO

SOUZA CRUZ



1500 – O fumo já fazia parte dos rituais dos indígenas que viviam no território.

1630-1645 - Durante a ocupação holandesa em Pernambuco, o fumo produzido ocupou papel importante na carteira comercial de produtos oferecidos pela Companhia das Índias Ocidentais.

1656 – É criada a Junta de Tabaco, que funcionou até 1833, com a função de evitar o contrabando do produto.

1674 – Estabeleceu-se o monopólio português do tabaco, dando início a uma pesada tributação sobre o fumo.

1822 – A planta do tabaco passa a fazer parte do brasão brasileiro, ainda no período imperial.

1850 - O fumo baiano passou a ser o principal gênero de comércio no escambo dos escravos com a África, chegando a representar 30% das exportações de fumo no Brasil Colonial.

1889 – O país passa pelo regime republicano, o brasão é alterado, mas a planta do tabaco continua até a atualidade.

1903 – É fundada a companhia de tabacos Souza Cruz.

1901-1930 - Ocorreu a concentração espacial, agrícola e industrial, e o fumo passou a ser cultivado também em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com a chegada dos imigrantes europeus.

1914 – A British American Tobacco (BAT) torna-se controladora acionária da Souza Cruz.

1918 – É criado pela BAT o sistema integrado de produção de fumo.

2010 - Philip Morris anuncia compra de contratos da Universal Leaf Tabacos e da Aliance One, e pela primeira vez na história passa a ter produtores integrados na empresa.

1500

1600

1700

1800

1900

2000

1674 - Em 14 de julho cria-se uma lei que obrigava todas as pessoas que possuíssem tabaco, tanto de rolo como em pó, a manifestar a sua existência.

1985 - O Ministério da Saúde criou um Comitê Consultor para o controle do tabagismo, que foi incorporado à Divisão de Saúde Pulmonar.

1986 – A Lei Federal 7.488 estabeleceu a data de 29 de agosto como o Dia Nacional de Combate ao Fumo.

1993 – O país se insere na iniciativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) promovendo o Dia Mundial Sem Tabaco, tendo como lema "Juventude Livre do Tabaco".

1995 – O governo implanta o Programa Nacional de Controle do Tabagismo.

1996 - Aprovação e promulgação da Lei 9294/96 - Restringe o consumo de tabaco e ambientes coletivos.

1999 - O governo cria a Comissão Nacional para o Controle do Tabaco (CNCT). A criação da ANVISA, no mesmo ano, permitiu que o governo avançasse de forma significativa através de medidas regulatórias e na aplicação da legislação específicas para o setor.

2000 – Lei Federal 10.167 proíbe a propaganda de cigarros nos meios de comunicação.

2001- Os fabricantes ou importadores de produtos de tabaco, no Brasil, são obrigados por lei, a inserirem advertências sanitárias acompanhadas de fotos, ocupando 100% de uma das maiores faces dos maços de cigarros.

2003 – Decreto 4.789, cria a Comissão Nacional para a Implementação da Convenção-Quadro (CONICQ), em substituição a CNCT.

2005 – Ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco no Brasil.

2005 – Criação do Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco.

2007 – Brasília torna-se a primeira cidade livre do consumo de tabaco em ambientes fechados.

2009 – Estados brasileiros adotam legislações que regulam ambientes livres de tabaco.





Agência Nacional de Vigilância Sanitária

29 de Agosto dia Nacional do Combate ao Fumo

Brasil UNIDO CONTRA O TABACO





Tipos de consumo de Tabaco

Em nível mundial, o tabaco está vinculado a diversas formas de consumo, podendo ser inalado, tragado ou mastigado, variando conforme a cultura, regiões ou países. As principais formas baseiam-se no uso do tabaco sem combustão, no uso do rapé e do tabaco mascado e na combustão do tabaco, com o uso principalmente de cigarros, charutos, bidis, gudan, narguilé e do cachimbo.

RAPÉ SECO

A palavra Rapé, deriva do francês "râper" que significa raspar. O tabaco é moído até virar pó para ser inalado e absorvido pela mucosa. Foi utilizado por muito tempo na Europa, mas seu uso está em queda. No Brasil o rapé é mais utilizado na região Norte. Existem vários tipos de rapé. Normalmente têm como base o tabaco onde são adicionados outros vegetais, como o girassol, por exemplo, minerais ou até fungos (cogumelos). Podem ser utilizados como expectorante ou sem motivo específico. Devido ao seu uso em rituais pelos índios das florestas brasileiras, é considerado uma substância enteógena (utilizadas para fins religiosos em busca da manifestação do divino), colocando-o no hall de plantas psicoativas.



RAPÉ ÚMIDO

Usado no mundo todo, principalmente na Europa e Estados Unidos, o rapé úmido é moído e vaporizado, reduzindo assim alguns agentes cancerígenos mas, mesmo assim, apresenta problemas de saúde para os que o consomem. Diferente do rapé seco, ele é levado à boca entre a bochecha e a gengiva e absorvido pelas mucosas.

CACHIMBO

É um instrumento para fumar utilizado no mundo todo, composto de duas partes: fornilho e piteira. No fornilho, o usuário deposita o tabaco, seguindo técnicas de enchimento e, pelo duto de ar (pipeta), aspira a fumaça para a boca. Para esse tipo de uso, o tabaco sofre um processo especial de preparação: as folhas são enroladas, passando por um processo de cura e maturação, onde posteriormente são picadas, tornando-se aptas para o consumo. O uso do cachimbo teve início nas Américas, onde fazia parte de rituais sagrados dos povos ameríndios significando, para algumas culturas, a união do mundo terrestre (representado pelas folhas) com o celeste (representado pela fumaça).



CIGARRO INDUSTRIALIZADO

O cigarro é uma pequena porção de tabaco seco e picado, enrolado em papel fino, e dispõe de um sistema de filtro, geralmente de fibras de acetato de celulose. Há controvérsias sobre sua origem. Por volta de 1830, ele foi inserido na França e lá recebeu o nome cigarette. A partir de 1845 começou a ser produzido em escala industrial, sob monopólio estatal, e no século XX seu uso espalhou-se por todo o mundo de maneira enérgica, impulsionado pela publicidade e marketing. Para consumi-lo, o produto é aceso na ponta oposta ao filtro que é levada à boca quando é tragado.



CIGARROS DE ENROLAR

É feito pelo próprio fumante, que se utiliza de tabaco solto picado e papel ou palha de milho para enrolá-lo. Para consumir o produto, basta acender uma das pontas e então tragá-lo. Como não possui filtro, os usuários deste tipo de cigarro ficam expostos a partículas de tabaco e altas concentrações de nicotina, nitrosaminas e alcatrão, correndo sérios riscos de desenvolver câncer na boca, laringe, faringe, pulmões e esôfago.

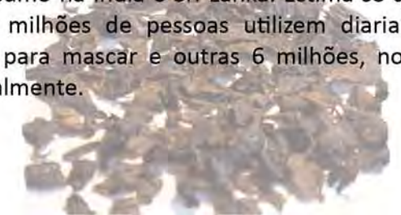
CHARUTOS

A palavra charuto deriva provavelmente da palavra maia sik'ar. São feitos de ar-curado e fermentado de tabaco com um invólucro de folha de tabaco. O envelhecimento e longo processo de fermentação produzem altas concentrações de compostos cancerígenos que são liberados na combustão. O charuto pode ser feito à mão ou à máquina, geralmente fechado em uma das extremidades, após a remoção de parte da cabeça (parte fechada do charuto) é aceso na outra extremidade e fumado a partir da abertura feita pelo corte. Eles são produzidos em vários países, como Cuba (que possui o título de melhor produtor do mundo), Brasil, Itália, Suíça e Alemanha, entre outros.



FUMO MASCADO

É uma das mais antigas modalidades de consumo do tabaco. É levado à boca, sendo chupado ou mascado. Atualmente, as folhas para mascar podem ser curadas antes ou após terem sido torcidas em rolos e podendo-se adicionar sabores como whisky, rum, etc. Atualmente, ainda é utilizado principalmente no sul dos Estados Unidos e no interior dos países latino-americanos. Apresenta ainda importante prevalência de consumo na Índia e Sri Lanka. Estima-se que cerca de 5,5 milhões de pessoas utilizem diariamente o tabaco para mascar e outras 6 milhões, no mínimo semanalmente.



BIDIS

É um cigarro indiano, muito consumido no sul da Ásia, fino feito com 0,2 a 0,3 gramas de fios de rapé, envolto em uma folha de tendu (ou temburini, Diospyros melanoxylon), e amarrado com um fio colorido em uma ou ambas as extremidades. Embora o consumo do bidi implique em maior consumo de nicotina, monóxido de carbono e alcatrão que o cigarro convencional, devido ao baixo custo em relação aos cigarros convencionais, é muito popular entre os fumantes de menor poder aquisitivo.



KRETEKS, GUDAN OU BALI

São cigarros de cravo, muito consumidos na Indonésia. O tabaco usado contém, em média, três vezes mais alcatrão, nicotina e monóxido de carbono que o tabaco usado nos cigarros comuns. Estudos (LaVoie; Clark, G.C.) têm demonstrado que a incidência de câncer é muito maior nos fumantes de kreteks do que nos fumantes regulares. Os constituintes do cravo também são tóxicos, e sua toxicidade aumenta 1.500 vezes se os componentes são inalados em vez de ingeridos. Outro risco refere-se ao eugenol, que proporciona um efeito anestésico, dando a sensação de suave frescor, fazendo com que os usuários acabem fumando cigarros extremamente fortes, repetidas vezes ao dia.

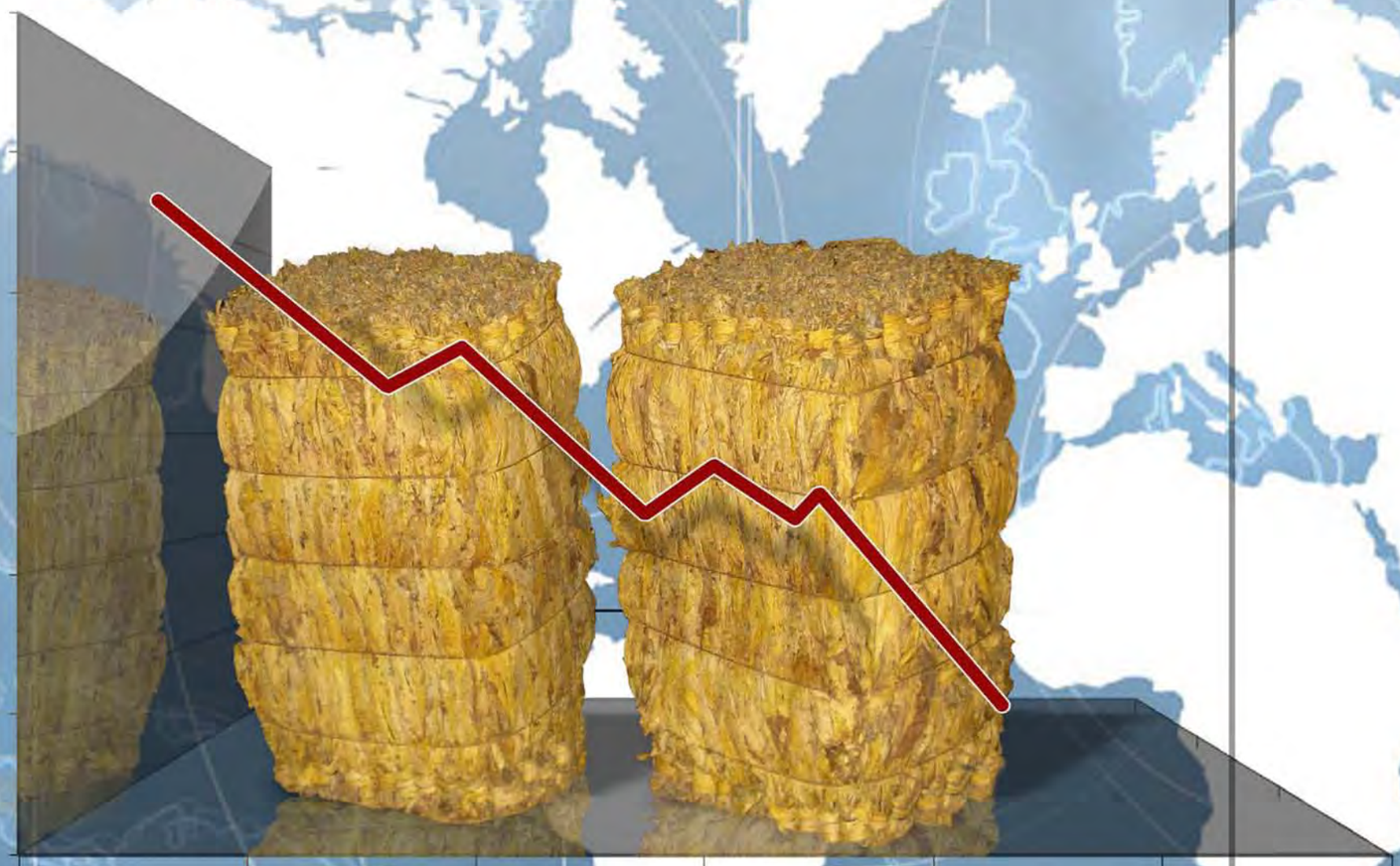


NARGUILÉ

Oriundo do Oriente, é um cachimbo de água utilizado para fumar. Há diferenças regionais no formato e no funcionamento, mas o princípio comum é que o tabaco é queimado em uma tigela com carvão e arrefecido por filtração ao passar pela água antes de chegar ao fumante e ser aspirado. O tabaco utilizado nos narguilés é conhecido popularmente como "essência", usualmente feito com tabaco, melaço e frutas ou aromatizantes. São mais utilizados no norte da África, na região do Mediterrâneo e partes da Ásia.



Mercado Mundial

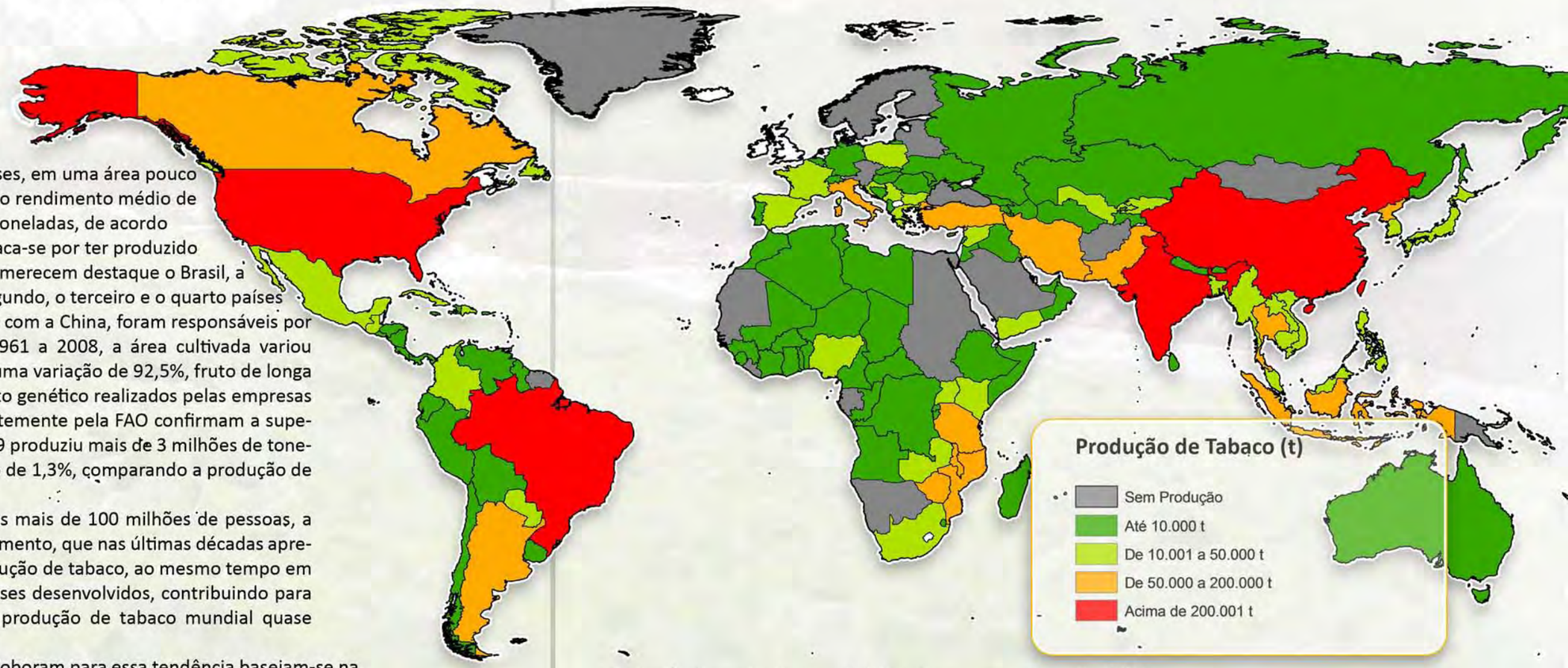


O tabaco é uma das culturas agrícolas não alimentícias mais importantes da atualidade e contribui com a economia de aproximadamente 130 países. Disseminado em todos os continentes, é cultivado em distintas áreas do globo terrestre, contando com diferentes variedades e cultivares, adaptadas a diversos tipos de solo, clima e nível tecnológico. A cultura do tabaco permite que seja cultivado tanto por agricultores familiares da região Sul do Brasil ou do continente africano, quanto por médios e grandes produtores da Argentina, por exemplo. Essa diversidade de situações é capaz de produzir milhões de toneladas de tabaco anualmente, que acabam sendo comercializados por um número bastante reduzido de empresas.

Neste capítulo serão apresentadas informações referentes à evolução da produção e ao consumo mundial, dados de importações e exportações, bem como o balanço de oferta, demanda e estoques do tabaco ao longo dos anos. Ainda, como se dá a cadeia produtiva do tabaco em alguns dos principais países produtores, destacando suas peculiaridades em relação ao próprio cultivo e à organização da cadeia como um todo.

Eu falo bem do fumo, agora, não mando ninguém e nem peço pra ninguém fumar... até me contradigo porque eu critico quem fuma, eu pego no pé. E o certo era eu incentivar porque se não, não teria colocação o que eu planto, né! (A.G, fumicultor).

Produção Mundial



Em 2008, o tabaco foi cultivado por 128 países, em uma área pouco superior a 3,6 milhões de hectares, apresentando rendimento médio de 1.860 kg/ha e produção total de 6,8 milhões de toneladas, de acordo com dados apresentados pela FAO. A China destaca-se por ter produzido 42% da produção total mundial, porém também merecem destaque o Brasil, a Índia e os Estados Unidos, respectivamente o segundo, o terceiro e o quarto países que mais produziram tabaco em 2008, que junto com a China, foram responsáveis por 77,5% da produção mundial. No período de 1961 a 2008, a área cultivada variou apenas 8,8%, enquanto a produção apresentou uma variação de 92,5%, fruto de longa e avançada evolução tecnológica e melhoramento genético realizados pelas empresas tabagistas. Dados preliminares divulgados recentemente pela FAO confirmam a superioridade alcançada pela China, que na safra 2009 produziu mais de 3 milhões de toneladas de tabaco. Já o Brasil, apresentou aumento de 1,3%, comparando a produção de 2008 e 2009.

Em toda a cadeia produtiva, estão envolvidas mais de 100 milhões de pessoas, a grande maioria, oriunda de países em desenvolvimento, que nas últimas décadas apresentaram um aumento de mais de 300% da produção de tabaco, ao mesmo tempo em que decaiu em mais de 50% a produção dos países desenvolvidos, contribuindo para que do início da década de 1960 até 2008 a produção de tabaco mundial quase dobrasse.

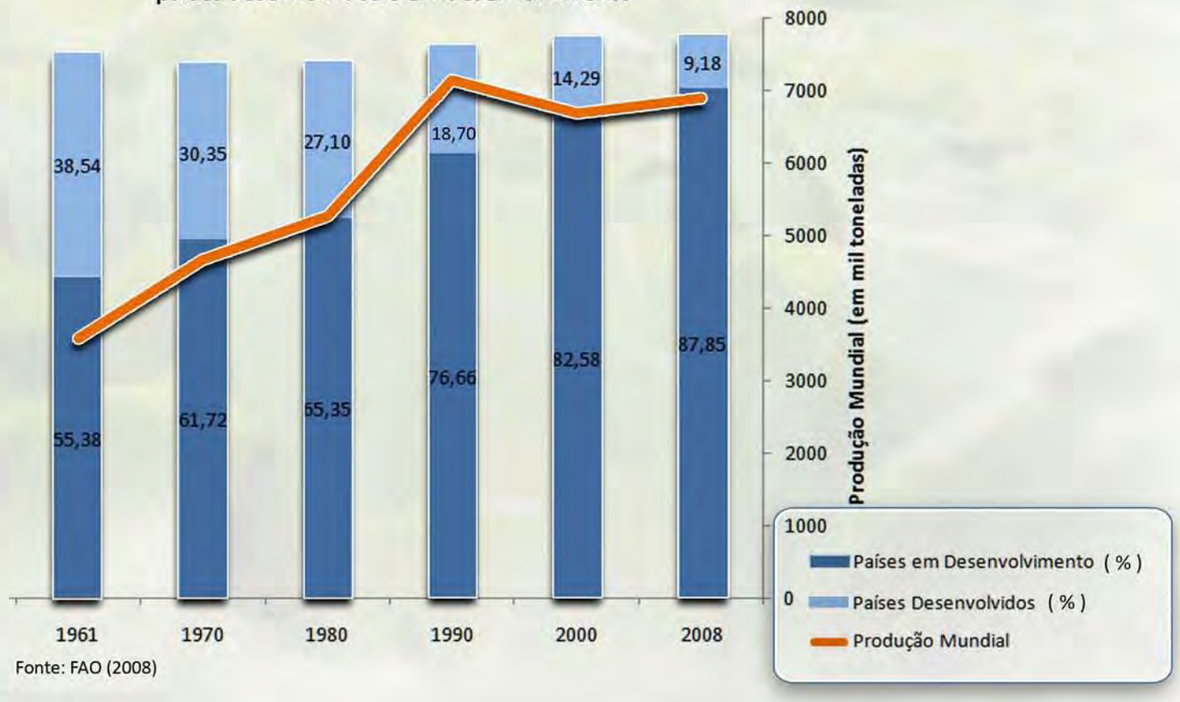
Os principais fatores que corroboram para essa tendência baseiam-se na demanda de tabaco devido ao consumo mundial, os baixos custos com a mão de obra encontrada nos países em desenvolvimento, a maior lucratividade por área cultivada, que favorece a admissão de pequenos produtores rurais. Para se ter uma idéia, em 2008 o tabaco foi cultivado sob uma vasta diversidade de cultivares, variedades, climas e tipos de solos, movimentando só no Brasil, mais de R$16 bilhões.

Produção de tabaco nos principais países produtores em 2008 (em mil toneladas)



Fonte: ITGA/AFUBRA (2009)

Evolução da produção mundial de tabaco e a participação (%) dos países desenvolvidos e em desenvolvimento



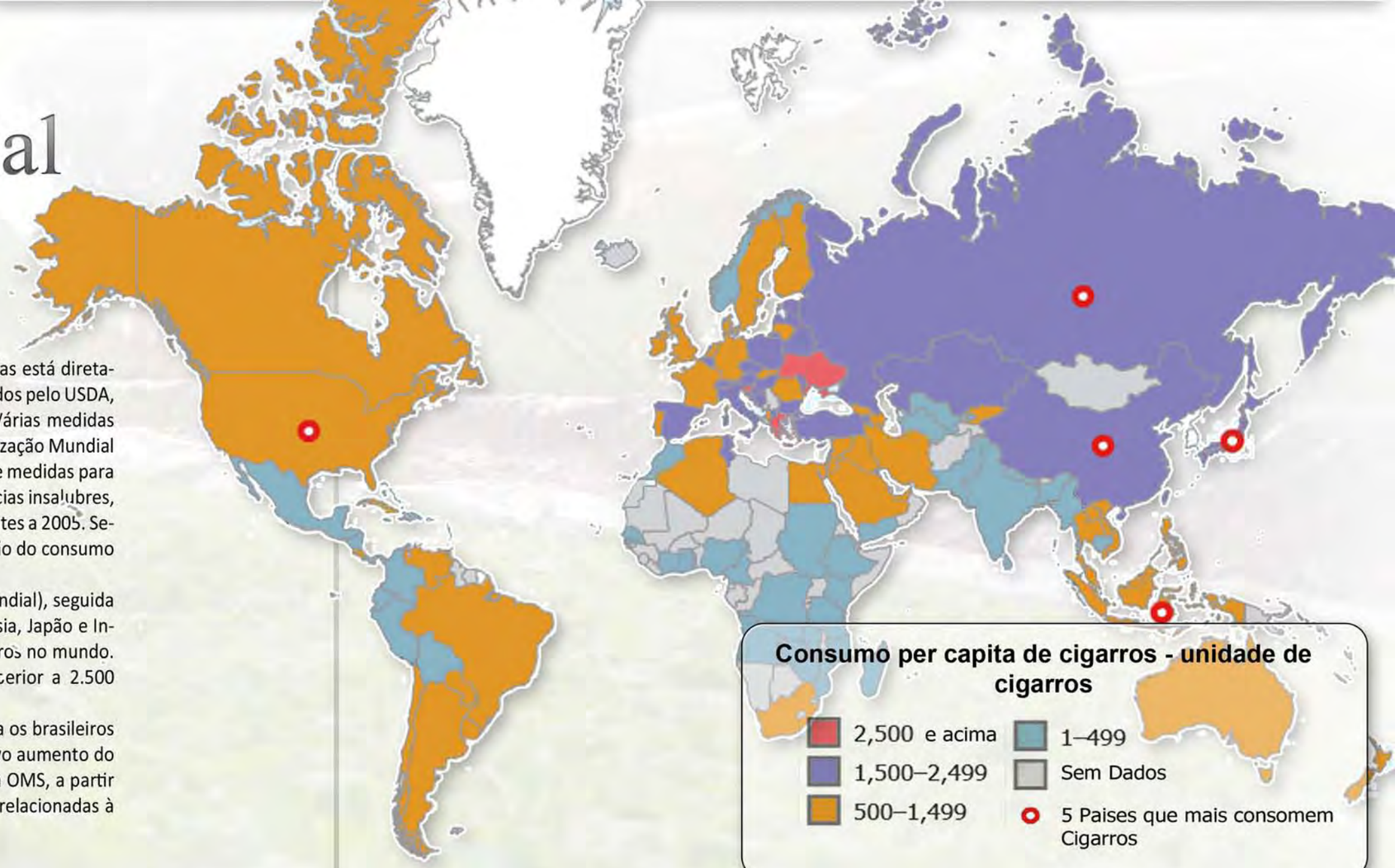
Fonte: FAO (2008)

Consumo Mundial

O aumento da produção de tabaco ocorrido ao longo das últimas décadas está diretamente atrelado ao aumento do consumo mundial que, conforme dados fornecidos pelo USDA, apresentou seu ápice em 2005, quando chegou a 6,3 milhões de toneladas. Várias medidas vinculadas à Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, aprovada na Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2005, prevendo esforços em nível mundial para a adoção de medidas para deter a expansão do consumo de tabaco e, por decorrência, de suas conseqüências insalubres, vêm contribuindo para a diminuição do consumo que se verifica nos anos seguintes a 2005. Segundo dados da FAO, nos últimos quatro anos (2005 a 2009) houve uma redução do consumo mundial em 5%, principalmente nos países desenvolvidos.

Entre os principais países consumidores de tabaco estão a China, (líder mundial), seguida pela Índia, Estados Unidos, Rússia e a Indonésia. A China, Estados Unidos, Rússia, Japão e Indonésia destacam-se também entre os cinco países que mais consomem cigarros no mundo. Merece destaque, a Ucrânia, onde o consumo per capita de cigarros é superior a 2.500 unidades/ano.

Ainda em relação ao consumo de cigarros mais especificamente, que é para os brasileiros a forma mais comum de consumo do tabaco, percebe-se que houve significativo aumento do consumo entre a década de 1880 até 2010. No entanto, segundo projeções da OMS, a partir de 2014 o número de fumantes diminuirá significativamente, fruto das ações relacionadas à Convenção-Quadro.



Evolução do consumo mundial de tabaco em folha (em mil t)



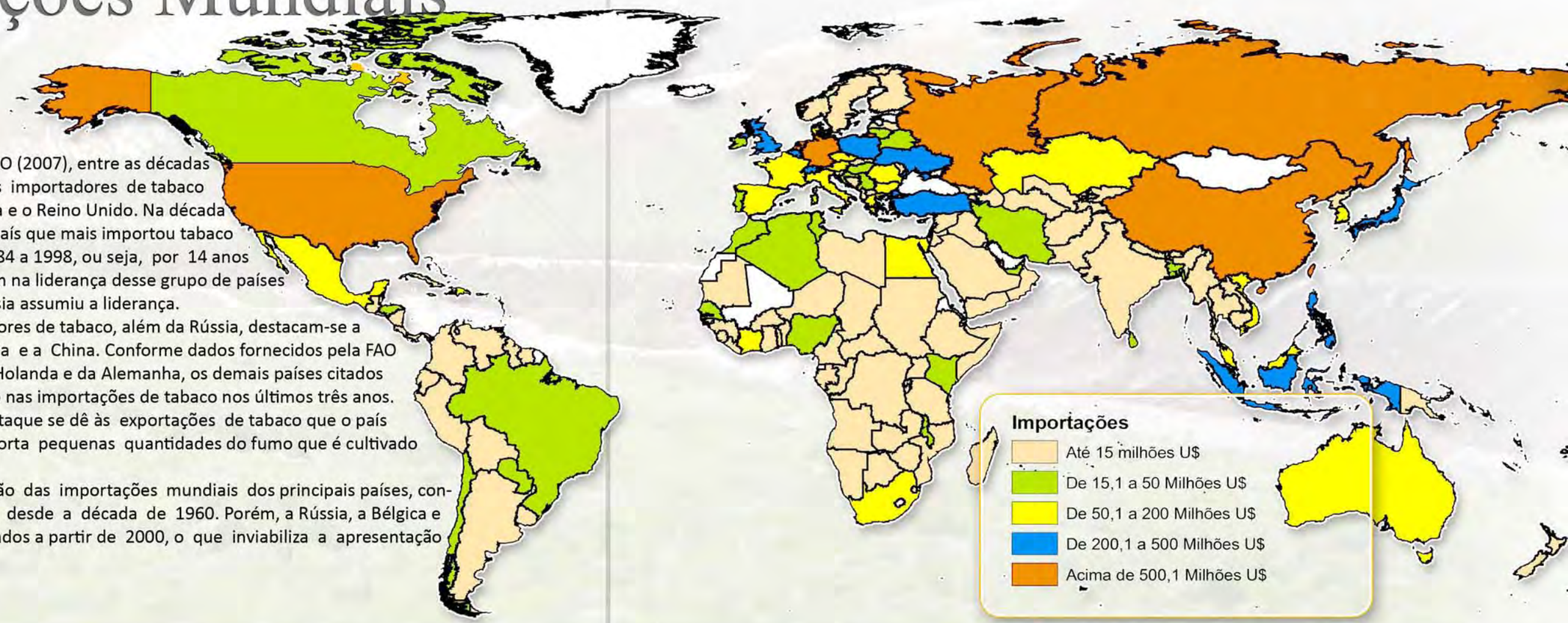
Fonte: FAO, (2010).

Evolução do consumo mundial de cigarros (em bilhões de unidades)



Fonte: El Atlas del Tabaco, (2009).

Importações Mundiais

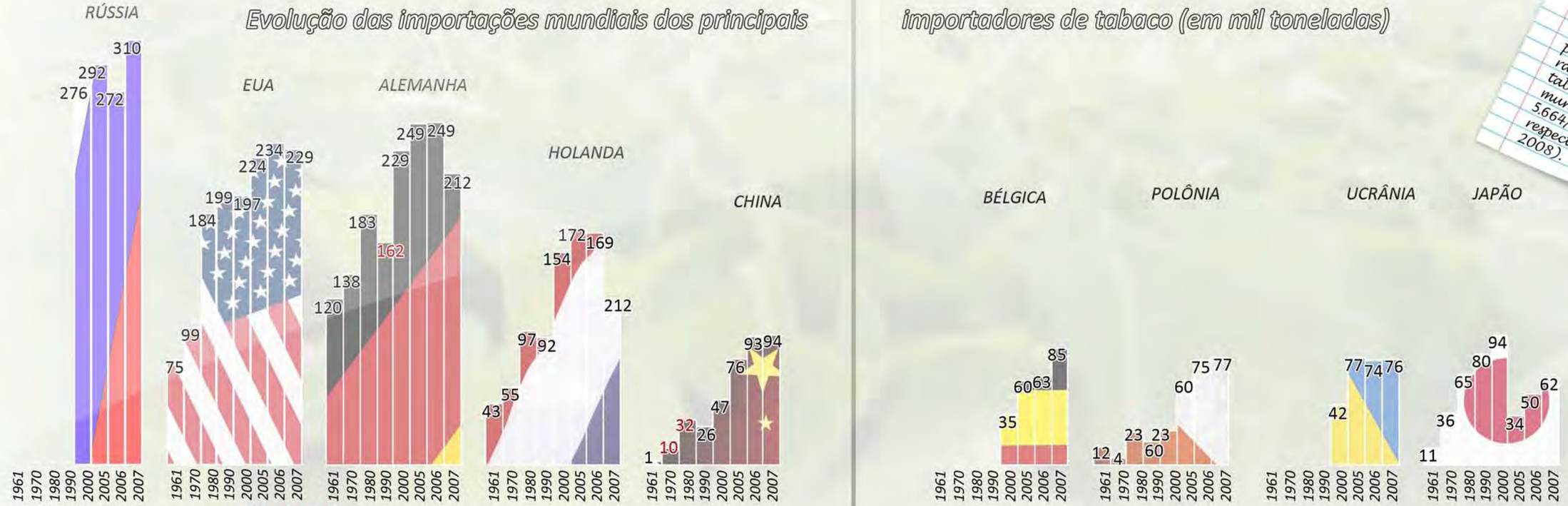


Historicamente, de acordo com a FAO (2007), entre as décadas de 1960 e 1970, na liderança dos países importadores de tabaco estiveram apenas dois países: a Alemanha e o Reino Unido. Na década seguinte, nos primeiros anos de 1980, o país que mais importou tabaco foi a Alemanha, porém no período de 1984 a 1998, ou seja, por 14 anos consecutivos, os Estados Unidos estiveram na liderança desse grupo de países importadores. Entre 1999 até 2007 a Rússia assumiu a liderança.

Atualmente, entre os países importadores de tabaco, além da Rússia, destacam-se a Alemanha, os Estados Unidos, a Holanda e a China. Conforme dados fornecidos pela FAO (2008), percebe-se que, com exceção da Holanda e da Alemanha, os demais países citados apresentaram leve tendência de aumento nas importações de tabaco nos últimos três anos. Em relação ao Brasil, embora o maior destaque se dê às exportações de tabaco que o país realiza, cabe ressaltar que o mesmo importa pequenas quantidades do fumo que é cultivado na Argentina.

O gráfico abaixo apresenta a evolução das importações mundiais dos principais países, conforme dados disponibilizados pela FAO, desde a década de 1960. Porém, a Rússia, a Bélgica e a Ucrânia só possuem dados disponibilizados a partir de 2000, o que inviabiliza a apresentação das décadas anteriores.

Evolução das importações mundiais dos principais importadores de tabaco (em mil toneladas)

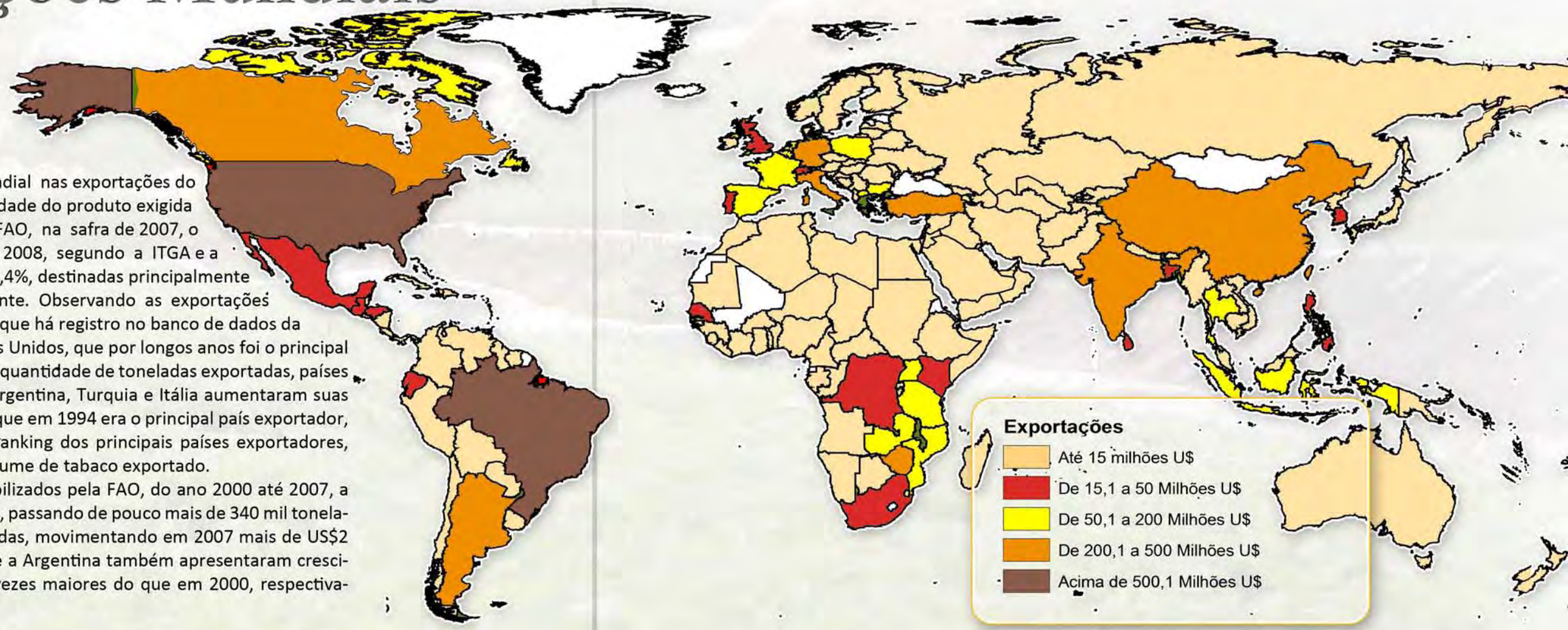


Fonte: FAO (2008)

• Valor não oficial

Em 2007, a Suíça e a China foram os dois países que mais pagaram pela tonelada de tabaco importado no mundo, chegando a U$ 5.664/ton e U$ 5.480/ton, respectivamente! (FAO, 2008).

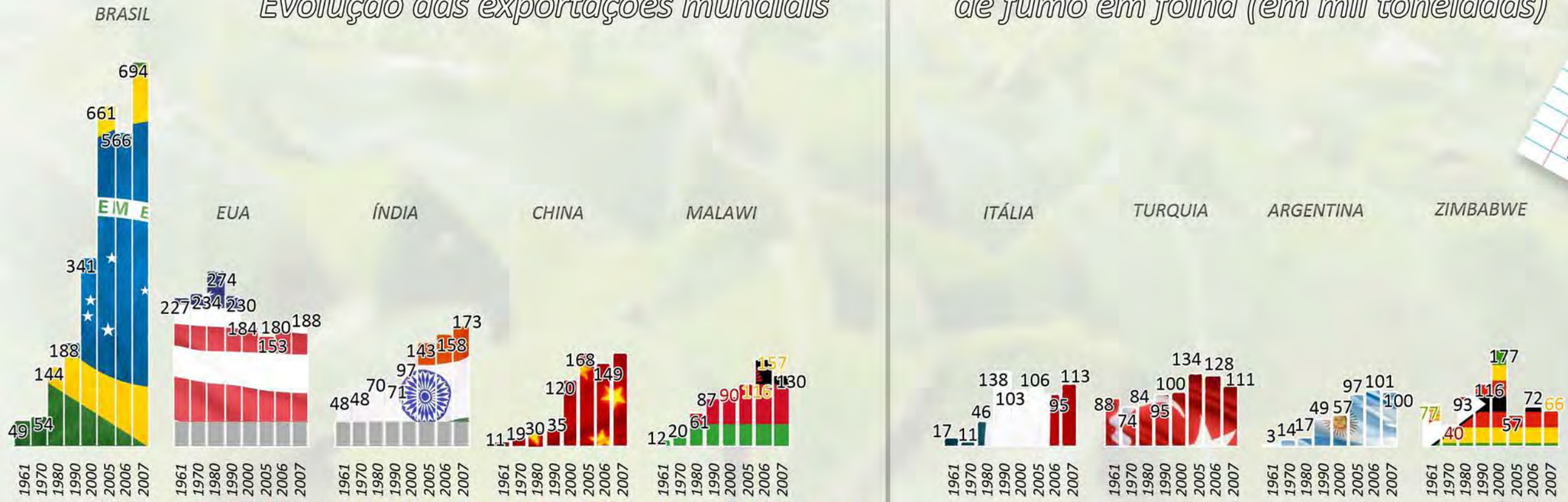
Exportações Mundiais



Desde 1995, o Brasil é o líder mundial nas exportações do tabaco, um patamar alcançado pela qualidade do produto exigida pelos padrões internacionais. Segundo a FAO, na safra de 2007, o país exportou 76,4% da produção; já em 2008, segundo a ITGA e a Afubra, as exportações representaram 89,4%, destinadas principalmente à União Européia e ao Extremo Oriente. Observando as exportações mundiais desde 1961, o primeiro ano em que há registro no banco de dados da FAO, percebe-se que enquanto os Estados Unidos, que por longos anos foi o principal país exportador, praticamente manteve a quantidade de toneladas exportadas, países como o Zimbabwe, Brasil, China, Índia, Argentina, Turquia e Itália aumentaram suas exportações. O Zimbabwe, por exemplo, que em 1994 era o principal país exportador, em 2007 apresentou a 11ª posição no ranking dos principais países exportadores, tendo reduzido nesse período 22% do volume de tabaco exportado.

Já no Brasil, conforme dados disponibilizados pela FAO, do ano 2000 até 2007, a quantidade de tabaco exportado duplicou, passando de pouco mais de 340 mil toneladas para pouco menos de 695 mil toneladas, movimentando em 2007 mais de US$2 bilhões. Junto ao Brasil, a China, a Índia e a Argentina também apresentaram crescimento, com quantidades 1,4, 1,8 e 1,7 vezes maiores do que em 2000, respectivamente.

Evolução das exportações mundiais de fumo em folha (em mil toneladas)



Fonte: FAO (2008)

• Valor não oficial • Estimativa FAO • Dados estimados utilizando banco de dados de Parceiros Comerciais

Em 2009 os principais importadores de tabaco do Brasil foram a Bélgica, a China, os Estados Unidos, a Alemanha, a Holanda, a Rússia e a Indonésia. Juntos esses países correspondem a 62,7% do montante total exportado!

Oferta e Demanda Mundial

Comparando dados das safras de 2000 a 2004, disponibilizados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e das safras de 2005 a 2009, disponibilizados pela Associação Internacional de Produtores de Tabaco (ITGA), percebe-se que, nas últimas dez safras, houve pequenas variações no que diz respeito às quantidades de tabaco exportado e importado em nível mundial. No entanto, enquanto a produção sofreu variações, diminuindo em 2007 e 2008 e voltando a aumentar em 2009, produzindo mais tabaco do que em 2000 (quando comparado a dados fornecidos pelo USDA), o consumo apresentou diminuição, principalmente até 2008. Assim, também o estoque final apresentou o mesmo comportamento, ou seja, diminuiu até 2008 e, em 2009, apresentou um aumento de 4% em relação ao ano anterior e se comparado a 2000, apresenta uma diminuição de 72% no estoque final.

Co-relacionando as tendências apresentadas pela produção, pelo consumo mundial e estoque final, percebe-se que a produção mundial, salvo pequenas variações, tem se mantido semelhante à produção realizada na safra de 2000, tendo diminuído apenas 2% nesse período. Enquanto isso, o consumo mundial diminuiu 5%, apresentando queda nos países desenvolvidos e crescimento nos países em desenvolvimento.

Evolução da oferta e demanda mundial de fumo em folha (toneladas)

Balanço	Ano				
	2000	2001	2002	2003	2004
Produção	6.399.533	5.853.824	5.722.748	5.380.078	5.743.417
Exportação	2.131.742	2.241.100	2.091.889	2.049.033	2.161.629
Importação	2.538.505	2.510.148	2.087.768	2.040.720	1.885.311
Consumo	5.816.087	6.983.165	5.995.260	5.950.200	5.739.700
Estoque Final	8.382.279	7.521.986	7.079.940	6.495.344	6.150.959

Fonte: USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).

Balanço	Ano				
	2005	2006	2007	2008	2009
Produção	7.022.370	6.937.080	6.424.090	6.348.020	6.904.210
Exportação	2.241.390	2.293.200	2.267.290	2.280.250	2.289.970
Importanção	2.241.390	2.293.200	2.267.290	2.280.250	2.289.970
Consumo	6.325.130	6.160.680	5.996.220	6.002.220	6.008.220
Estoque Final	5.247.360	5.330.050	4.950.180	4.661.180	4.866.750

Fonte: ITGA (Associação Internacional dos Produtores de Tabaco)

MUDANÇAS NO CENÁRIO MUNDIAL QUE PODEM AFETAR A CADEIA DO FUMO

São vários os fatores que podem influenciar as tendências na cadeia produtiva do tabaco em nível mundial, especialmente no que se refere à produção, tanto no quanto como onde se produz. O estudo da FAO, realizado em 2002, sobre as "Projeções de produção, consumo e comércio de tabaco até o ano 2010", cita que um dos aspectos que interferem no crescimento do consumo é a taxa de crescimento populacional, especialmente a da população adulta (maiores de 15 anos), que aumenta nos países em desenvolvimento, onde o consumo de tabaco vem apresentando aumento principalmente influenciado pela urbanização, onde o consumo de tabaco é maior, o crescimento do consumo pela população feminina e o aumento da renda.

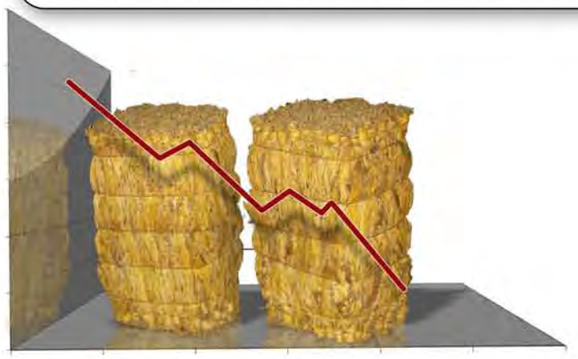
Por outro lado, como fatores que tendem a desestimular o consumo e, por conseqüência, afetar a produção, está a política de preços dos cigarros, onde se verifica que o valor do conteúdo do fumo em si é, para o consumidor, cada vez mais baixo. Por outro lado, há fortes tendências (e pressões) para aumentos na carga de impostos, resultando em aumentos significativos no preço de varejo, especialmente nos países em desenvolvimento. É, igualmente, de grande importância, a crescente consciência dos males e riscos à saúde associados ao uso do tabaco, fortemente divulgados por ações governamentais e organizações da sociedade civil. Outro aspecto desestimulante foi a mudança nas políticas e a redução dos níveis de subsídio ao cultivo do tabaco, que influenciou a redução na produção, nos países desenvolvidos.

Por fim, as ações dos governos, particularmente com a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), que incluem restrições ao tabagismo em locais públicos, à propaganda, redução dos subsídios e aumento de impostos aliados às campanhas de conscientização, que certamente vêm auxiliando na redução dos números relativos à produção e ao consumo do tabaco em nível mundial.

Cabe salientar que, na época da realização do estudo da FAO, mesmo considerando a possibilidade da aprovação da CQCT, não havia clareza do seu potencial de mobilização e da rapidez com que ocorreu. A CQCT marcou história nos tratados da ONU, como aquela que mais rapidamente entrou em vigor, pela rápida adesão de um conjunto significativo de países as suas medidas.

Principais fatores que influenciam na demanda mundial de tabaco

- Aumento das tributações sobre os produtos;
- Restrições à propaganda e comercialização dos produtos;
- Proibição do consumo de cigarro em ambientes fechados;
- Medidas governamentais que responsabilizam os fabricantes de produtos do tabaco pelos efeitos adversos à saúde associados ao tabagismo;



De acordo com Iglesias, 2007, um aumento de 72% no IPI correspondente ao cigarro, aumentaria os preços em aproximadamente 14%, reduziria o consumo por adulto em 7%, e aumentaria em 60% as receitas fiscais oriundas do tabaco.

Organização da Produção em alguns Países

A cadeia produtiva do tabaco apresenta inúmeras peculiaridades, de acordo com o país ou região em que é produzido. Apesar da comercialização do tabaco ser realizada por um número reduzido de multinacionais, o mercado mundial é altamente competitivo. Pressões exercidas por ações antitabagistas vêm forçando as empresas a encontrar estratégias que visem a sua permanência no mercado. Utilizando-se de informações disponibilizadas por Buainain et all. (2009) e sites de associações de produtores de tabaco de alguns países, serão apresentados a seguir, aspectos relativos à cadeia produtiva do fumo, em alguns dos principais países produtores.

MALAWI – O tabaco é o principal cultivo comercial do país!

O cultivo do tabaco responde por 15% do PIB do país. A principal variedade cultivada é do tipo Burley, que responde por 90% do total produzido.

Até 1989, a produção era rigorosamente controlada pelo governo que, através da Comissão para o Controle do Tabaco, liberava licença para o cultivo, somente para os proprietários de terras, excluindo assim muitos pequenos agricultores arrendatários de terras.

A partir de 1995, com apoio do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, o país vem construindo diversas reformas estruturais. No setor agrícola, destacam-se a permissão para os pequenos agricultores realizarem cultivos comerciais e a liberalização da comercialização de produtos e insumos agrícolas, fortalecendo o cultivo do tabaco no país.

O cultivo do tabaco depende do trabalho manual, uma vez que a mecanização é pouco utilizada no processo produtivo. Os salários são muito baixos, em torno de US$ 80,00 anuais, fato que estimula ainda mais a utilização de mão de obra.

TURQUIA – O berço do tabaco oriental!

Produz cerca de 65% do tabaco oriental produzido no mundo. Apenas 3% do tabaco que é produzido no país são dos tipos Virgínia e Burley.

Até 1994, havia uma política de preços mínimos para a comercialização do tabaco, que se diferenciava conforme a qualidade e a região produzida.

A Direção Geral das Empresas de Tabaco, Produtos de Tabaco, Sal e Álcool (Tekel) era obrigada, por lei, a comprar e estocar todo o tabaco não vendido a compradores privados. A empresa chegou, em 1993 a ter 500 mil toneladas de tabaco de baixa qualidade armazenadas!

Em 1994, foram introduzidos "pagamentos compesatórios" à redução da área plantada de tabaco e à cotas especificadas de produção fixadas por uma Junta Interministerial do Tabaco.

Cerca de 1/6 dos insumos (fertilizantes, pesticidas e água para irrigação), bem como o acesso à novas tecnologias, são subsidiadas pelo Estado, a fim de melhorar a qualidade do tabaco e aumentar a produtividade da lavoura. O restante é de responsabilidade do fumicultor.

Não há subsídio para aquisição de sementes ou mudas de tabaco, e a produção diminuiu 51% comparando a safra de 1995 com a de 2008 (último dado fornecido pela FAO).

INDIA – A produção segue fortemente controlada pelo governo.

Embora o cultivo da variedade Virgínia esteja conquistando espaço, mais de 75% da produção total, é constituída por outras variedades. Estas permanecem fora do âmbito da Junta do Tabaco, órgão responsável pela regulação da produção, comercialização e controle das exportações.

Os agricultores que desejam plantar a variedade Virgínia devem registrar-se anualmente na Junta, que define cotas anuais de produção. Porém, a iniciativa de controlar, tanto as áreas cultivadas quanto a produção tem sido ineficaz.

A cadeia é fortemente regulamentada pelo setor público, porém recentemente vem passando por um processo de desregulamentação, através de ações realizadas pela Junta, que estabeleu novas regras para promover maior competição no mercado e corrigir distorções associadas ao procedimento de fixação de preços e de classificação pelo setor público.

A formulação de políticas públicas para o setor está sob jurisdição de seis ministérios, cada qual, legislando e respondendo por algum aspecto específico da cadeia produtiva. Pressões do Ministério da Saúde vêm coibindo, no período recente, as ações do Ministério da Agricultura, no sentido de promover a expansão da área cultivada. De maneira geral, a política governamental tem procurado promover a elevação da produtividade, melhorar a qualidade e garantir melhor remuneração aos fumicultores.

CHINA – O Estado coordena a cadeia, e impõe, unilateralmente, as regras e os preços!

A partir de 1992, a produção ficou sujeita à Lei do Monopólio do Tabaco, que atribui ao governo central, à função de planificar a produção e organizar a comercialização do tabaco e seus derivados.

O volume de produção é determinado pelo Comitê Estatal de Planificação, a partir do Plano Anual de Compras de Tabaco, que cobre todo o território. Esse plano define quanto cada província poderá e deverá produzir no ano de referência. Baseada nesse plano, a empresa da Administração Estatal do Monopólio do Tabaco firma contratos de compra com os fumicultores.

Os fumicultores não têm espaço para decisões econômicas! O Estado, como detentor do monopólio sobre a comercialização da folha de tabaco fixa, os preços conforme padrões de qualidade definidos pelo monopolista. Legalmente, as empresas tabaqueileiras estatais são as únicas compradoras de todo tabaco produzido pelos agricultores.

Nenhuma folha de tabaco produzida pode ser comercializada no mercado doméstico por empresas privadas. E sem a permissão do governo, não se pode transportar folha de tabaco de um lugar para outro.

O monopólio também existe na fabricação de cigarros. No país, existem mais de 150 fabricantes dirigidos pelo Estado, que também estão sujeitos ao controle direto do Comitê Estatal de Planificação e Administração do Monopólio do Tabaco, que estabelece um plano anual de produção total, e também as cotas para as diferentes qualidades e marcas de cigarros.

Para o país, a fumicultura não é tão rentável quanto o cultivo da cana-de-açúcar ou do algodão, por exemplo. O interesse pela atividade baseia-se na garantia de preço e mercado, uma vez que o governo, por meio de contrato firmado entre a monopolista e os fumicultores, compra toda a produção planejada a preços fixos, determinados antes do início da produção.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – Produção mecanizada para médios e grandes produtores.

O cultivo do tabaco é mecanizado e produzido em médias e grandes propriedades rurais, em lavouras em torno de 15 a 20 hectares. As variedades mais cultivadas são Virgínia e Burley.

Fica a cargo do fumicultor o financiamento da safra, seja com recursos próprios ou via agências bancárias.

Não há sistema de integração, mesmo assim, os fumicultores não são totalmente independentes. O Estado regula aspectos da produção e da comercialização.

Desde 1938, o setor fumageiro está regulamentado pelo "The Agricultural Adjustment Act", que estabelecia cotas de produção e exportação para o setor. Este ato estabelece que o montante a ser produzido tem que estar entre 97% e 103% do total de: a) cigarros produzidos internamente que tenham a intenção de compra pelos seus mercados potenciais, durante o ano; b) mais a média anual da quantidade exportada pelo país, dos três anos que antecedem os anos do estabelecimento da cota; c) o montante determinado pela Secretaria da Agricultura como necessário para aumentar ou reduzir as reservas inventariadas pela associação de produtores.

Ainda há uma política de preços mínimos, baseada no "The Agriculture Act" de 1949.

Os níveis de suporte à produção vêm diminuindo recentemente em virtude das campanhas antitabagismo internas. Também governos estaduais disponibilizaram linhas especiais de crédito para produtores de tabaco que desejam abandonar a atividade.

A partir de 2000, os fabricantes de cigarros passaram a contratar produtores de tabaco diretamente. Tem crescido assim o número de contratos de compra antecipada, bem como a qualidade do tabaco produzido.















ARGENTINA – Províncias organizadas em Cooperativas de produção.

O cultivo do tabaco apresenta significativa importância regional, principalmente para as províncias de Jujuy, Salta e Missiones que são responsáveis por 84% da produção do país.

Em cada província foram constituídas Cooperativas de produtores, que representam os interesses dos fumicultores associados e fornecem a assistência técnica.

No país, cultiva-se principalmente tabaco do tipo Virgínia (42%), seguido pelo Burley e Crioulo.

O Setor tabagista contribui com cerca de 3% do total da arrecadação tributária nacional.

Aproximadamente 50% da semente de tabaco utilizada no país é oriunda do Brasil e outros 40% dos Estados Unidos.

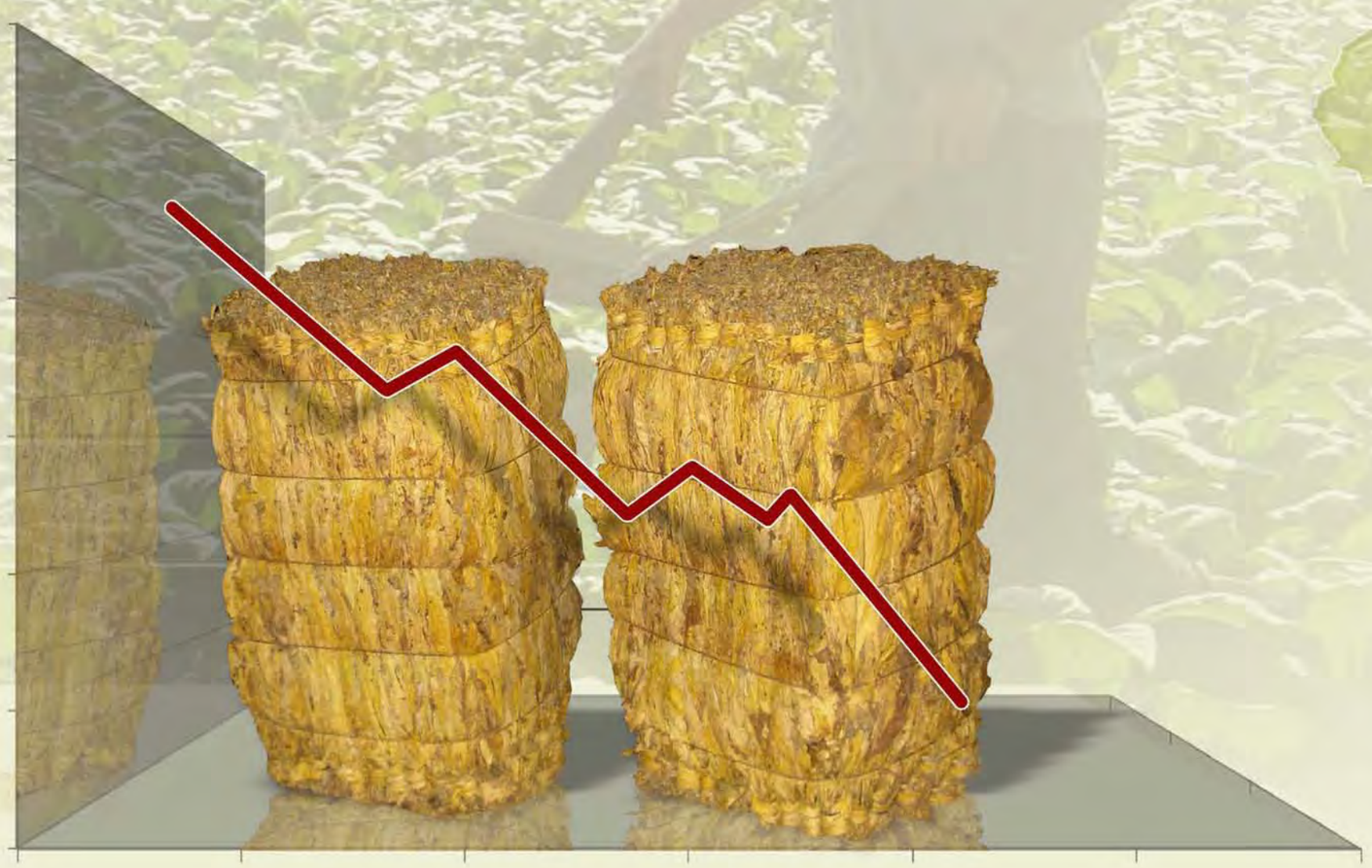
Em algumas regiões, o preparo do solo, plantio e tratos culturais (com exceção do desbrote) é realizado mecanicamente e a maioria das propriedades são de tamanho médio.

O setor conta com uma rede de gasoduto, com extensão de aproximadamente 500km, e instalações complementares, para fornecer gás natural para a cura e secagem de parte do tabaco produzido. Esse sistema atende 896 fumicultores que cultivam uma área de 20.686 ha. Outros 180 produtores, que se utilizam de uma área de 1531 ha, utilizam para a cura outros combustíveis como lenha ou gás liquido envasado.

A comercialização do produto se dá via compra direta do fumicultor, pelos fabricantes de cigarros, distribuidores e cooperativas de produtores. O fumo é separado pela qualidade, conforme classificação da SAGPYA (Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentação). Não há nenhum mecanismo previsível dos preços e o fumicultor conhece o valor do produto apenas no final da colheita.

Cooperativas de algumas províncias vêm desenvolvendo um Programa de Diversificación Productiva, desde inicío da década de 1990, com ações que favorecem a diversificação das propriedades onde o tabaco é produzido, como o cultivo de cítrus e Stevia rebaudiana (planta adoçante 100% natural) e industrialização de sucos e óleos essenciais.

Mercado Brasileiro



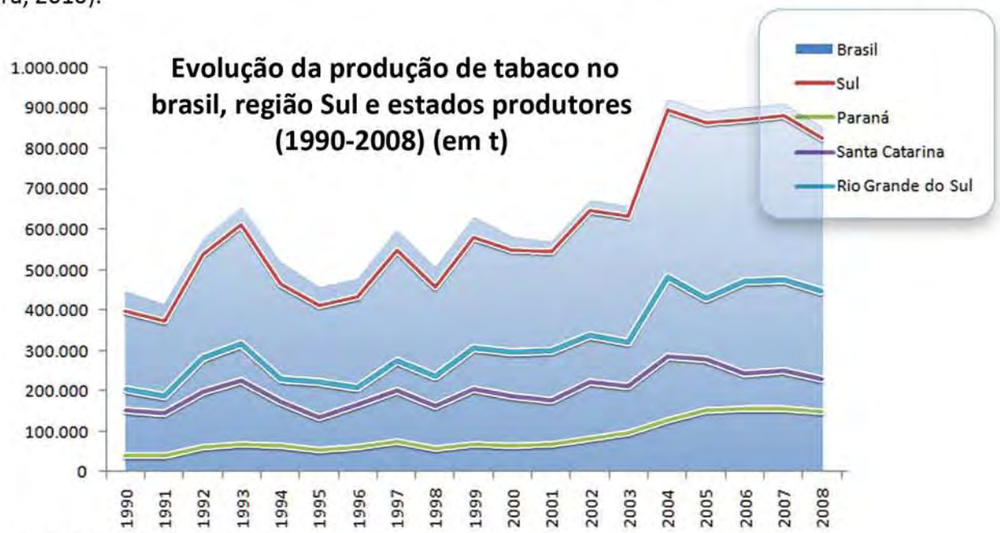
O Brasil é o maior exportador e segundo maior produtor de tabaco do mundo. Grande parte do fumo produzido aqui é oriunda do cultivo realizado pelas mãos de agricultores familiares da região Sul, proprietários ou não de terras, com uso intensivo de mão de obra e nível baixo de mecanização, em sistema de integração com empresas fumageiras, que negociam os preços a serem pagos no final da safra, com associações de representação dos produtores.

Além da região Sul, o fumo também é cultivado, na região Nordeste, porém em menor escala e apresentando algumas especificidades. O presente capítulo busca apresentar a evolução da produção e exportações do tabaco no Brasil, regiões e estados produtores, abordando as principais características e peculiaridades existentes.

Produção no Brasil

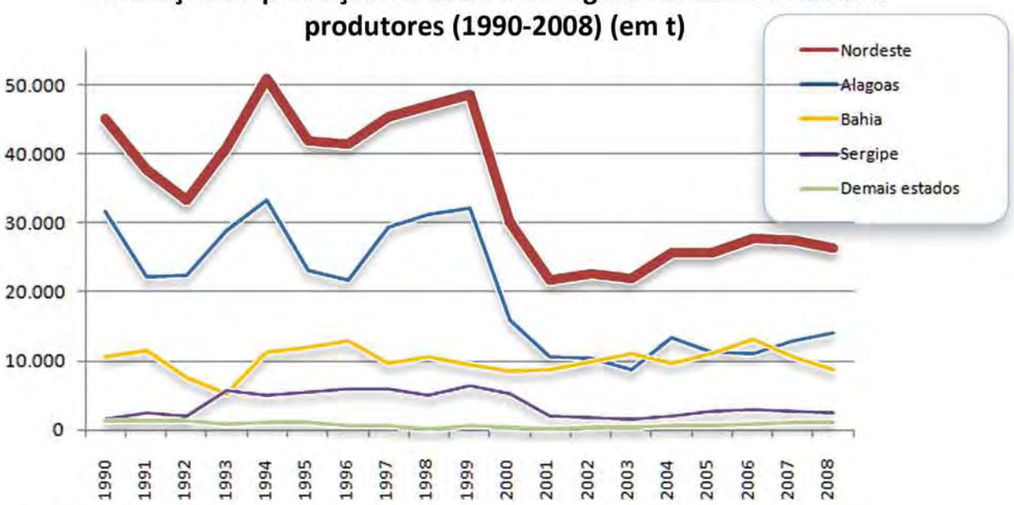
A produção brasileira sempre esteve concentrada no Sul do País. Essa região, que apresenta características de solo e clima adequados para o cultivo do fumo, também concentra grande número de pequenas unidades familiares que encontraram, nessa atividade, uma maneira de se viabilizar no meio rural.

Observando a evolução da produção do fumo no país, desde 1990 até 2008, tem-se maior clareza sobre a participação da região Sul na produção nacional, bem como dos três estados que acompanharam o crescimento da produção nesse período, apresentando um aumento de 51%. Para se ter uma idéia da importância do setor para a região, na safra 2008/2009, o fumo foi cultivado em 925 municípios (PAM, 2008), por 186 mil famílias rurais (Afubra, 2010).



Fonte: IBGE – PAM (2008)

Além da região Sul, a segunda região que mais cultiva tabaco é a Nordestina, em quantidade menos expressiva, porém especializada na produção de tabacos escuros, utilizados na confecção de charutos e fumo de corda. No Nordeste destacam-se os estados de Alagoas, Bahia e Sergipe. Ao contrário do que aconteceu no Sul, desde 1999, a Região vem diminuindo a produção, em virtude da diminuição da demanda mundial por fumos escuros. Para se ter uma idéia, de 1990 até 2008 a produção da região caiu 42%.



Fonte: IBGE – PAM (2008)

A tabela abaixo apresenta a evolução da produção nos estados que se destacam no cultivo do tabaco no país. O Rio Grande do Sul, além de ser o maior produtor do país, também concentra grande número de empresas tabacaleiras, principalmente na região conhecida como vale do Rio Pardo. A maior parte do tabaco produzido nos estados vizinhos (Santa Catarina e Paraná) é levada à região para ser industrializado e principalmente exportado.

Evolução da produção de tabaco, segundo os principais estados produtores do Brasil (em t)

Estados	Quantidade Produzida (t)						
	1990	2000	2002	2004	2006	2007	2008
Brasil	445.489	579.727	670.309	921.281	900.381	908.679	851.058
Rio Grande do Sul	204.615	294.873	339.832	482.968	472.726	474.668	445.507
Santa Catarina	152.396	188.327	223.382	284.825	244.011	249.015	230.641
Paraná	40.315	64.554	82.459	127.329	155.201	156.644	148.036
Alagoas	31.584	15.876	10.425	13.295	10.972	13.022	14.000
Bahia	10.549	8.419	9.947	9.730	13.069	10.722	8.662
Sergipe	1.655	5.364	1.752	2.009	2.868	2.731	2.534
Paraíba	747	246	236	246	312	400	504
Ceará	157	102	71	75	207	296	313
Rio Grande do Norte	51	115	132	118	230	216	240

Fonte: IBGE – PAM (2008)

Em 2008, foram destinados 432.182ha do território nacional para o cultivo do tabaco. A região Sul foi responsável por 96,8% da produção de tabaco do país. Somente o Rio Grande do Sul respondeu por 52,3% da produção nacional, seguido por Santa Catarina que respondeu por 27,1% e o Paraná por 17,3%. A produção da região Nordeste representou 3,1% da produção nacional e as demais regiões do país a apenas 0,05%. Os maiores índices de produtividade foram encontrados nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, seguidos por Santa Catarina. Verifica-se que os três estados apresentam produtividade acima da média nacional, porém cabe destacar que o nível tecnológico empregado e a predominancia do cultivo do fumo Virgínia auxiliam para essa maior produtividade por área.

Área colhida, produção e participação na produção, valor bruto da produção e produtividade segundo regiões e estados do Brasil em 2008

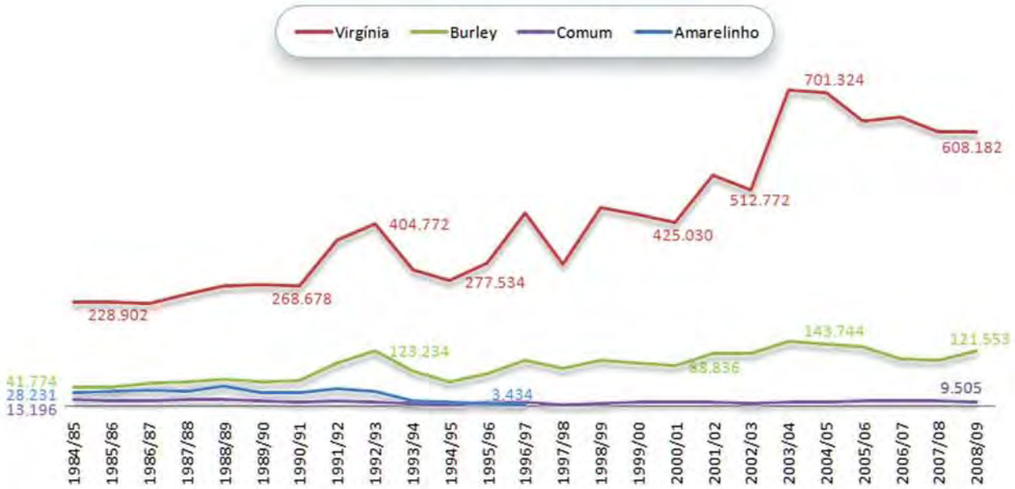
Regiões e Estados	Área colhida (ha)	Produção (t)	% Produção	VBP (Mil Reais)	Produtividade (kg/ha)
Brasil	**432.182**	**851.058**	**100,00**	**4.171.066**	**1.969**
Nordeste	**25.984**	**26.318**	**3,09**	**64.567**	**1.013**
Alagoas	14.000	14.000	1,65	13.820	1.000
Bahia	8.845	8.662	1,02	34.339	979
Paraíba	556	504	0,06	3.900	906
Sergipe	1.975	2.534	0,30	7.576	1.283
Demais Estados	608	618	0,07	4.933	969
Sul	**405.494**	**824.184**	**96,84**	**4.105.288**	**2.033**
Paraná	73.543	148.036	17,39	714.033	2.013
Santa Catarina	116.268	230.641	27,10	1.276.598	1.984
Rio Grande do Sul	215.683	445.507	52,35	2.114.657	2.066
Demais regiões	**504**	**396**	**0,05**	**1.051**	**788**

Fonte: IBGE – PAM (2008)

GRUPOS DE FUMO

As principais variedades de tabaco produzidas no país são o Virgínia, seguido pela variedade Burley e em menor proporção a variedade Comum. Particularmente na região Sul, a variedade Amarelinho, deixou de ser produzida comercialmente na safra 1996/97 por questões de preferência de mercado. A superioridade do fumo Virgínia pode ser observada nas 25 safras apresentadas no gráfico abaixo, que apresenta a produção da região Sul, segundo essas variedades. Nesse período, tanto o Virgínia quanto o Burley apresentaram aumento de 2%, ou seja, na safra 1984/85 o Virginia respondia por 80% da produção nacional enquanto o Burley respondia por 15%. Já na safra 2008/09 o Virgínia respondeu por 82%, enquanto o Burley, respondeu por 17% da produção da região Sul. Por conseqüência, a variedade Comum veio perdendo espaço e, atualmente, corresponde a apenas 1% da produção dessa região.

Evolução da produção de tabaco por tipo, na região Sul do Brasil (t)



Fonte: Sinditabaco (2010)

De acordo com a Instrução Normativa MAPA nº10 (2007), o tabaco em folha curado, segundo o seu preparo e ou processo de cura, é classificado em dois grupos distintos: o Tabaco de Estufa e o Tabaco de Galpão.

FUMO DE ESTUFA

Faz parte desse grupo o tabaco de folhas claras submetido à cura ou secagem em estufas, com temperatura e umidade controladas (Flue Cured), em processo que demanda de cinco a sete dias para ser concluído. É cultivado de maneira mais adensada do que as variedades de galpão (15-17 mil pés/hectare) possuindo maior necessidade de mão de obra.

Nos fumos desse grupo, a colheita é realizada em etapas onde, manualmente, em sucessivas apanhadas, as folhas são colhidas da base para a parte superior da planta, conforme vai ocorrendo a sua maturidade. Após a colheita, as folhas são amarradas e/ou costuradas em varas e conduzidas para o interior das estufas, onde serão curadas. No Brasil, para o funcionamento dessas estufas, é utilizado principalmente a combustão de lenha e, em menor proporção, alguns fumicultores vêm fazendo uso da maravalha. Durante esse processo, as folhas passam por transformações bioquímicas que vão conferir a mudança na cor e características de cheiro e sabor peculiares, além de proporcionar a perda da umidade presente nas folhas. Incluem-se neste grupo todas as cultivares da variedade Virgínia e Capeiro.

A variedade Virgínia

Assim como o Burley e Comum, a variedade Virgínia é proveniente da espécie *Nicotiana tabacum L.*, da família das Solanáceas. E o principal tipo de fumo produzido no Brasil, por apresentar características de cor e sabor, que o fazem largamente aceito pelo mercado nacional e internacional. Tem por característica o amadurecimento heterogêneo das folhas, que ocorre em diferentes etapas, iniciando da base para o ápice.

A variedade Capeiro

É produzida principalmente na Bahia por empresas agrícolas, sendo utilizado para capas de charutos produzidos no Brasil. Parte da produção é destina à Cuba também para esse fim.

FUMO DE GALPÃO

Fazem parte deste grupo as variedades que têm suas folhas submetidas à cura natural, à sombra ou em galpões ventilados naturalmente (Air Cured), podendo levar cerca de 40 dias para completar o processo. É uma forma de produção de tabaco cultivado de forma menos adensada (12-16 mil pés/hectare) e utiliza menos mão de obra.

Nos fumos desse grupo, as folhas amadurecem uniformemente, conforme a cultivo, adubação, condições climáticas e doenças, permitindo que a colheita seja realizada através do corte da planta inteira ao nível do solo, diminuindo assim a mão de obra. As folhas ficam presas ao talo, que é amarrado em varas e posteriormente pendurado em longas filas no topo dos galpões para secar até dourar. Esse processo de cura é totalmente natural, ou seja, não é utilizado nenhum sistema de ar forçado que facilite ou acelere o processo de secagem. Incluem-se neste grupo todas as variedades de Burley, Comum, Maryland, Dark, Tibagi e Amarelinho.

A variedade Burley

O tabaco Burley é uma variedade de tonalidade escura de menor qualidade que o Virgínia. Assim como as demais variedades, nos tabacos curados ao ar livre ocorre a perda de determinados açúcares naturais, dificultando a combustão, conferindo assim sabor amargo. Por esse motivo, tem sido usado como "blend" (mistura de tabacos) para a fabricação de cigarros.

A variedade Comum

Essa variedade também apresenta tonalidade escura e baixa qualidade em relação da variedade Virgínia. Em comparação ao Burley, utiliza maior área de terra e possui maior peso por pé, com preço menor pago pela arroba. A grande vantagem dessa variedade está na maior resistência à seca e tolerância ao frio. Por esse motivo, está sendo utilizada por alguns fumicultores localizados em regiões de clima ameno, como alternativa para a produção de fumo durante o inverno.

Nós entramos no ano passado no fumo de inverno, porque é uma alternativa a mais, porque se uma safra falha a outra não falha. Mas só que dobra o serviço, porque o fumo de inverno, ele dá serviço, tu planta a metade dele no dobro de área que tu planta de verão, e na hora do dinheiro, na hora do retorno, ele dá a mesma quantia. (WE, fumicultor).



Produção no Sul

A região Sul concentra mais de 96% da produção nacional de tabaco. Segundo a Afubra, na safra 2010, 185.160 famílias estão cultivando fumo, em 370.830 hectares. Nessa região, grande parte da produção do fumo é realizada por agricultores familiares que possuem áreas de terras inferiores a 5 hectares, e até mesmo por agricultores que não possuem terras próprias e se viabilizam arrendando terras de terceiros, especificamente para o cultivo do tabaco.

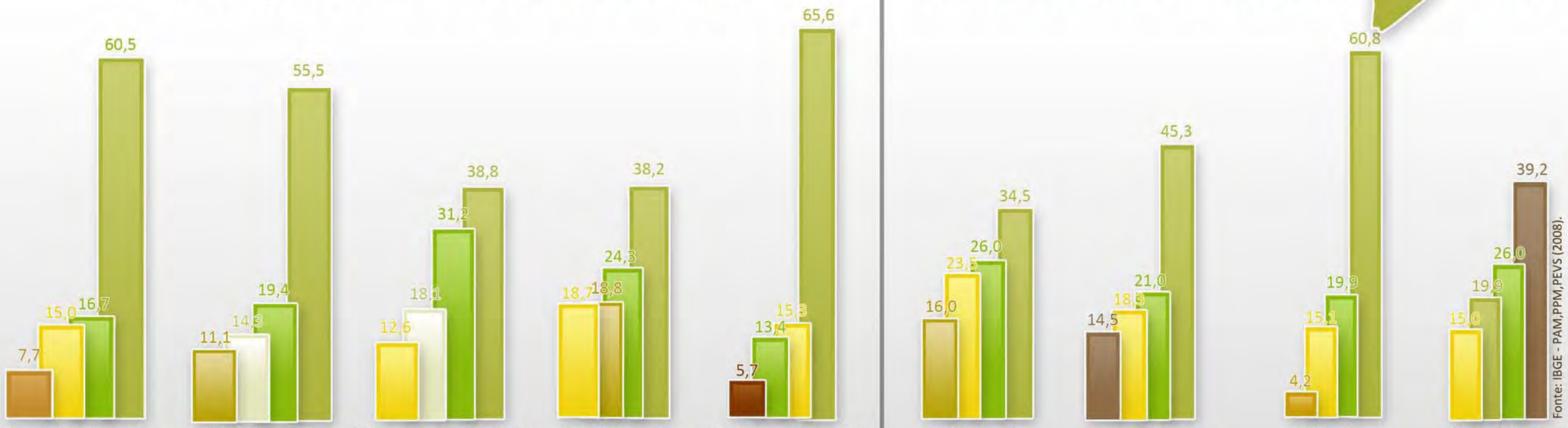
De acordo com os últimos dados disponibilizados pela Produção Agrícola Municipal/IBGE, referente ao ano 2008, na região Sul, o tabaco foi cultivado em 756 municípios em 406 mil hectares, sendo que em 437 desses municípios foram produzidas 100 toneladas ou mais de tabaco. O gráfico elaborado ao lado busca facilitar a visualização da participação municipal, bem como a concentração das principais regiões produtoras de tabaco da região Sul.

Este mesmo banco de dados disponibiliza a evolução da produção entre 1990 e 2008, segundo os estados. Percebe-se maior crescimento na produção realizada pelo Paraná, que em 2008 produziu 3,7 vezes mais do que em 1990. Da mesma forma, o Rio Grande do Sul produziu em 2008 2,2 vezes mais e Santa Catarina, que apresentou a menor variação - 1,5 vezes mais. O gráfico dessa evolução está apresentando na página 29.

Visando demonstrar a participação que o tabaco possui na economia dos três municípios que mais produziram fumo em 2008, segundo o IBGE, nos três estados do Sul, realizou-se a compilação dos dados referentes ao Valor Bruto da Produção (VBP), da Produção Agrícola Municipal (PAM), da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) e da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) somados. Nos nove municípios que compõem o gráfico, o cultivo do tabaco apresentou maior VBP, demonstrando a importância e a dependência econômica que essa atividade possui.



Participação percentual dos principais produtos no valor bruto da produção dos municípios que mais produzem fumo nos três estados da região Sul(2008)



Produção no Nordeste

O fumo produzido nessa região pouco tem em comum com o cultivado no Sul do país. Na produção nordestina, predominam o cultivo do fumo em folha para a confecção de charutos e cigarrilhas, principalmente na Bahia, e do fumo de corda, principalmente em Alagoas. Atualmente, corresponde a pouco mais de 3% do total produzido no país e nela estão inseridos 16,5% das famílias fumicultoras, segundo dados da safra 2009/10, disponibilizados pela Afubra.

Comparando Bahia e Alagoas – principais produtores - com dados disponibilizados pelo IBGE, constata-se que, até o ano 2000, Alagoas utilizava áreas de terras próximas ao dobro do que veio sendo utilizado pela Bahia; porém, a partir de 2001, a área colhida tornou-se sensivelmente igual, em virtude da diminuição da demanda mundial por fumos escuros. Mesmo assim, a produção em Alagoas é superior a da Bahia, em virtude do maior rendimento (peso) que o fumo de corda possui em relação ao fumo em folha. No entanto, a maior diferença ocorre com relação ao preço pago pelos diferentes tipos. Nesse sentido, a Bahia sai em vantagem uma vez que na safra de 2008, de acordo com o IBGE, o preço médio pago pelo montante produzido no ano ficou em torno de R$3,96/kg, enquanto em Alagoas o valor foi bem menor, em média R$0,99/kg.

Na Bahia, em 2008, a produção fumageira abrangeu 75 municípios, porém, em 60 deles, a produção não chegou a representar 1% do total produzido pelo estado. A maior produção concentra-se nos municípios de Cruz das Almas (20,8%), Sapeaçu (16,8%), Cabaceiras do Paraguaçu (14,9%) e Governador Mangabeira (14,5%). A maioria dos fumicultores desse estado não estão inseridos no Sistema Integrado de Produção de Tabaco.

Em Alagoas, apenas 16 municípios produziram fumo em 2008, sendo que a maior produção ocorreu em Arapiraca (29%), seguida por Craíbas (19%), Lagoa da Canoa (16%), Girau do Ponciano (13%) e Feira Grande (11%). Os fumicultores desse estado são grandes produtores e independentes e apenas alguns deles fazem acordos de venda com empresas fumageiras.

Há também outros estados que produzem fumo no Nordeste, como Sergipe e Paraíba, porém a sua participação na produção total é menos significativa, se comparada à Bahia e Alagoas. Em Sergipe, o terceiro estado que mais produziu fumo no Nordeste em 2008, com uma fatia de 10% da produção total da região, 16 municípios, dos quais nove apresentaram participação na produção menor do que 1% do total produzido no estado. Apenas dois municípios se destacam: Lagarto, responsável por 51,3% e Riachão do Dantas - 25,6% - da produção total. Salgado e Boquim, terceiro e quarto do ranking dos municípios sergipanos que mais produzem, representaram apenas 5% e 4,1%, respectivamente.

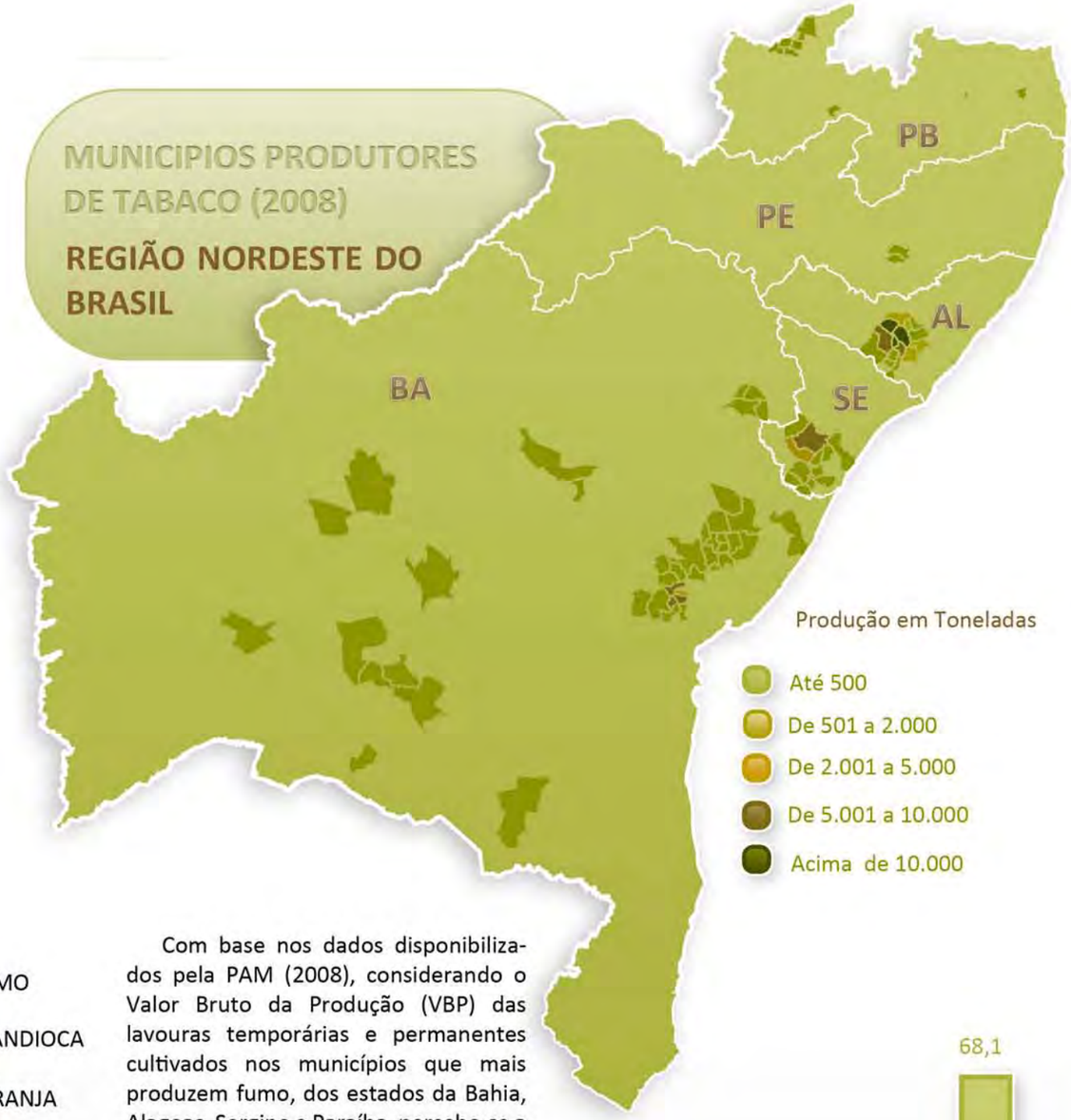
A Paraíba, com 19 municípios produtores, participou em 2008 com apenas 2% da produção nordestina. Percebe-se que a produção é um pouco menos concentrada, no entanto, os dois municípios que mais produziram, foram Lagoa (19,8%) e Bom Sucesso, (17,1%). Nos demais, a produção não chega a 10% do total produzido. Neste estado o sistema de produção integrada para a produção de fumo oriental está concentrada na região de Campina Grande.

Confrontando dados disponibilizados pelos dois últimos Censos Agropecuários, percebe-se queda no número de estabelecimentos produtores de fumo em todos os estados, principalmente na Bahia, que em 1995 apresentava a maior concentração de estabelecimentos produtores e, em 2006, apresentou número diminuição de 85,2%.

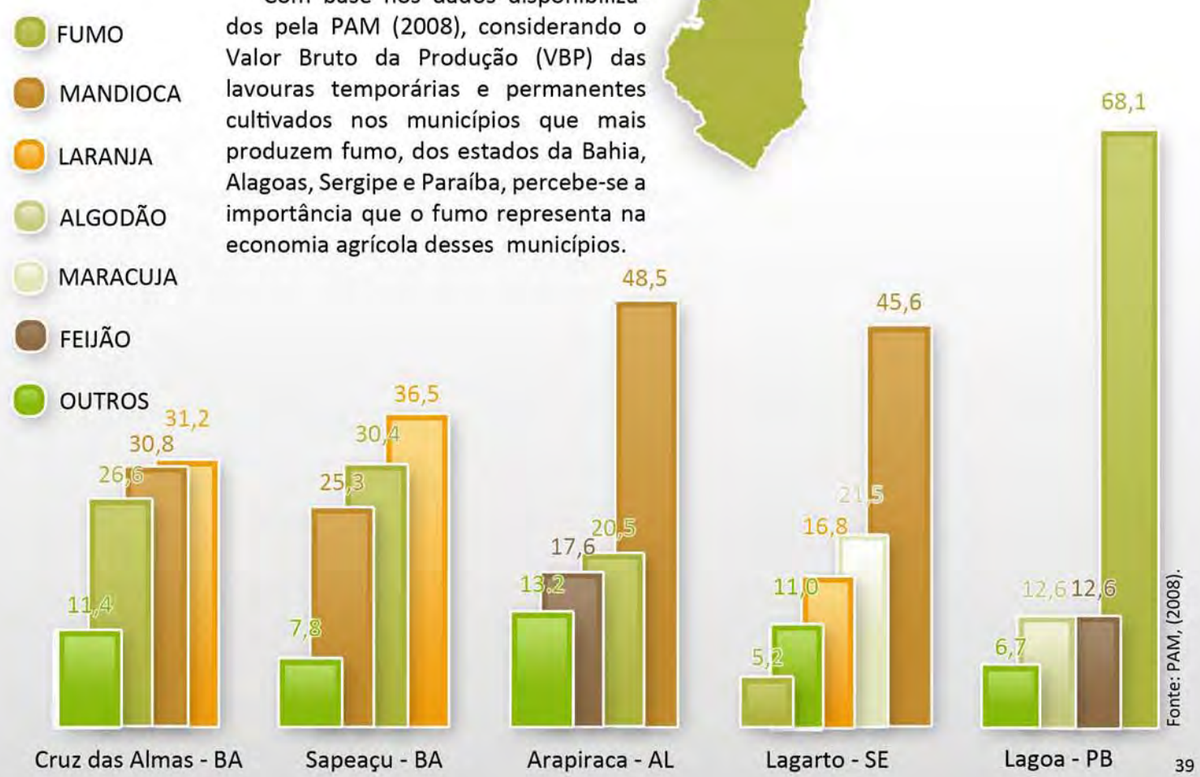
Número de estabelecimentos produtores de fumo nos estados da região Nordeste, segundo os Censos Agropecuários (1995-2006)

Estados Nordestinos	Nº de Estabelecimentos		
	1995	2006	Var. (%)
Alagoas	29.702	9.347	(68,53)
Bahia	30.082	4.445	(85,22)
Sergipe	3.331	1.247	(62,56)
Pernambuco	551	77	(86,03)
Paraíba	521	74	(85,80)
Ceará	309	39	(87,38)
Rio Grande do Norte	296	31	(89,53)
Piauí	128	1	(99,22)

Fonte:IBGE.- Censo agropecuário 2006



Com base nos dados disponibilizados pela PAM (2008), considerando o Valor Bruto da Produção (VBP) das lavouras temporárias e permanentes cultivados nos municípios que mais produzem fumo, dos estados da Bahia, Alagoas, Sergipe e Paraíba, percebe-se a importância que o fumo representa na economia agrícola desses municípios.



Exportação Brasileira de Fumo

O Brasil mantém a liderança mundial nas exportações de fumo em folha, desde 1995. Comparando com as exportações realizadas em 2009, verifica-se um aumento de 52,3%. Sem dúvida, essa expansão é fruto da qualidade do fumo brasileiro, aliada à possibilidade de produção com baixos custos (um dos menores dentre os países produtores) e à capacidade de abastecimento do mercado externo. Em virtude da redução na produção em alguns países, o Brasil vem aumentando a produção de fumo a cada ano e ampliando sua participação no mercado externo. Da mesma forma, o preço das exportações também vem apresentando aumentos anuais, 11,8%, somente entre as últimas duas safras. Em 2009, considerando apenas o fumo em folha, o país exportou 89,3% da sua produção, gerando uma renda próxima a US$ 3 bilhões para o país, resultando em 2% das exportações totais.

Evolução das exportações brasileiras de fumo e derivados[1]

Ano	Quantidade (t)	Valor (mil US$)	Preço Exportação (US$/kg)
1999	358.746	961.237	2,68
2000	353.022	841.476	2,38
2001	443.846	944.315	2,13
2002	474.477	1.008.227	2,12
2003	477.552	1.090.317	2,28
2004	592.849	1.425.826	2,41
2005	629.631	1.706.564	2,71
2006	581.384	1.751.784	3,01
2007	710.153	2.262.373	3,19
2008	691.608	2.752.032	3,98
2009	674.731	3.046.032	4,51

[1]Inclui fumo em folha, cigarros e demais produtos do fumo.
Fonte: SECEX/Agrostat.

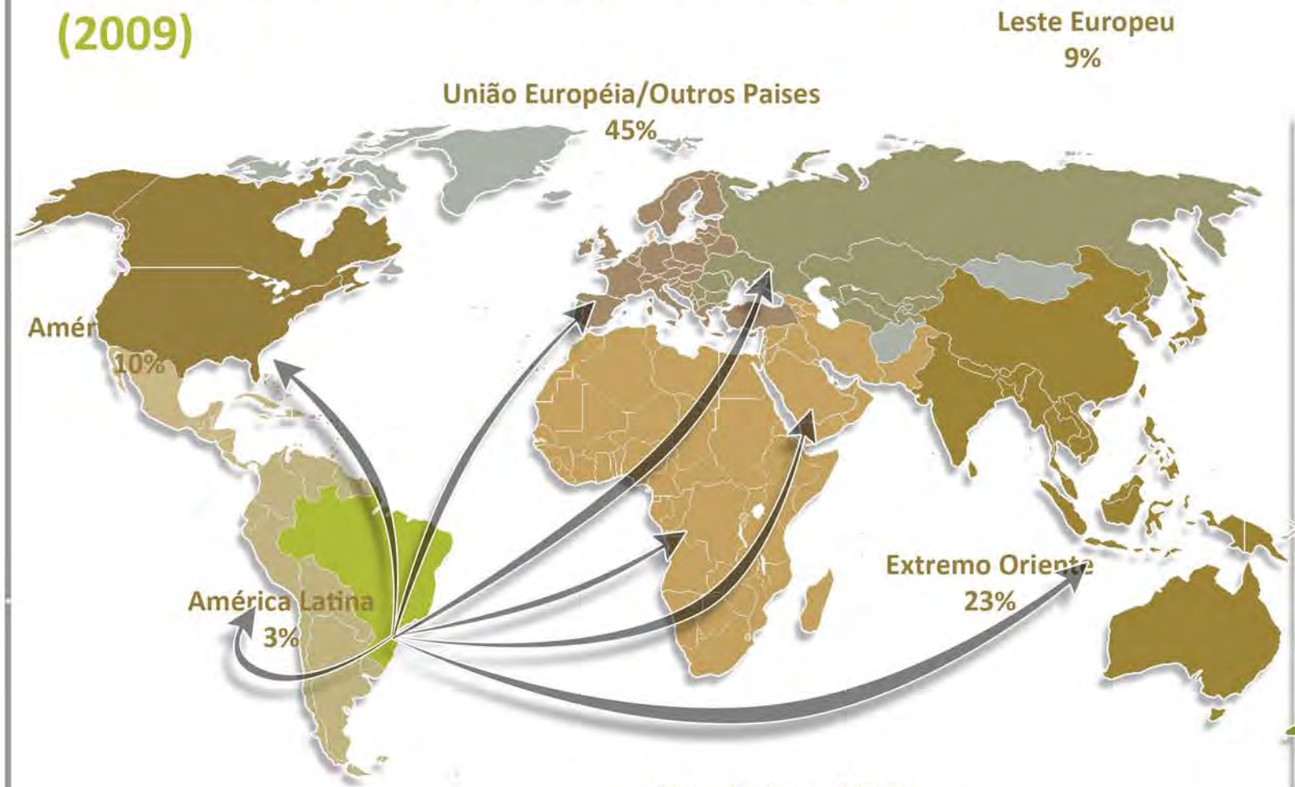
Em 2009, 45% das exportações de tabaco do Brasil seguiu para a União Européia. Entre os principais países importadores do tabaco em folha produzido no Brasil, destaca-se a Bélgica que, além de ser um dos principais importadores, apresentou entre 2008 e 2009 aumento de 38,3% nos US$ FOB. Também se destacam nas importações do fumo em folha brasileiro a China e os Estados Unidos. Entre os países que apresentaram maiores variações nas importações, entre os anos 2008 e 2009, destacam-se pelo aumento a Africa do Sul, com 112,7% e o Paraguai 44,53%. Entre os países que apresentaram dimuição nas importações, destacam-se as Filipinas, com variação de 55,01% em relação ao ano anterior e a Rússia (25,9%), conforme pode ser observado abaixo.

Exportações de fumo brasileiro em folha por destino (US$ FOB)

Destino	2008	2009	Var. %
Bélgica	397.414.400	644.275.453	62,12
China	367.315.281	368.456.078	0,31
EUA	314.846.432	307.372.891	(2,37)
Alemanha	156.202.529	173.881.112	11,32
Holanda	139.276.684	161.173.570	15,72
Rússia	156.596.828	116.030.614	(25,90)
Indonésia	85.288.366	106.049.181	24,34
Rússia	65.857.864	84.408.199	28,17
Filipinas	153.992.245	69.286.366	(55,01)
Egito	50.561.089	64.245.719	27,07
África do Sul	28.259.204	62.958.906	122,79
Paraguai	43.458.959	62.809.748	44,53
Polônia	67.566.039	57.888.994	(14,32)
Turquia	41.999.197	41.608.118	(0,93)
Demais Países	600.753.023	671.373.277	11,76
Total	2.669.388.140	2.991.818.226	12,08

Fonte: MDIC/SECEX, (2010)

Participação das exportações brasileiras (2009)



Além de ser o estado que mais produz, o Rio Grande do Sul também é o que mais exporta fumo em folha. Conforme dados fornecidos pelo MDIC/SECEX, em 2009 esse estado foi responsável por 69,4% do volume de tabaco exportado, seguido por Santa Catarina, que foi responsável por 27,5%. Com exceção desses dois, que são os principais responsáveis pelo volume de exportação do tabaco, somente outros três estados realizam exportações de tabaco, porém em bem menor quantidade. São eles, o Paraná na região Sul e a Bahia e Alagoas, na região Nordeste.

Participação dos estados na exportação brasileira de fumo não manufaturado em 2009

Estados	Valor		Peso Líquido	
	(US$)	%	Toneladas	%
Rio Grande do Sul	2.071.997.107	69,26	459.397	69,42
Santa Catarina	813.656.044	27,20	181.943	27,49
Paraná	78.901.140	2,64	17.344	2,62
Bahia	20.527.929	0,69	2.087	0,32
Alagoas	6.653.676	0,22	961	0,15
TOTAL	2.991.735.896	100,0	661.731	100,0

Fonte: MDIC/SECEX (2010)



OS AGRICULTORES

AS INDÚSTRIAS



O VAREJO

Os Atores da Cadeia Produtiva do Fumo

A produção de fumo no Brasil está concentrada nas mãos de agricultores familiares, por meio do Sistema Integrado de Produção de Tabaco com as fumageiras, numa jornada de trabalho que absorve praticamente um ano inteiro - desde a semeadura até o pagamento pela entrega do produto. Nessa realidade, vislumbrado com o montante recebido ao final de cada safra, nem sempre o fumicultor leva em consideração o número de pessoas envolvidas, nem o tempo gasto em horas de trabalho, dias ou meses. Muitos que fizeram esses cálculos deixaram de cultivá-lo!

Esse capítulo traz, em linhas gerais, a caracterização do perfil dos fumicultores, as principais indústrias envolvidas no mercado brasileiro de tabaco e as organizações de representação existentes. Também é apresentado como ocorrem o Sistema de Produção Integrada, os processos de negociação de preços e questões relativas à participação governamental e bancárias.



O SISTEMA BANCÁRIO

Nunca fomos mal com o fumo, mas na época parecia que dava um monte por mês, mas daí tu vendia o fumo e fazia conta dos meses e de quantas pessoas estavam trabalhando, não valia a pena! Trabalhava o ano inteiro e não sabia quanto ia ganhar! (IG, ex-fumicultor).

O GOVERNO

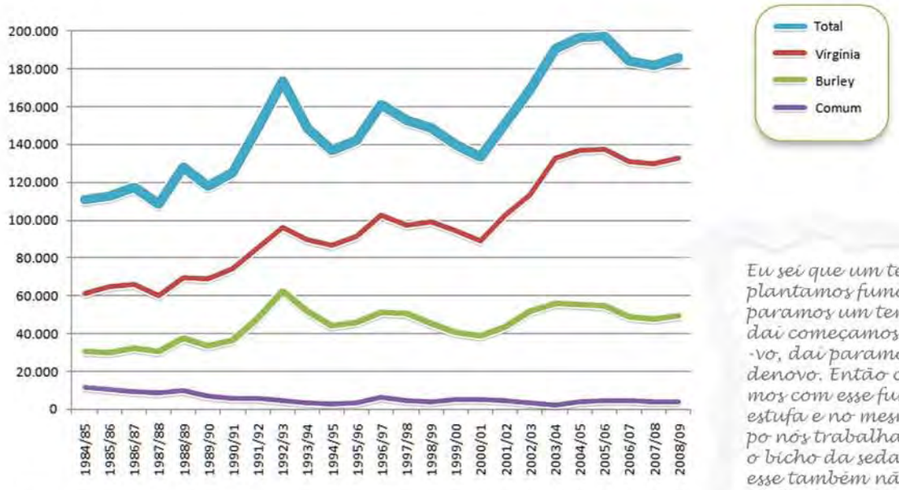


Os Fumicultores

A produção do tabaco no país caracteriza-se pelo intenso trabalho dos agricultores familiares, possuidores ou não de terras próprias. Segundo a Afubra, na safra 2009/10, 222.110 mil famílias produziram fumo no Brasil, a grande maioria delas localizada na região Sul (83,3%). Levando em consideração a evolução histórica da fumicultura nessa região (que é de longe a principal produtora), percebe-se o significativo aumento que vem ocorrendo no número de famílias envolvidas no cultivo do tabaco ao longo dos anos. Na safra 1984/85 existiam 110 mil famílias, número 68% menor do que o registrado na safra 2008/09. Esses dados expressam um aumento médio anual de 2,6% no número de famílias produtoras de fumo. Entretanto, a perspectiva futura, contando em especial com as ações da Convenção-Quadro no Brasil, é de queda nesses números que, por conseqüência, atingirão os volumes de produção e área plantada.

Uma particularidade interessante em torno dos fumicultores do país, refere-se ao tipo de fumo produzido, que implica em diferentes processos de colheita, cura e secagem. Na região Sul destaca-se principalmente o Virgínia (fumo de estufa) e o Burley (fumo de galpão), seguidos pelo Comum (também de galpão), que vem encontrando espaço em algumas regiões de clima ameno, como alternativa para o cultivo durante o inverno. Segundo o Sinditabaco, na safra 2008/2009, o Virgínia representou 71,2% do fumo produzido na região Sul, seguido pelo Burley que significou 26,5% e o Comum, apenas 2,2%. A evolução da produção dos diferentes tipos de fumo, nas últimas 25 safras, demonstra a superioridade que o Virgínia possui em relação aos demais. Isso se deve à qualidade conferida pelo mesmo, fruto de inúmeras pesquisas e melhoramentos genéticos que vêm sendo desenvolvidos pelas empresas fumageiras.

Evolução do número de famílias produtoras de fumo, conforme o tipo e total na região sul do Brasil (1984/85-2008/09)



Fonte: Sinditabaco (2010).

Eu sei que um tempão plantamos fumo, daí paramos um tempão, daí começamos denovo, daí paramos denovo. Então começamos com esse fumo da estufa e no mesmo tempo nós trabalhamos com o bicho da seda, mas esse também não andava muito direito. Então fomos perdendo os peões, que é meus filhos que casaram, e com pouca mão-de-obra deixamos do fumo também. (WT, ex-fumicultor).

Comparando dados dos últimos dois Censos Agropecuários (1995-2006), verifica-se que houve queda no número de estabelecimentos que produziram tabaco tanto nos principais estados produtores, quanto na região Nordeste. Segundo esse dados, em 2006 no Brasil, existiam 129.172 estabelecimentos cultivando fumo naquele ano, número 47,7% menor do que o registrado no Censo anterior, realizado em 1995, que registrou 328.024 estabelecimentos produtores de fumo. A maior diminuição no número de estabelecimentos produtores ocorreu em Santa Catarina, que passou de 98.443 para 30.922 propriedades, ou seja, uma diminuição de 76,6%.

Número de estabelecimentos agropecuários que cultivaram fumo em 1995 e 2006, conforme estados da Federação.

Brasil, regiões e estado	Nº Estabelecimentos		
	1995	2006	Var.(%)
Paraná	35.743	20.674	(60,62)
Santa Catarina	98.443	30.922	(76,61)
Rio Grande do Sul	118.447	61.941	(55,06)
Região Sul	**252.633**	**113.537**	**(42,16)**
Região Nordeste	**65.248**	**15.261**	**(68,59)**
Brasil	**328.024**	**129.172**	**(47,71)**

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário de 1995 e 2006.



OS PRODUTORES DE FUMO NA REGIÃO SUL DO BRASIL – Um olhar para as diferenças

Apoiando-se na pesquisa desenvolvida pelo DESER em 2008, com apoio da Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário, onde foram entrevistadas 1.761 famílias, 64% delas fumicultores, buscar-se-á apresentar o perfil e as principais características dos agricultores familiares da região Sul do país.

Quanto a relação com a terra:

- 89% das famílias produtoras de fumo possuem terra própria. Ou seja, 11% dependem totalmente de terra de terceiros, arrendadas ou cedidas. Mas, 34% das famílias utilizam terra de terceiros para produzir.
- O tamanho médio da área disponível é de 15,8 hectares. Porém, entre aqueles que dependem exclusivamente da renda do fumo, a área média de terra disponível é de 11,5 hectares.

Relação com a terra dos fumicultores e não fumicultores (percentuais)

Relação com a terra	Fumicultores	Não Fumicultores
Possuem terra própria	89%	94%
São exclusivamente proprietários	65%	71%
São exclusivamente arrendatários	8%	3%
Possuem terra arrendada ou cedida	34%	29%
Área de terra média disponível	15,8 ha	21,3 ha

Fonte: DESER, Pesquisa de campo, 2008

Quanto à faixa etária e escolaridade:

- 43% das pessoas que compõem as famílias de fumicultores têm entre 15 e 40 anos de idade, sendo 20% com 15 a 25 anos, 23% com 26 a 40 anos de idade. Entre as famílias que não produzem fumo, esse percentual é de 34%. Apenas 5% dos fumicultores têm mais que 60 anos de idade.
- Dos fumicultores com idade entre 15 e 25 anos, apenas 24,5% têm o segundo grau completo. Já entre os não fumicultores, 39,3% completaram o ensino médio. Outro dado importante é que, dos fumicultores com idade entre 25 e 40 anos, 43,5% estudaram até completar o 4º ano do primário.

Escolaridade entre as pessoas entre 25 e 40 anos de idade (percentual)

Escolaridade	Fumicultores	Não fumicultores
Ensino Fund. Incompleto	68,7	65,3
Ensino Fund. Completo	12,2	13,7
Ensino Médio Completo	8,8	15,5
Ensino Superior ou Técnico	1,6	3,1

Fonte: DESER, Pesquisa de campo, 2008

Quanto a renda dos fumicultores

A renda do fumo (valor de venda menos os custos variáveis do fumo) é menor que 2 salários mínimos mensais para 38% das famílias. Fica entre 2 e 4 salários mínimos mensais para 34% das famílias; e é maior que 4 salários mínimos mensais para 28% das famílias.

O fumo é a única fonte de renda agrícola para 37% das famílias produtoras de fumo de estufa e para 8% das famílias produtoras de fumo de galpão.

Para 41% das famílias com fumo de estufa e para 18% das com fumo de galpão, o fumo representa entre 80 e 99% da renda agrícola.

Receitas e rendas entre fumicultores e não fumicultores (em salários mínimos)

Categorias de Renda	Faixas de Renda Mensal	Percentual
Renda Baixa	De 1 a 2 SM	37,9
Renda Média	De 2 a 4 SM	33,9
Renda Boa	Mais de 4 SM	28,3

Fonte: DESER, Pesquisa de campo, 2008

No segundo ano que eu plantei fumo, eu plantei um alqueire de terra, uns 40 mil pé de fumo, e dai, desse alqueire que eu levei tudo controlado, o valor, tudo certinho, me sobrou naquele ano 370 sacas de soja. E na nossa região aqui num alqueire de terra, ele dá 100, 120 sacas de soja por ano, e eu tirei mais que o dobro, transferindo em valor para soja e eu ainda tirei a planta de milho. (FV, ex-fumicultor).

Quanto à mão de obra do fumicultores

Há a presença de pelo menos um jovem (entre 16 e 25 anos) em 52% das famílias que têm renda com fumo inferior a 2 salários mínimos mensais. Já entre as famílias com renda superior a 4 salários mínimos mensais, os jovens estão presentes em 65% delas.

Nas famílias produtoras de fumo de estufa, o trabalho do marido está presente em 96% delas e o trabalho da mulher em 90%. Já a participação do trabalho de rapazes é verificada em 40% das famílias e o trabalho de moças em 29% das famílias. Em 10,5% das famílias admite-se a presença de trabalho infantil.

A renda também influencia na qualidade da mão de obra. As maiores rendas estão relacionadas à menor idade média, ou seja, quanto mais jovem a mão-de-obra, maior é a renda.

Mão de obra na produção de fumo, por grupos de renda obtida com o fumo

Categorias de Renda	Média de pessoas	% famílias com jovens	% com mais de um jovem
Renda Baixa	2,6	52%	18%
Renda Média	2,6	54%	19%
Renda Boa	3,0	65%	31%

Fonte: DESER, Pesquisa de campo, 2008

Quanto à diversificação

A diversificação (mais de 3 produtos gerando renda agrícola, sendo um deles o fumo) é uma realidade para 14% dos fumicultores de estufa e para 56% dos fumicultores de galpão.

86% dos fumicultores com renda boa e 77% dos que têm renda média são fortemente especializados na produção de fumo, Por outro lado, 56% dos que têm no fumo sua principal fonte de renda, retiram dessa atividade menos de 2 salários mínimos mensais.

40% das famílias, que produzem fumo num ambiente agrícola de forte diversificação produtiva têm uma renda agrícola altamente satisfatória.

Estratificação da renda do fumo, segundo o grau de especialização ou diversificação

Grau de especialização ou diversificação	Renda Baixa	Renda Média	Renda Boa
Grande diversificação	59%	31%	11%
Diversificação simples	67%	22%	11%
Especialização média	28%	32%	40%
Especialização forte	51%	28%	21%
Super especialização	32%	41%	27%

Fonte: DESER, Pesquisa de campo, 2008

A FRÁGIL REPRESENTAÇÃO DOS PRODUTORES

Na verdade, o fumo nesses seis anos que eu planto, nos três primeiros anos deu bem, mas assim dizer que deu bom não né, porque ele não converteu. O preço do fumo não ajudou! Para mim, dinheiro de fumo nunca sobrou, de dizer que eu fiz dinheiro, ou que eu ganhei dinheiro, não... o que eu fiz para me manter foi com o dinheiro das vacas mesmo. (IDB, fumicultor).

A representação dos fumicultores acontece de forma diferenciada, de acordo com o espaço de representação. Esses espaços de debate são articulados com objetivos distintos. Cabe destacar que não existe nenhuma relação formal entre a Comissão Técnica Mista e a Câmara Setorial do Fumo, a não ser, que as duas tratam da mesma cadeia produtiva e que alguns integrantes participam em ambas, sendo, os objetivos de cada esfera bastante distintos.

A chamada "Comissão Técnica Mista" é composta por representantes das Indústrias, da Afubra e das Federações Patronais e de Trabalhadores Rurais dos três estados da região Sul. A comissão tem coordenação compartilhada entre a Afubra e o Sinditabaco, além da participação das Federações vinculadas a CNA (Farsul, Faesc, e Faep) e Contag (Fetag-RS, Fetaesc-SC e Fetaep-PR). Seu principal objetivo é debater as condições para a safra do ano em curso, especialmnte o reajute na tabela dos preços. As negociações ocorrem todo ano, mas nemsempre acontece a assinatura do Protocolo.

Esta comissão tem um sistema fechado de reuniões e sua metodologia já foi alvo de muitos protestos por parte dos fumicultores pois, em diversos momentos permitiu que as indústrias dominassem as negociações, impondo preços e condições de produção. Apesar da amplitude das mobilizações realizada pelos Sindicatos de Agricultores Familiares filiados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da região Sul (Fetraf-Sul/CUT) e o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), em nenhum momento a Comissão abriu espaço para estas entidades participarem.

A Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Fumo foi criada em 2003, no âmbito do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), como um órgão colegiado federal para debater a formulação de políticas públicas estruturadas para os diferentes segmentos do setor. Nessa Câmara, a representação dos agricultores possui três vagas (Fetraf-Brasil/CUT, Contag , MPA e Afubra). Já a representação das indústrias tem cinco vagas (Abifumo, Sindifumo de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro e Sinditabaco da região Sul). Estes últimos somam forças com a Afubra e as Federações Patronais, desequilibrando o debate nos encontros, dificultando a conquista dos interesses dos fumicultores.



No último ano que eu plantei fumo, eu plantei 35 mil pé, paguei as despesas da fumageira e sobrou 900 reais, dai eu fiz as contas Eu estava com a família inteira em casa, eu fiz as contas e nós trabalhamos a 25 centavos cada um por dia. (MS, ex-fumicultor).

As Principais Empresas Fumageiras

No Brasil, o mercado do fumo em folha encontra-se fortemente concentrado em três grandes empresas, a Universal Leaf Tabacos, a Souza Cruz e a Alliance One. A indústria de cigarros produz, no mundo, cerca de 5,4 trilhões de unidades por ano. O maior mercado é a China, que corresponde por 40% do volume vendido. O Brasil é o maior mercado latino-americano de cigarros e, embora sua população represente 34% do continente, seu consumo de cigarros corresponde a 42% do total vendido na América Latina, conforme os últimos dados consolidados disponíveis.

Quando considerada a situação específica das indústrias fumageiras do Brasil, observa-se que as maiores empresas estão vinculadas ao capital internacional, seguindo a dinâmica mundial de fusões e aquisições. Nas próximas páginas, serão apresentadas algumas informações relativas às principais empresas atuantes no Brasil.

Souza Cruz

Fundada em 1903, iniciou o processo de fomento da produção de fumo na região Sul a partir de 1914, quando foi adquirida pelo grupo British American Tobacco (BAT), o segundo maior grupo no mercado de tabaco mundial, com atuação em cerca de 180 países.

Atualmente, a empresa atua de maneira integrada com 40 mil fumicultores e domina 62% do mercado brasileiro de cigarros, produzindo 73 bilhões de unidades por ano. Segundo o padrão contábil internacional (IFRS), no primeiro semestre de 2010, a empresa lucrou R$ 706,5 milhões, 23,4% a menos do que os R$ 922,4 milhões obtidos no mesmo período de 2009. A redução no volume de vendas de cigarros e de exportações de fumo e também o efeito da valorização do real frente ao dólar prejudicaram o desempenho operacional da companhia, que apresentou receita líquida de R$ 2,562 bilhões no semestre, 14,4% inferior aos R$ 2,994 bilhões registrados nos primeiros seis meses do ano passado.

No que se refere às vendas externas, a Souza Cruz exporta para cerca de 50 países. Em 2009, o volume chegou a 113 mil toneladas, volume inferior ao total vendido ao longo de 2008. No final de 2009, a empresa anunciou investimentos de R$ 50 milhões na unidade da empresa instalada em Uberlândia/MG. Essa fábrica, localizada no triângulo mineiro, é a maior produtora de cigarros da América Latina e a segunda maior do mundo, (Abgroup, 2010).

SOUZA CRUZ



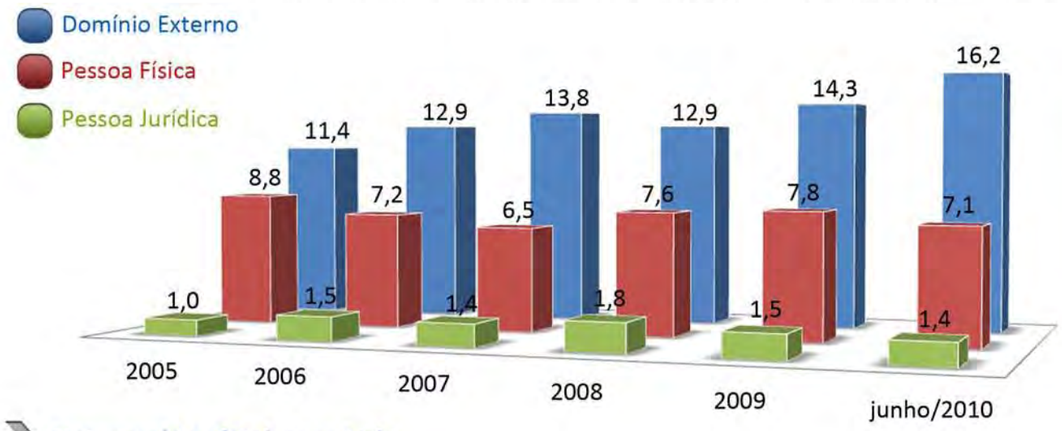
Evolução de indicadores operacionais da empresa Souza Cruz (2003-2009)

Indicadores Operacionais	2003	2004	2005	2006	2007	2007 IFRS	2008	2009
Produção de fumo (t)	113.022	180.061	180.706	197.696	180.763	180.763	151.612	169.566
Exportação de Fumo (t)	96.572	112.061	117.061	115.049	121.009	121.009	127.763	113.401
Produção de Cigarros (bilhões de un.)	77,6	74,8	77,0	79,4	79,3	79,3	78,8	73,0
Participação de Mercado (%)	58,8%	59,1%	59,2%	60,4%	60,9%	60,9%	62,1%	62,0%
Número de Colaboradores	4.275	5.955	6.569	6.517	7.236	7.236	7.309	7.259

Fonte: Souzacruz,(2010).

O capital social da Souza Cruz é composto exclusivamente de ações ordinárias (305,7 milhões de ações ON – Escriturais), com direito a voto nas Assembléias, e o acionista controlador é o grupo BAT, com sede na Inglaterra, com 75,3% do capital. Os demais 24,7% das ações são negociadas no mercado, pertencendo a fundos de pensão, pessoas jurídicas e pessoas físicas (brasileiras e estrangeiras).

Evolução da composição acionária da empresa Souza Cruz (2005-2009)

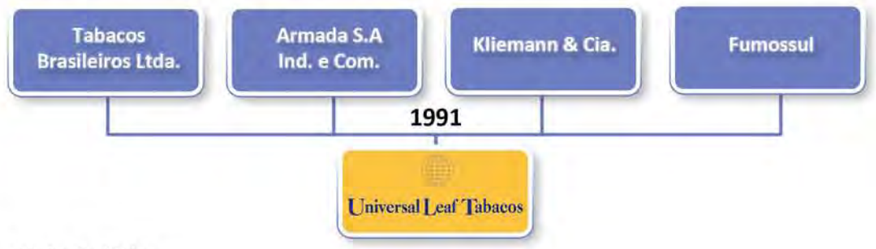


Universal Leaf Tabacos Ltda

É subsidiária do grupo Universal Leaf Corporation, presente em mais de 30 países. Atua no Brasil desde 1970, sendo uma das maiores exportadoras do Rio Grande do Sul, tendo exportado em 2009, um valor de US$ 313 milhões, pouco mais de 45% do total exportado pela empresa no Brasil, que atingiu um valor de US$ 691 milhões. Na Região Sul do Brasil, a empresa mantinha até o ano passado contratos de integração com 50 mil produtores. Em junho deste ano, a empresa anunciou a venda de parte (8,5 mil) de seus contratos de integração para a Philip Morris Brasil, representando, segundo a empresa, aproximadamente 20% do volume que produz atualmente no país. No município de Santa Cruz do Sul/RS está instalada a maior fábrica da empresa que serve também como armazenamento do produto.

A Universal Leaf Corporation e suas subsidiárias obtiveram um lucro líquido em 2009, segundo a própria empresa, de US$ 168 milhões, o que representa um aumento de 27,8% em relação ao ano anterior. O patrimônio líquido da corporação atingiu, nesse mesmo ano, o valor de US$ 1,12 bilhão, o que corresponde a um aumento de 9% em relação a 2008. Abaixo é ilustrado o processo de formaçao da empresa.

Universal Leaf Tabacos



Fonte: SindiTabaco

Indicadores financeiros da Universal Leaf Corporation e suas subsidiárias (em mil dólares)

Dados Financeiros	2007	2008	2009
Vendas e outras receitas operacionais	2.145.822	2.554.659	2.491.738
O lucro operacional	191.513	209.932	257.209
Lucro das operações continuadas	116.484	132.561	170.345
O lucro líquido	119.156	131.739	168.397
Capital de giro	1.028.732	954.044	1.078.077
Patrimônio líquido	1.115.631	1.029.473	1.122.570

Fonte: Universal Leaf Corporation, (2010).

Na última safra, a empresa contava com 44 mil produtores integrados em mais de 600 municípios da Região Sul. Em junho desse ano, anunciou a venda de 8,5 mil contratos de integração para a Philip Morris Brasil. Na última safra (2009/2010) - finalizada em 31 de março de cada ano - a Alliance One Internacional obteve um lucro líquido de 79,9 milhões de dólares, o que representa uma queda de 40% em relação à safra anterior (2009).

Em novembro de 2009, a empresa anunciou investimento de R$ 100 milhões na construção de uma nova fábrica, localizada no município de Araranguá (SC), com capacidade de produção estimada em 70 mil toneladas e previsão de início das atividades até meados de 2011. Em julho desse ano, a fumageira anunciou que irá encerrar na próxima safra (2010/2011) as operações industriais na unidade instalada em Santa Cruz do Sul. Assim, processamento do tabaco da empresa será centralizado nessa nova fábrica e em Venâncio Aires.

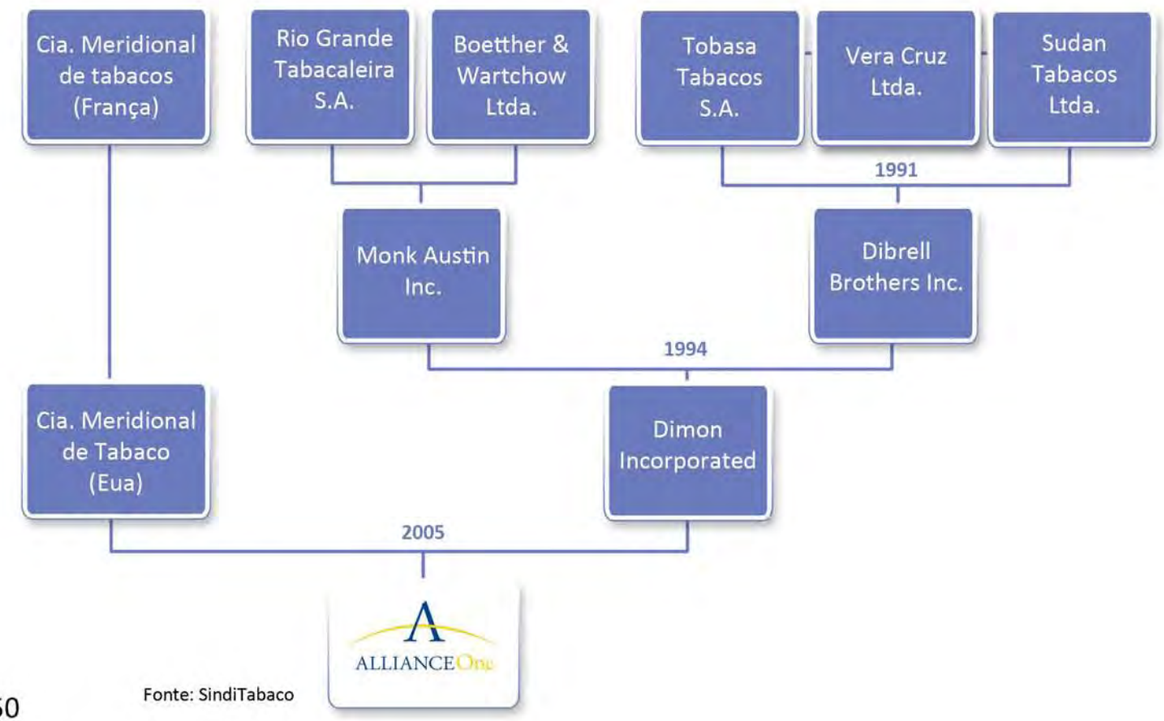
Do total produzido e beneficiado pela Alliance One, 95% são destinados à exportação, principalmente para países do Mercado Comum Europeu, Extremo Oriente, Leste Europeu, América do Norte, África, Oriente Médio e América Latina, e 5% ao mercado interno. Em 2009, foram exportadas 130 mil toneladas, que colocaram a empresa na posição de maior exportadora de tabaco do Rio Grande do Sul.

Indicadores financeiros da Alliance One Internacional e suas subsidiárias (em mil dólares)

Dados Financeiros	2008	2009	2010
Vendas e outras receitas operacionais	2.011.503	2.258.219	2.308.299
Custo das mercadorias e serviços vendidos	1.761.111	1.897.380	1.911.849
Lucro Bruto	250.392	360.839	396.450
Receita operacional América do Sul	42.192	75.815	84.191
Receita operacional Total	93.595	204.462	223.814
Lucro Líquido	17.229	133.237	79.946

Obs: Safra finalizada em 31 de março de cada ano.
Fonte: Alliance One Internacional (2010).

Processo de formação da Alliance One



Fonte: SindiTabaco

A Philip Morris Brasil, uma das empresas da Philip Morris Internacional, é a maior companhia do setor de tabaco do mundo, sendo responsável por 15,6% do cigarro consumido mundialmente. Iniciou suas operações no Brasil em 1973 e, em 2009, teve uma receita operacional mundial de 6,13 bilhões de dólares. A Philip Morris não divulga resultados por país mas, segundo seu balanço global, a receita líquida, na divisão que compreende América Latina e Canadá, subiu 14,7%, para 2,7 bilhões de dólares em 2009.

A empresa está iniciando um processo de verticalização de sua atuação no Brasil, com a compra direta de tabaco em folha de 17 mil produtores do Sul do país. Com a iniciativa, a filial brasileira passa a ser fornecedora do insumo para outras unidades da Philip Morris International, suprindo cerca de 10% da demanda global de tabaco em folha. Além disso, em abril desse ano, a empresa anunciou investimentos de R$ 110 milhões para a ampliação de seu complexo industrial no município de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul.

Receita líquida da Philip Morris por continente, segundo trimestre (em bilhões de dólares)

Continente	2009	2010	Var. %
União Européia	2,28	2,29	0,7
Europa Oriental, Oriente Médio e África	1,64	1,88	15,2
Ásia	1,57	2,12	35,0
América Latina e Canadá	641	754	17,6
Total	**6,13**	**7,06**	**15,1**

Fonte: Philip Morris Internacional, (2010).

Produção de cigarros da Philip Morris por continente, segundo trimestre (em milhões de unidades)

Continente	2009	2010*	Var.%
União Européia	62.900	59.024	(6,2)
Europa Oriental, Oriente Médio e África	76.650	77.892	1,6
Ásia	57.979	78.185	34,9
América Latina e Canadá	25.636	25.858	0,9
Total	**233.165**	**240.959**	**3,3**

Fonte: Philip Morris Internacional, (2010).

Agência IN

Philip Morris é acusada de se beneficiar de trabalho infantil

A fabricante de cigarros norte-americana Philip Morris foi citada em um relatório da Human Rights Watch, como compradora de folhas de tabaco produzidas com trabalho infantil escravo em fazendas do Cazaquistão. Segundo a instituição, a Philip Morris foi avisada sobre os problemas constatados e teria se comprometido a tomar atitudes para remediar e previnir os abusos.

O relatório da instituição foi baseado em entrevistas realizadas ao longo de 2009, com 68 pessoas que estavam trabalhando em fazendas de tabaco no Cazaquistão, ou que trabalharam lá recentemente.

É que nem eu falei antes, eu não gostaria que ela trabalhasse tanto e nem as crianças, mas a gente se obriga, esse é o lado negativo. Poderia ser melhor porque a gente trabalha demais, então a gente pensa em melhorar, melhorar e melhorar para um dia poder parar, só que nunca sobra, mas dá pra viver! (WE, fumicultor).

Fonte: CSU - Agência Investimentos e Notícias, (2010).

Continental Tobaccos Alliance S.A - CTA

A CTA foi constituída em 1994, por um grupo de empreendedores brasileiros que conta com uma aliança estratégica com a G. F. Vaughan Tobacco Co. Inc., de capital norte-americano. Atualmente, a fumageira exporta em torno de 90% do tabaco beneficiado para mais de 50 países e possui 14 mil produtores integrados.

Segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX), entre janeiro a maio de 2010, a CTA esteve em 12º lugar entre as maiores empresas exportadoras de Santa Catarina, atingindo um montante negociado com o mercado mundial, nesse período, de 45,3 milhões de dólares, 1,04% inferior ao valor negociado no mesmo período do ano passado, que atingiu o valor de 45,8 milhões de dólares. A empresa, dentre as fumageiras presentes no Estado, foi a 3ª maior exportadora em valor, ficando atrás apenas da Universal Leaf Tabacos e da Souza Cruz.

Kannenberg e Cia Ltda (JTI - Japan Tobacco International)

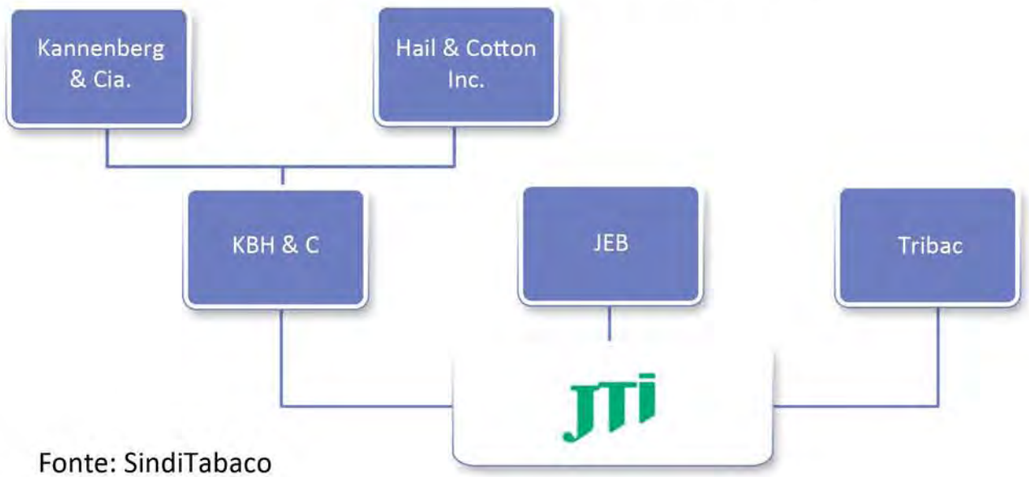
Iniciou suas atividades em Santa Cruz do Sul (RS), em 1953. Porém, somente em 1996 deu início à exportação de fumo beneficiado. Em 1999, em parceria com as empresas norte-americanas Hail e Cotton e J. Barker, em Vera Cruz (RS), a empresa fundou a KBH & C, responsável pelo beneficiamento, comercialização e exportação do fumo exportado. Ao longo dos anos, a fumageira especializou-se na produção de fumo em sistema de integração e contava, em 2008 com 10,8 mil produtores, tendo recebido nesse mesmo ano 57 mil toneladas, sendo que cerca de 80% desse volume foi exportado.

Em 2008, a empresa contava com 50% de capital nacional mas, em 2009, um grupo japonês da empresa Japan Tobacco International (JTI) investiu US$ 230 milhões na compra da Kannenberg Cia Ltda e da KBH & C, juntamente com a aquisição da inglesa Tribac e nos EUA com a JEB e a Hail&Cotton.

A JTI é uma empresa da Japan Tobacco, o 3º maior grupo mundial nesta indústria, com uma quota global de mercado de 11% e um valor de mercado de aproximadamente US$ 32 bilhões, segundo o Jornal Gazeta do Sul. Essa multinacional surgiu em 1999 quando a Japan Tobacco Inc. comprou, por US$ 8 bilhões, as operações internacionais da R. J. Reynolds que tem sede nos Estados Unidos.

Entre os consumidores, ela é conhecida por fabricar e comercializar marcas internacionalmente reconhecidas, incluindo três das mais famosas: Winston, Camel e Mild Seven. A carteira inclui ainda outras famosas como a Benson & Hedges e Silk Cut e duas líderes da Virgínia, a prestigiada Sobranie de Londres e a Glamour – a marca de cigarros ultrafinos em rápido crescimento e de maior valor internacional, a LD.

Processo de formação da Kannenberg



Fonte: SindiTabaco

Brasfumo Indústria Brasileira de Fumos Ltda

É uma das poucas empresas de capital nacional do setor. Iniciou suas operações em 1991, em Venâncio Aires (RS) e atualmente conta com 5.900 produtores integrados e 1300 empregados (entre funcionários efetivos e temporários). Sua produção está voltada quase completamente ao mercado externo. Seu complexo industrial possui 64 mil metros quadrados e compreende duas unidades, uma no Rio Grande do Sul e outra em Santa Catarina. A produção da empresa conta com tabacos destalados mecânica ou manualmente, folhas soltas, manocados e seus subprodutos.

Marasca

É uma empresa nacional, que iniciou suas atividades em 1996, atuando principalmente no mercado interno. Conta com alguns milhares de produtores integrados, e atua também no mercado spot, ou seja, onde ela admite apenas transações em que a entrega da mercadoria é imediata e o pagamento é feito à vista na bolsa de mercadorias. Assim como a grande parte das empresas do setor, seu objetivo é atender à demanda do mercado externo.

Em 2007, após investimento de pouco mais de 15 milhões de reais, com a ajuda do BRDE, a empresa terminou a construção de sua moderna fábrica de processamento de fumo, em Venâncio Aires/RS, com capacidade de beneficiamento de 40 mil toneladas por safra.

Premium Tabacos do Brasil

A empresa foi fundada em 2002, com sede em Santa Cruz do Sul (RS). A empresa também possui unidades de compra em Santa Catarina e Paraná, agregando 5 mil fumicultores em sistema integrado nos três Estados do Sul. Industrializa fumo para exportação. Para se ter uma idéia, em 2003 as exportações representaram, para a empresa, 52% do seu faturamento, em 2004, 67% e, em 2005, 81%, ou seja, U$ 46 milhões.

A atividade exportadora foi motivada pela globalização de mercado, considerando que o Brasil é o maior exportador de fumo mundial. No momento, a empresa exporta para aproximadamente 30 países. Cerca de 27% segue para a América do Norte, 26% para a Europa, 10% para a África, 34% para a Ásia e 3% para a América Latina.

Principais empresas exportadoras em 2009, na região Sul

Posição	Empresa	US$ FOB	Part. (%)
1º	BUNGE ALIMENTOS S/A	1.556.537.836	4,73
2º	SADIA S.A.	1.299.359.686	3,95
3º	CIEN COMPANHIA DE INTERCONEXAO ENERGETICA	1.066.005.332	3,24
4º	BRASKEM S/A	1.061.881.578	3,23
5º	BRF - BRASIL FOODS S.A.	991.544.828	3,02
6º	ADM DO BRASIL LTDA	857.863.218	2,61
7º	SEARA ALIMENTOS S/A	704.870.164	2,14
8º	**UNIVERSAL LEAF TABACOS LTDA**	**692.097.932**	**2,10**
9º	COOPERATIVA AGROPECUARIA MOURAOENSE LTDA	661.627.183	2,01
10º	ALBERTO PASQUALINI - REFAP S.A.	623.069.334	1,89
11º	DOUX FRANGOSUL S/A AGRO AVICOLA INDUSTRIAL	576.972.938	1,75
12º	**ALLIANCE ONE BRASIL EXPORTADORA DE TABACOS LTDA**	**572,905,730**	**1,74**
19º	**SOUZA CRUZ S/A**	**486.917.049**	**1,48**
21º	**CTA CONTINENTAL TOBACCOS ALLIANCE S/A**	**423.890.918**	**1,29**
29º	**PREMIUM TABACOS DO BRASIL LTDA**	**207.778.126**	**0,63**
30º	**JTI PROCESSADORA DE TABACO DO BRASIL LTDA**	**203.319.298**	**0,62**
49º	**A.T.C. ASSOCIATED TOBACCO COMPANY BRASIL LTDA**	**102.825.695**	**0,31**
54º	**BRASFUMO IND BRASILEIRA DE FUMOS S/A**	**91.479.978**	**0,28**
63º	**TABACOS MARASCA LTDA**	**69.374.592**	**0,21**
	Empresas do Setor Fumageiro	**2.850.589.318**	**8,67**
	Demais empresas	20.636.233.765	62,75
	Total	**32.886.555.180**	**100,00**

Fonte: SECEX,(2010).

ORGANIZAÇÕES DE REPRESENTAÇÃO DOS INTERESSES DAS FUMGEIRAS

Na cadeia produtiva do tabaco os interesses dos fumicultores e das indústrias fumageiras são discutidos pelas organizações de representação. Basicamente, os interesses das indústrias são defendidos principalmente pelo Sinditabaco e pela Abifumo. No entanto, pelo papel dsempenhado historiacamente situamos aqui também a Afrubra, muito embora ela se apresente oficilmente como representante dos produtores. também exercem papel relevante a Câmara Setorial do tabaco, já descrita na representação dos fumicutores. A seguir, é apresenta-se de maneira sucinta às principais atividades desenvolvidas por cada organização.

Afubra - Associação dos Fumicultores do Brasil

Fundada em março de 1955, em Santa Cruz do Sul (RS) como Associação dos Plantadores de Fumo em Folha do Estado do Rio Grande do Sul (APFFRGS). Em setembro de 1963, passa a chamar-se Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), em virtude da expansão de seu raio de atuação para os estados do Paraná e de Santa Catarina.

Embora seja uma entidade sem fins lucrativos, que tem por missão proporcionar o bem-estar aos associados (165 mil), clientes e comunidades, através do mutualismo, de programas sócio-ambientais, de soluções no comércio de bens e serviços e de alternativas à agricultura familiar e no agronegócio, tem uma rede de lojas denominada Agro Comercial Afubra Ltda. Esse departamento desmembrou-se da Afubra em 1994. Porém além de ser de propriedade limitada, essas lojas possuem fins lucrativos onde são comercializados todos os produtos e insumos utilizados no cultivo do fumo e de outras culturas, bem como diversos eletrodomésticos e eletrônicos para o uso da família. Também cobram para prestar Assistência Técnica nas lavouras.

Hoje a Associação conta com 17 filiais e é organizada em três departamentos: o Agropecuário, de Fomento e o Estatístico. Auxilia principalmente nos danos causados pelo granizo e tufão; e também para a reconstrução de estufas atingidas por esses desastres naturais, via o seguro Afubra, pago pelo fumicultor. Também realiza levantamento, elaboração e apuração dos custos de produção, participa na negociação do preço pago ao produtor, acompanha e fiscaliza a comercialização e fornece dados estatísticos e informações gerais referentes ao setor.

Além disso, a organização é filiada à Associação Internacional dos Produtores de Tabaco (ITGA), é membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Agrobusiness (ABAG) e da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco.

Sinditabaco - Sindicato da Indústria do Fumo

A história do Sinditabaco começou em dezembro de 1942, com a fundação da Associação Profissional da Indústria do Fumo, que foi criada a partir da necessidade de organização das indústrias de tabaco junto aos trabalhadores do setor e aos órgãos governamentais. Em junho de 1947, a Associação passa a ser reconhecida enquanto entidade sindical e passa a denominar-se Sindicato da Indústria do Fumo.

Constituiu-se como uma entidade representativa do agronegócio do tabaco perante as esferas federal, estadual, municipal, judicial e internacional, possuindo atualmente 14 empresas associadas. Seu principal foco é garantir a sustentabilidade do setor, atuando em negociações e acordos com representantes dos trabalhadores das indústrias de tabaco dos Estados do Sul do Brasil.

Abifumo - Associação Brasileira da Indústria do Fumo

A Associação Brasileira da Indústria do Fumo (Abifumo) foi fundada em 1979, no Rio de Janeiro, atualmente com sede em Brasília. É integrada por empresas do setor fumageiros que atuam em diferentes áreas da cadeia produtiva, desde as que beneficiam o tabaco, até os fabricantes de seus produtos derivados.
Foi criada para defender os interesses da indústria tabacaleira - com exceção da esfera sindical, realizada pelo Sinditabaco – junto aos órgãos governamentais e a sociedade civil.

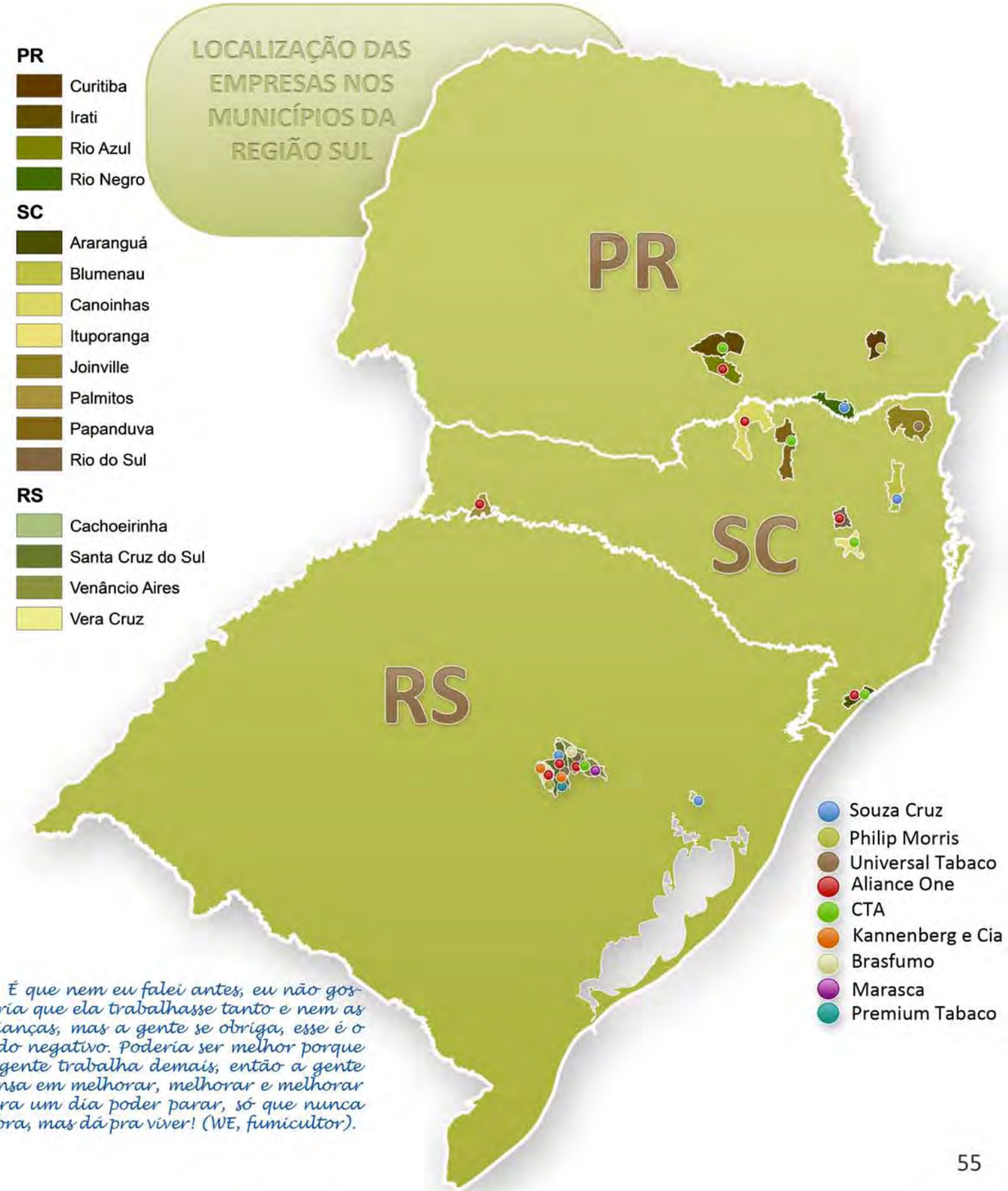
Mesas de negociações

Este é um espaço de discussão, onde somente membros da Comissão Técnica Mista tem assento. Neste cenário as negociações mudaram nas últimas duas safras. O Sindifumo tornou-se Sinditabaco e passou a realizar uma representação mais institucional, junto a governos e entidades, repassando as negociações de preços e condições de trabalho para cada empresa definir diretamente com as entidades de representação, resultando em tabelas de preços diferenciadas de uma empresa para outra.

Esta nova estratégia das indústrias objetiva mascarar a imposição unilateral de preços e condições de produção e também procura desvencilhar as indústrias de obrigações decorrentes das relações "trabalhistas" dos agricultores integrados, questionadas em ações cíveis públicas, movidas pelo Ministério Público do Trabalho do Paraná e Santa Catarina.

É visível, nestes espaços, que o Sinditabaco e a Afubra têm uma afinidade muito grande e procuram impor seus objetivos aos demais membros. Assim agiram ao apresentar o Planejamento Estratégico da Câmara Setorial e aprovaram apressadamente, sem debater com as demais entidades.

Preconizam ampliação da produção de tabaco no Brasil e buscam, para tanto, apoios externos que possam amparar esta ação, garantindo assim matéria prima barata às indústrias cigarreiras no mundo todo, via exportações, isentas de qualquer taxa ou imposto.



É que nem eu falei antes, eu não gostaria que ela trabalhasse tanto e nem as crianças, mas a gente se obriga, esse é o lado negativo. Poderia ser melhor porque a gente trabalha demais, então a gente pensa em melhorar, melhorar e melhorar para um dia poder parar, só que nunca sobra, mas dá pra viver! (WE, fumicultor).

O Sistema Bancário

Na cadeia produtiva do fumo, os bancos atuam como repassadores de recursos nas operações de crédito realizadas, tanto para custeio, quanto para investimento. Porém, os bancos não mantêm contato direto com os fumicultores, e sim com as empresas fumageiras, as quais atuam como avalistas dos seus integrados nos financiamentos. As empresas ficam responsáveis por toda burocracia das operações realizadas e também pelo fornecimento de cópia dos documentos gerados aos produtores.

Os recursos dos financiamentos são repassados diretamente para a conta das empresas, em operação autorizada previamente pelos produtores. A maior parte dos financiamentos é realizada através de bancos privados, concentrando-se geralmente nas matrizes das agências, em virtude de possuírem maior disponibilidade de recursos. Tanto os bancos quanto as fumageiras afirmam que seria mais difícil, para os fumicultores, obterem crédito individualmente, devido à burocracia envolvida para liberação dos recursos, o que não acontece da forma como vem sendo realizado o repasse.

Nesse sentido, um dos problemas verificados no processo de financiamento é que as empresas não costumam fornecer cópia do documento do crédito gerado aos fumicultores, onde constam as informações sobre as operações realizadas, o que acaba gerando dúvidas e insegurança por parte dos agricultores.

A partir de 2002, tendo por base um estudo realizado pelo Deser, por solicitação do Ministério do Desenvolvimento Agrário e do Tribunal de Costas da União, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) deixou de financiar o custeio e o investimento para as lavouras de fumo. A partir de então, o custeio das lavouras de fumo vem sendo realizado através das exigibilidades bancárias (Recursos Obrigatórios - MCR 6.2). Desde 2003, os fumicultores podem acessar a linha Pronaf Custeio, desde que os recursos sejam destinados exclusivamente para a implantação de outras culturas, como o milho, o feijão, o leite, etc.

Em 2009, só no Brasil foram realizados 204,2 mil contratos de financiamento de custeio para a cultura do fumo, o que representa 19% do total de 1,027 milhão de contratos de custeio agrícola. Somente os contratos de fumo atingiram o montante de R$ 764,2 milhões, apresentando uma média de R$ 3,7 mil por contrato.

Evolução do número de contratos de financiamento de custeio para o fumo



Fonte: Banco Central

Nós não temos outra atividade para poder pagar essa dívida com a empresa... só se fosse sair daqui para trabalhar, mas fica muito longe. Eu até já fui trabalhar de empregado, já aconteceu, mas estamos plantando porque nos vimos obrigados! (OM, fumicultor).

Se considerar os valores, esse percentual diminui expressivamente, o que significa que os valores médios destinados ao custeio do fumo são menores que os destinados a outras culturas. No ano passado, o total financiado para custeio agrícola no Brasil atingiu o montante de R$ 25,6 bilhões, desse total, apenas 3,8% foram destinados para a cultura do fumo. Na Região Sul, o montante total foi de R$ 10,6 bilhões para custeio agrícola, sendo que cerca de 11% foi destinado aos produtores de tabaco.

Evolução percentual do valor (em reais) de custeio para o fumo em relação ao valor total de custeio agrícola (2000 - 2009)

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	3,40	4,33	4,29	5,21	4,56	4,40	5,10	3,20	3,30	3,80
Região Nordeste	1,40	0,68	0,95	0,19	0,25	0,34	0,50	0,40	0,30	0,40
Região Sul	17,37	18,26	8,73	10,57	12,24	12,52	11,60	8,00	7,20	11,20
Paraná	6,50	6,87	2,88	3,92	5,81	5,46	4,90	3,20	2,70	4,60
Santa Catarina	16,81	20,64	20,38	23,80	24,50	23,65	21,70	15,70	15,90	30,90
Rio Grande Do Sul	31,81	29,05	10,90	12,78	14,07	15,00	13,80	9,70	8,90	12,80

Fonte: Banco Central

A partir das mudanças ocorridas no Pronaf, em 2002, tanto suas linhas de custeio e investimento, como as linhas específicas constituíram-se em um importante instrumento para auxiliar os agricultores familiares e potencializar a diversificação ou substituição da cultura do fumo nas unidades de produção familiares.

Nesse mesmo ano, somente o Pronaf destinou, para o custeio de outras atividades agrícolas, 652,9 mil contratos. Comparando esse número com o número de contratos de custeio realizados para o fumo (que não são do Pronaf), percebe-se que esse atingiu, no mesmo ano, o número de 204,2 mil contratos, o que representaria 31,2% do total de contratos acessados pelo Pronaf custeio. Na Região Sul, esse percentual chegaria a 46,7% do total e se, somente em Santa Catarina, representaria 69% dos contratos realizados.

Evolução percentual do número contratos de custeio para o fumo em relação ao total de contratos para o custeio agrícola do Pronaf (2000- 2009)

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	20,15	24,72	31,44	27,54	35,63	43,23	33,3	29,9	37,5	31,3
Nordeste	3,06	24,72	4,75	0,86	1,17	2,09	2,8	2,6	4,4	17,5
Sul	29,40	36,10	44,80	48,00	62,45	72,96	54,7	48,8	59,8	46,7
Paraná	18,26	24,79	32,15	34,61	44,24	57,21	39,7	33,3	41,5	39,6
Santa Catarina	41,15	51,19	60,48	70,04	90,01	108,99	78,9	66,2	80,5	68,9
Rio Grande do Sul	29,30	34,89	43,96	45,56	60,68	67,20	52,6	49,5	60,7	42,0

Fonte: Banco Central

Observando os valores de custeio agrícola destinados ao cultivo do fumo em relação ao custeio agrícola do Pronaf, verifica-se que na região Sul foram disponibilizados o montante de R$759 milhões para o custeio do fumo, o que representaria 27% do valor total disponibilizado para o Pronaf no de 2009, que foi de R$2,8 bilhões para a região Sul, conforme pode-se verificar na tabela abaixo.

Evolução valor (em milhões de reais) de custeio para o fumo em relação ao custeio agrícola do Pronaf (2000-2009)

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	247,28	364,02	469,85	822,20	904,79	858,21	755,22	601,01	769,24	764,26
Nordeste	3,07	1,71	3,01	1,04	1,94	2,97	4,19	4,23	4,88	4,36
Sul	244,54	362,23	466,73	820,93	902,69	854,99	750,62	596,41	763,99	759,54
Paraná	32,66	50,96	67,06	129,80	173,80	150,92	124,54	95,18	121,63	121,49
Santa Catarina	85,26	121,22	152,21	263,60	264,30	256,44	227,24	174,90	225,55	213,68
Rio Grande do Sul	126,62	190,05	247,45	427,53	464,60	447,64	398,83	326,33	416,81	424,37

Fonte: Banco Central

O GOVERNO

Principalmente após a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, o governo brasileiro vem somando esforços no intuito de diminuir o consumo de fumo no país. Dentre várias medidas, estudos revelam que o aumento dos impostos sobre o tabaco favorece a diminuição do consumo. Segundo Iglesias et all., (2007) os impostos correspondem a aproximadamente 74% dos preços dos cigarros, incluindo impostos de valor agregado e outros. Por outro lado, os preços dos cigarros são ainda relativamente baixos no país, apesar de a carga fiscal ser elevada. O preço do cigarro brasileiro é o sexto mais barato do mundo.

Em 2009, os impostos totais incidentes sobre o cigarro no Brasil atingiram R$ 11,04 bilhões, valor 6% inferior ao montante alcançado no ano anterior (2008). Desse total, o principal imposto em arrecadação foi o IPI, que representou 34,5% do total, ou seja, R$ 3,8 bilhões. A margem da indústria ficou em pouco mais de R$ 1 bilhão, ou 9,5% do total arrecadado.

Essa queda na arrecadação deve-se, principalmente, à diminuição do consumo, uma vez que em 2009 foram consumidos 4,8 bilhões de maços de cigarros no Brasil, número 8% inferior ao total consumido no ano anterior. Já o preço médio pago pelo maço de cigarros subiu e, no ano passado, ficou em R$ 2,27.

O fumo dá renda em pouca terra, e daí nós não temos como produzir grãos, porque o que nós produzimos vai tudo para o leite. Entre meio isso fomos se sustentando com o fumo. Claro que o fumo ninguém quer plantar se não precisasse, porque é muito ruim. Se eu pudesse desistir dele eu não plantaria! Se o governo fizesse algum incentivo, que mandasse subsídio ou alguma coisa que não precisasse pagar, porque nós já estamos velhos, já estamos cansados. (PK, fumicultor).

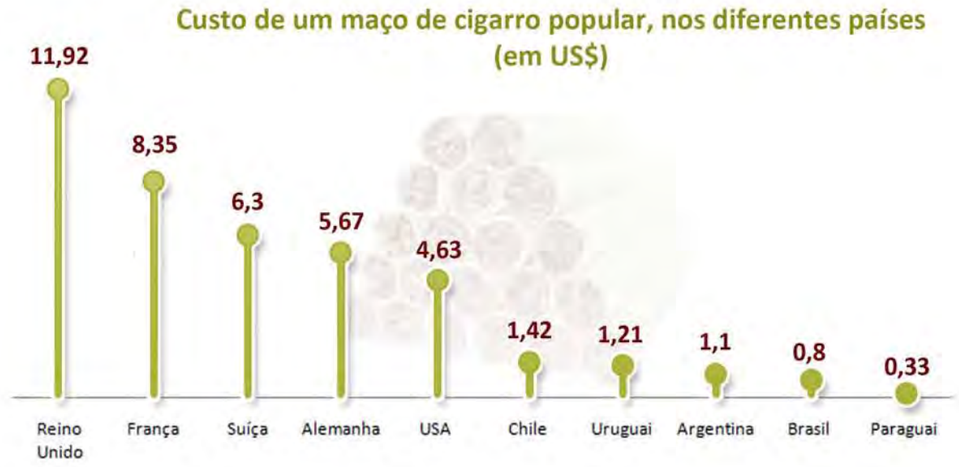
Um aumento de 72% no IPI correspondente ao cigarro aumentaria os preços em aproximadamente 14%, reduziria o consumo por adulto em 7%, e aumentaria em 60% as receitas fiscais oriundas do tabaco. (Iglesias, et all., 2007).

Evolução dos impostos, consumo e preços sobre o tabaco, no Brasil

Especificação	2007		2008		2009	
	R$	%	R$	%	R$	%
IPI	3.413.850.830,00	31,09	3.731.373.660,00	31,71	3.815.060.500,00	34,54
ICM Indústria	2.745.342.850,00	25,00	2.942.151.150,00	25,00	2.754.734.250,00	24,94
ICM Varejo	231.706.940,00	2,11	248.317.560,00	2,11	232.499.570,00	2,11
Selo de Controle	658.882.280,00	6,00	706.116.280,00	6,00	661.136.220,00	5,99
Cofins	520.517.000,00	4,74	557.831.860,00	4,74	591.716.920,00	5,36
PIS	290.226.660,00	2,64	311.044.220,00	2,64	371.117.800,00	3,36
Total de Tributos	**7.860.526.560,00**	**71,58**	**8.496.834.730,00**	**72,20**	**8.426.265.260,00**	**76,30**
Margem da Indústria	1.676.218.160,00	15,26	1.646.616.940,00	13,99	1.054.065.070,00	9,54
Margem do Varejo	927.925.880,00	8,45	994.447.090,00	8,45	933.202.270,00	8,45
Margem do Fumicultor	516.700.800,00	4,71	630.705.840,00	5,36	630.281.300,00	5,71
TOTAL GERAL	**10.981.371.400,00**	**100**	**11.768.604.600,00**	**100**	**11.043.813.900,00**	**100**
Consumo maços	5.536.078.000		5.295.110.000		4.864.956.000	
R$/maço	1,984		2,223		2,270	

Fonte: Receita Federal.

O gráfico abaixo apresenta os preços de um maço de cigarros popular em alguns países selecionados. Na comparação observamos que o mesmo maço que os fumantes pagam US$ 11,92 no Reino Unido, seria comprado no Brasil por US$ 0,88, ou seja, seria possível comprar 13 maços de cigarros no Brasil com o que se paga por um maço no Reino Unido. Na França esse mesmo maço seria adquirido por US$ 8,35, já no Paraguai o desembolso seria muito menor, o preço médio de um maço de cigarros popular nesse país sairia por apenas US$ 0,33.



Fonte: Organização Pan-Americana de saúde e consultoria legislativa(2008)

Segundo relatório elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sobre o Programa Nacional de Controle do Tabagismo, no Brasil (42° país do ranking na cobrança de impostos), o cigarro é barato demais. Comparando com outros países, os impostos cobrados pelo país também poderiam ser maiores, como ocorre na Eslováquia, que é o país que mais cobra impostos sobre o preço do cigarro, ou o vizinho Uruguai, terceiro país que mais cobra impostos sobre o cigarro no mundo (87,3%), conforme pode-se observar na tabela 15 em anexo.



Nota: Para os dados referentes ao percentua de impostos cobrados e o raking dos EUA levou-se em consideração a fonte USA Today

Fonte: El Atlas Del Tabaco, (2007) e USA TODAY, (2010).

A Dinâmica da Produção de Fumo - A Integração

O Sistema Integrado de Produção de Tabaco, pioneiro no Brasil e no mundo, foi criado pela BAT (da qual a Souza Cruz é subsidiária no Brasil) e, em 2008, completou 90 anos. Nesse sistema são estabelecidos deveres e obrigações da indústria e do produtor através de contrato firmado entre as partes. Geralmente as fumageiras seguem um procedimento padrão para a contratação da produção do fumo em folha de seus integrados. Além do contrato de compra e venda, onde fica especificada a variedade de fumo produzida e os compromissos da empresa e do produtor, o fumicultor também assina vários documentos.

Ao longo desses 90 anos, o sistema de integração conquistou muitos agricultores familiares, principalmente por ter "facilitado o acesso ao crédito agrícola e aos mercados", para esse público, até então esquecido nos grotões. Por muitos anos, esta foi a grande e única oportunidade apresentada aos agricultores familiares pelas indústrias fumageiras que consolidaram, assim, importante relação de confiança. Esse quadro começa a mudar somente com o advento do Pronaf em 1995, que rompe com esta dependência ao oferecer novas possibilidades àqueles, antes dependentes da intermediação financeira das integradoras.

Pedido de insumos

- Produtos que serão utilizados durante a safra;
- Estimativa da safra e consumo de lenha;
- Dados do financiamento para o cultivo;
- Autorização para a empresa descontar o gastos com o cultivo;
- Desconto da anuidade e do seguro Afubra e do seguro de vida;

Receituário Agronômico

- Relação dos insumos para utilização na safra;
- Recomendações técnicas para manuseio, aplicação, dosagens e descarte das embalagens;

**O RA é enviado, quase sempre, junto aos produtos e agrotóxicos, sem a presença do técnico para repassar as recomendações aos agricultores.

Cadastro do produtor

- Informações analisadas pela empresa para liberar os financiamentos aos produtores;

Seguro Afubra

- O produtor autoriza o seguro da safra;
- As modalidades de seguro são: Granizo, granizo e/ou tufão, incêndio da estufa e falecimento;

Declaração de ITR

- Faz parte da exigência dos bancos para liberação do crédito;
- Afirma que o fumicultor não possui débitos relativos ao imóvel, objeto do financiamento com a Receita Federal, nos últimos 5 anos;

Nota promissória

- Algumas empresas emitem esse documento no valor da nota fiscal de fatura dos insumos que gerará o financiamento;
- Outras coletam assinaturas em notas promissórias em branco;

Carta de anuência

- É assinada pelo proprietário da terra que será arrendada para o cultivo do fumo;
- Concede a exploração da terra ao arrendatário;

Programa "O Futuro é Agora".

- O produtor se compromete a cumprir e incentivar o programa que possui regras de proteção à criança e ao adolescente previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

No entanto, o processo da integração em si divide opiniões. Por um lado, autores como Buainain et all. (2009) citam que o sistema de integração pelo acompanhamento técnico e a garantia de financiamento da safra e aquisição do produto permitem que haja um fumo de elevada qualidade, que respeita as especificações dos compradores do produto no mercado internacional. Por outro lado, nessa dinâmica do processo de integração, muitos produtores tornaram-se tão dependentes que, a curto e médio prazo, não vislumbram alternativas agrícolas que possam substituir o cultivo do tabaco e aumentar sua autonomia.

COMO FUNCIONA A INTEGRAÇÃO?

A empresa integradora se compromete a:

- Fornecer assistência técnica gratuita;
- Repassar insumos certificados e aprovados para uso na cultura;
- Avalizar os financiamentos de insumos e investimentos;
- Custear o transporte da produção da propriedade até as empresas;
- Comprar integralmente a safra contratada por preços negociados com a representação dos produtores;

Os agricultores se comprometem a:

- Produzir os volumes de fumo contratados;
- Utilizar somente os insumos recomendados para a cultura;
- Classificar preliminarmente o fumo, de acordo com a Portaria do MAPA nº10;
- Comercializar a totalidade da sua produção contratada aos preços negociados;

A Classificação do Fumo

A classificação do fumo segue a Instrução Normativa Nº10 do MAPA, de abril de 2007. Essa IN tem por objetivo definir as características de identidade, qualidade, embalagem, marcação e apresentação do tabaco em folha curado que se destina à comercialização interna. Conforme sucintamente descrito abaixo:

Grupos: São dois Tabaco de Estufa (TE) e Tabaco de Galpão (TG);

Subgrupo: Independente do Grupo, são classificados em Folhas Manocadas (FM) e Folhas Soltas (FS);

Classe: Independente do Grupo e Sub Grupo, é classificado segundo a posição na planta, conforme apresentado na figura a seguir;

Subclasse: O TE é classificado em três Sub Classes (O, R e L). Já o TG é classificado em apenas uma Sub Classe (L), conforme a cor das folhas, de acordo com a figura a seguir.

Tipo: Independente do Grupo ou Sub Grupo, Classe ou Sub Classe as folhas são classificadas segundo a qualidade. O Tipo "1" ou Primeira: Constituído de folhas maduras, com boa granulosidade e elasticidade, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de forte intensidade. O Tipo "2" ou Segunda: Constituído de folhas maduras, de granulosidade e elasticidade moderada, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de intensidade moderada. E o Tipo "3" ou Terceira: Constituído de folhas não maduras a passadas de maduras, de granulosidade e elasticidade mínima, com textura de acordo com sua posição na planta e cor de fraca intensidade.

A subclasse "L" do Grupo "TE", segundo sua qualidade, será classificada em 2 tipos, sendo que as folhas de fumo com características descritas como Tipo "3" serão classificadas no Tipo "2". Nos Tipos "2" e "3" dos grupos TG e TE, e no tipo 2, da subclasse L, do grupo TE será tolerada a presença de folhas com até 20% de sua superfície, isoladamente ou em conjunto, com coloração esbranquiçada ou pálida, acinzentada, descorada ou queimada pelo sol, escaldada na estufa, carijós, pretas e, com até 10% de sua superfície avermelhada ou tostada por excesso de calor durante o processo de cura.

Independente da classificação, será obrigatório que as folhas tenham aroma agradável, estejam em bom estado de conservação e sanidade, com teor de umidade máximo de 17% e isentas de impurezas, matérias estranhas e contaminantes.

Mistura: Poderá haver até 10% de mistura de classes, subclasses e tipos, isoladas ou cumulativamente, tanto no TE como no TG, desde que em todos os casos a mistura seja constituída de folhas pertencentes às classes e subclasses ou tipos imediatamente superior ou inferior. Porém, nas folhas de características medianas, que se confundem e podem ser enquadradas em duas classificações aproximadas, quanto às classes, subclasses e tipos, prevalecerá a de melhor qualidade.

Subtipo: O TE, Tipos "2" e "3", possuem quatro subtipos (K,G2,G3 e N). Já o TG, é classificado em três subtipos (K,G e N) que se distinguem pela coloração, maturação, presença de manchas nas folhas e aroma.

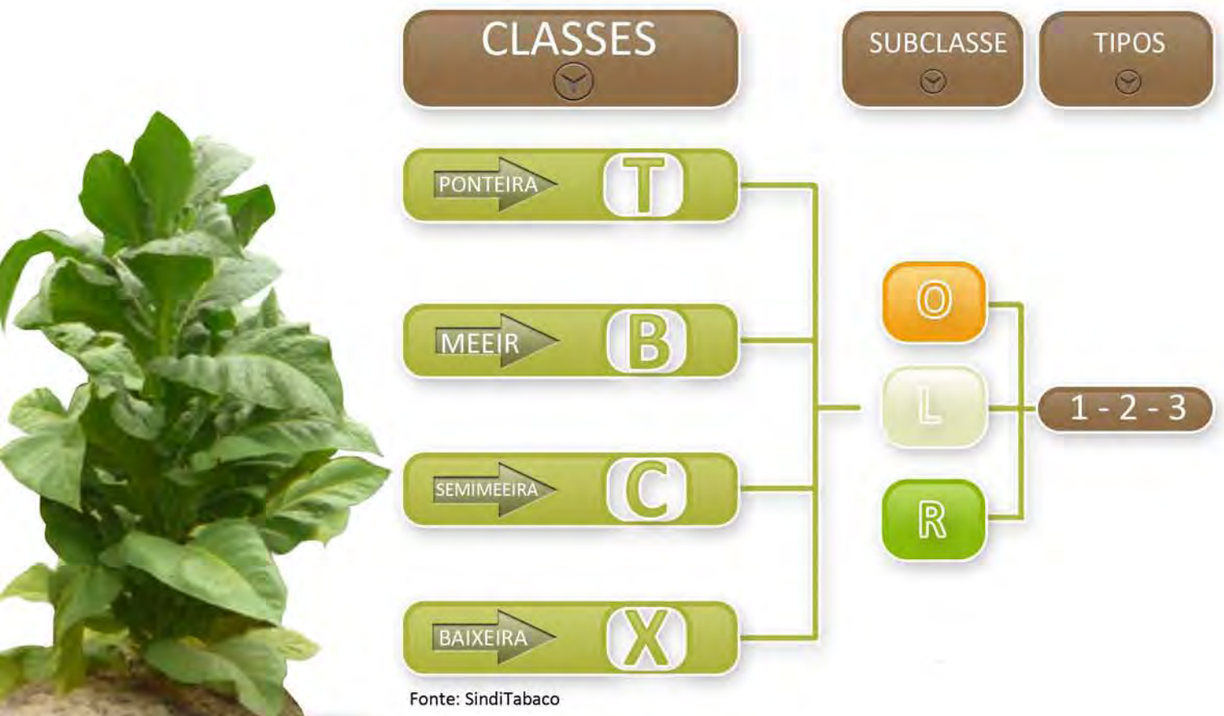
Fora do Tipo: Desde que em boas condições de conservação, sanidade e umidade de no máximo 17%, quando não enquadrar-se em nenhum dos tipos e subtipos descritos acima, serão denominados como Fora do Tipo (FT).

Resíduos: Fragmentos de lâminas e talos e folhas com até 20% de aproveitamento do TE, de oriundos de qualquer posição da planta, em condições normais de umidade de sanidade, isentos de matérias estranhas, impurezas e contaminantes, são classificados em "SC" e "ST", conforme o tamanho do fragmento.

Umidade: Independente do Grupo, o percentual máximo de umidade será de 17%.

De acordo com a classificação apresentada, o TE Virgínia apresenta 41 classes, o TG Burley, 30 classes e o TG Comum, 18 classes. Os preços a serem pagos para cada classe são negociados entre as empresas (Sinditabaco) e os representantes dos produtores (Afubra, Fetaep, Fetaesc, Fetag-RS, Faep, Faesc, Farsul). No entanto, embora o produtor classifique o fumo na propriedade, a classificação oficial é realizada na empresa (com o acompanhamento da Claspar-PR, Emater-RS e Epagri-SC) e o próprio fumicultor tem o direito de estar presente mas não costuma participar. Porém, mesmo que o preço pago pela classe seja tabelado, muitas vezes as empresas garantem seus lucros, diminuindo a classificação do fumo recebido.

Classificação do tabaco, conforme IN Nº 10 do MAPA



Fonte: SindiTabaco

Preços e Negociações

Na safra 2008/2009, conforme dados da Afubra, no Brasil, o preço médio recebido pelos produtores foi de US$ 2,67/kg de tabaco produzido, enquanto o preço recebido pelas fumageiras para a exportação foi de US$ 4,53/kg. Segundo essa mesma instituição, em média, o custo de produção ficou em torno de US$ 2,29/kg, ou seja, ocasionou para os produtores uma sobra média de US$ 0,38/kg. Já nos Estados Unidos, o preço médio recebido pelos fumicultores foi de US$ 4,06/kg, aproximadamente 35% maior do que o valor recebido pelos agricultores brasileiros, no entanto, o custo de produção por quilogramas de fumo produzido ficou em torno de US$ 3,57, proporcionando uma renda líquida média para os fumicultores de US$ 0,49/kg, ou seja, US$ 0,11/kg a mais, se comparado ao Brasil.

Nessa mesma safra, a China apresentou o menor custo de produção, em média US$ 0,43/kg de fumo. Consequentemente, é um dos países que menos remunerou o produtor, uma vez que foram pagos US$ 0,77/kg de fumo produzido. Também na Índia, o custo de produção ficou em torno de US$ 0,95/kg e o fumicultor recebeu US$ 1,48/kg de fumo produzido. Esses custos baixos nos dois maiores países asiáticos se devem, principalmente, pela grande e barata disponibilidade de mão de obra.

Preços recebidos pelos fumicultores nos principais países produtores de fumo (safra 2008/09)

País	Produtor	Exportação	Custo
	US$/kg Recebido		US$/kg
África do Sul	3,58	3,60	2,88
Argentina	2,25	4,64	4,43
Brasil	2,67	4,53	2,29
China	0,77	1,80	0,43
Colômbia	1,78	2,49	1,69
Croácia	3,23	2,79	2,30
Estados Unidos	4,06	7,36	3,57
Índia	1,48	3,01	0,95
Itália	5,05	1,23	2,60
Malavi	2,36	3,52	2,93
Portugal	0,71	1,23	0,60
Rep. Dominicana	1,71	2,45	1,63
Tanzânia	1,63	3,00	2,09
Zâmbia	2,30	3,01	4,01
Zimbábue	3,24	3,22	5,16
Outros	1,68	3,97	1,29
Total / Média	**1,68**	**3,97**	**1,37**

Fonte: Afubra, (2010)

Evolução dos preços do Fumo na região Sul (jul/2009 – jul/2010 em R$/kg)

Produtos	Fumo estufa	Fumo galpão
	R$ kg	
Jul/09	5,56	4,94
Ago/09	5,56	4,89
Set/09	5,52	5,00
Out/09	5,79	4,98
Nov/09	5,50	5,16
Dez/09	5,64	4,99
Jan/10	5,65	4,99
Fev/10	5,70	5,00
Mar/10	5,78	5,09
Abril/10	6,00	5,18
Maio/10	6,22	5,24
Junho/10	6,25	5,26
Julho/10	6,23	5,26

Fonte: Emater/RS, Seab/PR, Instituto Cepa/SC

Na região Sul do Brasil, os preços do fumo estufa recebidos pelos produtores tiveram um aumento de 12% nos últimos doze meses (jul/09 a jul/10). Em julho de 2009, os produtores receberam R$ 5,56/kg de fumo curado em estufa, e em julho de 2010 esse valor chegou a R$ 6,20/kg. No fumo de galpão, esse aumento foi de 6,6%, no mesmo período.

O preço médio praticado pelas fumageiras na região Sul, na safra 2009/10, ficou em torno de R$ 7,59/kg de fumo, aumento médio de 7,4% em relação à safra passada (2008/09). A tabela abaixo demonstra o preço praticado pelas principais empresas localizadas na região.

Preços praticados pelas fumageiras na safra 2009/10.

Empresa	R$/kg	Empresa	R$/kg
Alliance One	7,56	Kannenberg	7,78
ATC	7,60	Prêmium	7,60
Brasfumo	7,49	Souza Cruz	7,64
CTA	7,60	Tabacos Marasca	7,50
Industrial Boettcher	7,60	Universal Leaf	7,60
Intab	7,56		

Fonte: Afubra, (2010).

Distribuição da Renda do Setor Fumageiro

O faturamento total do setor fumageiro (exportação e consumo doméstico) foi de R$ 16,9 bilhões em 2009, sendo que as exportações foram responsáveis por 87% e o consumo doméstico de cigarros responde por 13%.

Desse valor total, faturado na cadeia do fumo, os impostos e tributos arrecadados pelo governo absorveram, em 2009, R$ 8,4 bilhões (49,7% do total). A indústria ficou com 18% do total (R$ 3,04 bilhões), os fumicultores ficaram com R$ 4,5 bilhões (26,8%) e a renda do comércio varejista correspondeu a 5,5% do faturamento total (R$ 933 milhões).

Distribuição da renda do setor fumageiro em 2009 (em R$ milhões)

Segmento	Faturamento (R$ milhões)	%	Margem líquida (R$ milhões)	%
Governo	8.426	49,73	8.426	75,95
Indústria	3.046	17,98	1.054	9,50
Varejista	933	5,51	933,0	8,41
Produtor	4.538	26,78	680,7	6,14
Total	16.943	100,0	11.094	100,0

Fonte: Anuário Brasileiro do Fumo, (2010).

No entanto, quando descontados os custos e comparando as margens líquidas de renda que efetivamente ficaram com cada um destes setores, os resultados são outros. Em 2009, o Tesouro Nacional permaneceu com os mesmos R$ 8,4 bilhões (58%), a indústria obteve uma margem de R$ 1,5 bilhões (9,5%) e o varejo obteve R$ 933 milhões (8,4%), enquanto as 222.110 mil famílias fumicultoras ficaram com apenas 6% da margem líquida total, ou seja, R$ 680 milhões, valor que corresponde a uma renda média de R$3.061,54/família/ano ou R$ 255,13/família/mês, no período de um ano.

Comparando a evolução da participação dos fumicultores no faturamento total, entre 2003 e 2009, verifica-se um pequeno aumento de 6,9% na participação desse grupo. Mesmo assim, essa distribuição é realizada de maneira desigual, se levar em consideração que os fumicultores utilizam suas terras para o cultivo, dispõe da sua mão de obra e de sua família por longos meses, além de correr riscos que atingem a saúde e a perda de produção, principalmente pelos efeitos climáticos (com exceção dos tufões e granizo que são assegurados) e de mercado e também pela responsabilidade que possuem quanto à qualidade do tabaco que é produzido, que conferem ao país o status de um dos maiores e melhores produtores de fumo do mundo

Evolução da distribuição da renda do setor fumageiro (dados de faturamento em R$ milhões)

Segmento	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Governo	5.589	6.457	6.587	7.015	7.747	8.496	8.426
Indústria	3.190	2.957	3.089	3.115	3.284	3.306	3.046
Varejista	728	824	869	912	928	994	933
Produtor	2.365	3.680	3.458	3.325	3.328	4.007	4.538

De uma forma simples, significa dizer que, de cada carteira contendo vinte cigarros, quinze cigarros vão para os cofres públicos através dos tributos, a indústria fica com dois cigarros, o varejo fica com dois cigarro e os fumicultores ficam com apenas um cigarro do maço.

Distribuição da renda Líquida do Setor Fumageiro



Foram três anos sempre trombando, mas sempre com aquela esperança, esse ano não deu, mas no ano que vem... e no outro ano de novo não deu, e assim foi indo, até que a minha saúde parou por aí né! (NS, ex-fumicultor).

Consequências do Consumo e do Cultivo do Tabaco

Embora o tabaco constitua-se em uma importante fonte de renda para milhares de agricultores familiares, principalmente da região sul do país, as conseqüências ao ambiente e os riscos relacionados tanto ao cultivo quanto o consumo do tabaco são inegáveis e necessitam de divulgação à toda população, fumante ou não fumante. Dessa forma, este capítulo pretende informar sobre as conseqüências relacionadas ao cultivo e consumo do tabaco.



É na verdade paramos de plantar fumo porque fomos intoxicados se não eu acho que nós estaríamos até hoje [...] não tinha outra saída! Porque dois anos, fomos bem assim, sem problemas com venenos e essas coisas, e produzíamos bem e ganhavamos bem também. Mas daí os outros dois anos eu só me intoxicava, eu ia mexer com fumo e parava no médico. Dava bem, só que daí o que nós ganhávamos nós gastavamos tudo na farmácia! Na verdade só quem não se intoxicou foi a minha filha mais velha, o resto todos foram. A nossa neném só tinha dois meses de vida e o médico falou que também foi intoxicação. Foi assim até que o médico que falou: "Oh se você quiser no próximo ano plantar fumo, você pode plantar, mas encomende o teu caixão primeiro". (GM, Ex-fumicultor).

Eu acho que a produção de fumo hoje deveria ser considerada um crime, ambiental, para a família. Quanta mãe esta lá com uma criança, num bercinho do lado, chupando chupeta e a mamadeira e a mãe passa o dia inteiro fazendo manoquinha de fumo, eu acho que isso é errado! Não que a mãe faça isso por vontade né... Não, ela é obrigada a fazer! Não tem quem cuida o filho e ela precisa trabalhar, mas imagina quanta intoxicação que pega uma criança, uma pessoa assim! (JG, Ex-fumicultor).

Tabagismo no Brasil e no Mundo

Os números do tabagismo no mundo são alarmantes. Aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas fuma atualmente, sendo que cerca de 900 milhões (84% do total) vivem em países em desenvolvimento e de economias em transição, enquanto os 16% restantes residem em países desenvolvidos, onde o consumo de cigarros caiu acentuadamente nas últimas décadas. Cerca de 2/3 da população fumante do mundo vive em dez países: China (que concentra aproximadamente 30%), Índia (10%), Brasil, Estados Unidos, Japão, Rússia, Alemanha, Turquia, Indonésia e Bangladesh. A Organização Mundial da Saúde estima que, a cada dia, 100 mil crianças tornam-se fumantes em todo o planeta e cerca de 5 milhões de pessoas morrem, todos os anos, vítimas do uso do tabaco, que é responsável por 1 entre 10 óbitos ocorridos entre os adultos em todo o mundo. Aproximadamente, a metade dessas mortes tem ocorrido em países de baixa renda, com predominância entre os homens. Para se ter uma idéia, no ano 2000, o tabaco foi responsável por 1 em cada 5 mortes entre os homens e por 1 em cada 20 mortes entre as mulheres.

No Brasil, de acordo com a pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), que entrevistou 54 mil adultos em 2009, 15,5% da população brasileira com mais de 15 anos é fumante. Esse índice é bem menor que na Argentina e nos Estados Unidos, onde respectivamente 35% e 40% da população são dependentes da nicotina. Diferentes pesquisas apontam para a queda da prevalência do tabagismo que, em 1989, fazia parte do dia a dia de 35% da população do país. Presenciou-se, nas duas últimas décadas, uma queda de 55,7% do número de fumantes, o que reflete as ações que o país vem realizando no intuito de intensificar o controle do tabagismo e que objetivam reduzir a prevalência de fumantes e a consequente morbi-mortalidade relacionada ao consumo de derivados do tabaco. A maior queda no uso do cigarro no país ocorreu na faixa etária dos 35 aos 44 anos. De acordo com a pesquisa, em 2006, 19% da população nessa idade era dependente do tabaco; já em 2009, a proporção de fumantes dessa faixa etária caiu para 15,1%.

Em 2008, o IBGE e o Ministério da Saúde, através do Instituto Nacional de Câncer (INCA), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), buscando subsidiar as políticas nacionais referentes ao tabagismo e se integrar ao projeto com vistas à comparabilidade internacional dessas estatísticas, realizaram uma pesquisa especial da PNAD, em cerca de 50 mil domicílios, denominada Pesquisa Especial de Tabagismo – PETab. Com base nessa pesquisa, apresenta-se o gráfico abaixo, que aponta o percentual de fumantes de cigarro, conforme as unidades da Federação.

Percentual das pessoas de 15 anos ou mais de idade na condição de fumante diário de cigarros conforme Unidade da Federação - 2008



Fonte: PETab, (2008).

6 a cada 10 fumantes com câncer não conseguem parar de fumar mesmo depois de saber que estão doentes. (INCA, 2010).

O consumo brasileiro de cigarros por adulto, também revelou queda nas últimas décadas. Estima-se que as vendas legais e ilegais de cigarros caíram de 1.700 unidades/pessoa/ano em 1990 para 1.175 entre 2003 e 2005 (Iglesias et al., 2007:15). Cabe salientar que, mesmo na década de 1980, onde o consumo era maior, o uso per capita de cigarros sempre foi mais baixo no Brasil do que em vários países desenvolvidos, como os Estados Unidos, o Canadá, a França, a Alemanha e a Itália.

Tanto em nível mundial quanto nacional, as pesquisas revelam que o número de homens fumantes prevalece sobre o número de mulheres que fumam. Também o ato de fumar está atrelado ao nível de escolaridade. De acordo com o INCA (2008), a concentração de fumantes é maior entre as pessoas com menos de oito anos de estudo do que entre as pessoas com oito anos ou mais. A prevalência do tabagismo é de 1,5 a 2 vezes maior entre aqueles que possuem pouca ou nenhuma escolaridade, em comparação com os que possuem mais anos de estudo.

Desde 1985 o Brasil vem buscando meios para diminuir o consumo do tabaco. Mas um estudo sobre as doenças e agravos não transmissíveis (DANT), realizado no país, constatou que a legislação ampla que entrou em vigor a partir de 1996, restringindo o uso do tabaco em teatros, escolas, escritórios de governo e no sistema de transporte público, advertências em maços de cigarros e extensas campanhas nos meios de comunicação em massa foram fundamentais para alavancar o Programa Nacional de Controle do Tabagismo brasileiro. O país é um dos poucos que dispõe de um sistema responsável pela regulamentação dos produtos derivados do tabaco, incluindo a comercialização, os teores das substâncias e a distribuição dos produtos, que é composto pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e pelas Vigilâncias Sanitárias Estaduais (VISAs). Cabe destacar ainda que, em 2007, Brasília tornou-se a primeira cidade brasileira livre de tabaco.

Sim, eu fumei uns 40 anos, desde pequeno, e dai eu vi o meu pai morrendo. Ele vomitava assim os pedaço do pulmão, do fumo que ele fumava, e dai nós somos seis irmãos, todos fumavam, mas dai com essa história, todo mundo deixou de fumar, até a vizinhança parou! O pulmão dele virou uma bolinha de picoman, bateu o vento e desmanchou, por isso que eu falo que fumo é droga! (IM, Ex-fumicultor).

PERIGO

O tabaco é o único produto de consumo legal que mata quando usado exatamente de acordo com as instruções do fabricante!



Em estudo realizado pelo DESER (2009), com 1.761 unidades de produção familiar da região Sul do Brasil, observou-se que 36,4% das famílias entrevistadas possuíam fumantes em seus domicílios. Percebeu-se que há maior prevalência de fumantes (39,4%) entre os agricultores que cultivam o tabaco. Em média, entre os entrevistados, há 1,3 pessoas fumantes por família onde há o cultivo do fumo e 1,2 pessoas fumantes por família não fumicultora.

Tabagismo e Gênero

Um levantamento de tendências de tabagismo realizado pela OMS revelou que metade dos 151 países estudados, o número de meninas que fumam é semelhante ao número de meninos, e a maioria dessas meninas continuam a fumar na idade adulta.

O marketing direcionado ao ato de fumar, por longas décadas, esteve atrelado à imagem masculina, conferindo a liberdade, a beleza, o poder, a riqueza e a virilidade ao fumante. Algum tempo depois, pesquisas revelaram os sérios riscos à saúde, provenientes do consumo do tabaco, entre eles, ironicamente a impotência sexual.

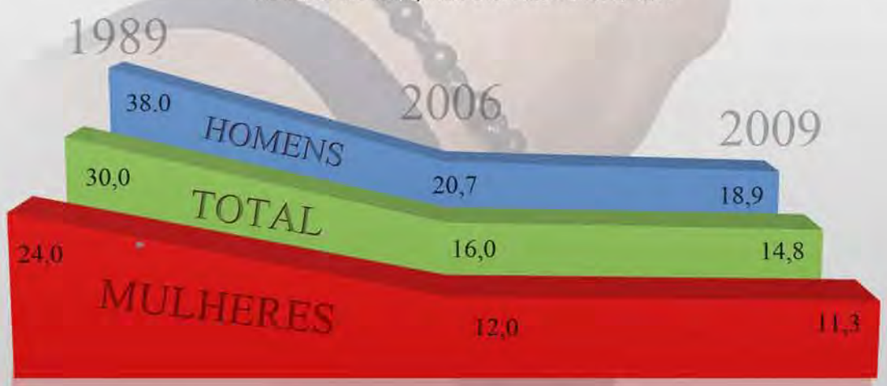
Mundialmente, quase 1 bilhão de homens possui o hábito de fumar, e cerca de 50% deles estão localizados nos países em desenvolvimento. Entre os países que apresentam significativa prevalência de homens que fumam, em comparação às mulheres que fumam, destacam-se o Afeganistão, Yemen, Djibout, Rússia, Ucrânia, Belarus, Grécia, Indonésia, Jordania e Tonga. No entanto, merecem especial atenção a China e a Índia, que apresentam a maior população de homens fumantes do mundo. Para se ter uma idéia, na China, 60% dos homens que residem no país possuem o hábito de fumar. Neste ranking de países que apresentam maior consumo de tabaco mundial entre os homens, o Brasil encontra-se em 12o lugar.

Entre as mulheres, o tabagismo torna-se mais presente após a conquista de seu espaço no mercado de trabalho e, por conseqüência, com a aquisição de renda própria. A preocupação com o crescimento do número de mulheres no universo de tabagistas vem sendo objeto de discussões, há algumas décadas, em nível mundial, particularmente a partir do final da década de 90. Atualmente, 20 a 25% dos fumantes do mundo são mulheres e esse comportamento vem chamando a atenção das empresas tabagistas que não medem esforços na realização de campanhas publicitárias específicas para esse público, mais uma vez atreladas à beleza, à liberdade e ao prestígio.

Números atuais revelam que em três países, Suécia, Nauru e Islândia, o número de mulheres que fumam é predominante em relação ao número de homens fumantes. Destacam-se ainda os Estados Unidos, a China, a Índia, a Rússia e o Brasil como os países em que as mulheres têm uma participação significativa entre os fumantes. Estudos revelam ainda que, enquanto nos países em desenvolvimento os fumantes constituem 48% da população masculina e 7% da população feminina, nos países desenvolvidos a participação das mulheres mais do que triplica: 42% dos homens e 24% das mulheres. Segundo a OMS, a prevalência de tabagismo entre os homens atingiu o pico, mas entre as mulheres permanece em ascensão.

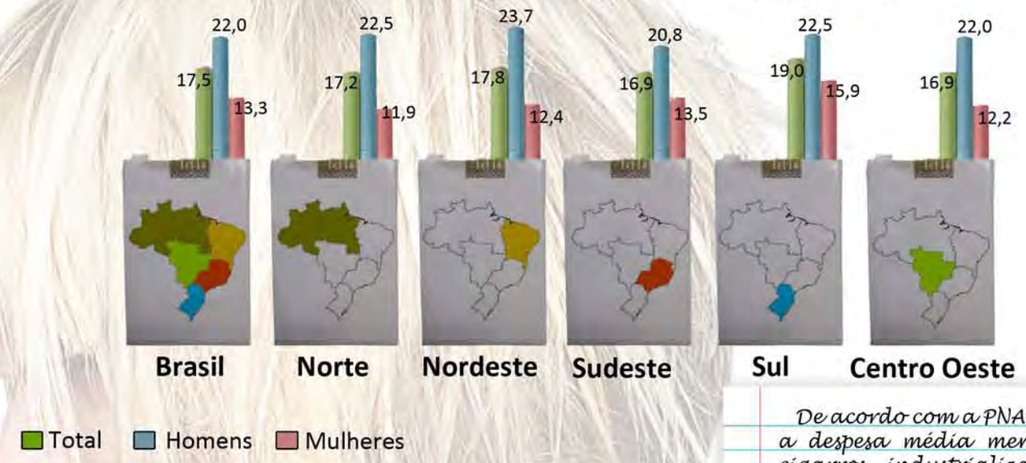
Queda no percentual de fumantes no Brasil !!

Comparando dados da Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição (PNSN) realizada em 1989 e da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para doenças Crônicas por Inquérito telefônico (Vigitel), realizadas em 2006 e 2009, onde foram entrevistados 54 mil domicílios das capitais dos 26 estados brasileiros e o Distrito Federal, observa-se uma redução no consumo, tanto entre os homens quanto entre as mulheres de mais de 50%, nos últimos vinte anos.



De acordo com a Pesquisa Especial do Tabaco (PETab), realizada pelo IBGE em 2008, 17,5% da população brasileira, que corresponde a 25 milhões de pessoas, é usuária de produtos derivados de tabaco, fumados ou não. Na área rural a prevalência de fumantes é de 20,4%. O percentual de homens com 15 anos ou mais, usuários de tabaco em todas as grandes regiões do Brasil mostrou-se maior (22%) do que entre as mulheres (13,3%), com destaque para o Norte e Nordeste, que apresentaram quase o dobro de homens usuários, em relação ao percentual de mulheres usuárias. Esse estudo também revelou que o maior consumo de tabaco em proporção à população dá-se na região Sul (19%) porém, em termos de contingente de fumantes, a região Sudeste se destaca, com 10,5 milhões de pessoas.

Pessoas de 15 anos ou mais usuários(as) de tabaco fumado ou não fumado, por sexo segundo as grandes regiões do Brasil, 2008 (%)



Observando a faixa etária do público fumante, essa mesma pesquisa revelou maior concentração (42%) entre as pessoas com idade de 25 a 44 anos, seguida pelas pessoas em idade de 45 a 64 anos (36%). Segundo o nível de instrução, caracterizado pelos anos de estudo, as proporções mais expressivas de fumantes foram encontradas entre as pessoas sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo (25,7%), seguida pelas pessoas com 1 a 3 anos de estudo (23,1%) e com 4 a 7 anos de estudo (20,3%).

Da mesma maneira, levando em consideração o rendimento domiciliar per capita, observou-se maior índice de fumantes entre as pessoas sem rendimentos ou com menos de ¼ de salário mínimo (22,9%), seguido por 19%, de fumantes que possuem rendimentos entre ¼ e menos ½ salário mínimo. Ou seja, além das sérias consequências para a saúde, o tabagismo reduz o acesso das famílias aos alimentos.

Entre os jovens, o tabaco é a segunda droga mais consumida, no mundo e no Brasil, e isso se deve às facilidades e estímulos para obtenção do produto, entre eles o baixo custo, a curiosidade pelo produto estimulada pela imitação do comportamento do adulto e a promoção e o marketing de produtos derivados do tabaco.

De acordo com a PNAD (2008) a despesa média mensal com cigarros industrializados por fumante diário, entre os homens foi de R$ 89,27 e entre as mulheres, de R$ 62,80. Na situação de moradia urbana foi, para o total dos fumantes de cigarros industrializados, R$ 78,42 e na rural, R$ 78,56.

Usuários de tabaco fumado com 15 anos ou mais segundo a faixa etária (%)



Fonte: PETab

Na decisão de parar eles são mais determinados: 25,8% dos homens pararam de fumar contra 18,6% das mulheres. Para elas os riscos são ainda maiores, a combinação de anticoncepcional e cigarro aumenta os riscos de infarto, eleva o índice de infertilidade e a predisposição à ansiedade. E mais: a depressão é 2x maior entre as mulheres e os riscos de infarto e derrame quadriplicam. (Vigitel, 2009).

Tabagismo Passivo

Ao fim do dia, em um ambiente poluído com fumaça de cigarros, os não fumantes podem ter respirado o equivalente a 10 cigarros! (BVS, 2010).

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) define tabagismo passivo como a inalação da fumaça de derivados do tabaco (cigarro, charuto, cigarrilhas, cachimbo e outros produtores de fumaça) por indivíduos não-fumantes, que convivem com fumantes em ambientes fechados. Essa situação também é conhecida como fumo de segunda mão, fumo passivo ou fumo ambiental. A fumaça dos derivados do tabaco em ambientes fechados é denominada poluição tabagística ambiental (PTA) e, segundo a OMS, torna-se ainda mais grave em ambientes fechados e é a terceira maior causa de morte evitável no mundo.

Os números relativos ao fumo passivo são alarmantes. Pesquisas revelam que 79% dos europeus maiores de 15 anos e 88% de todos os não fumantes nos Estados Unidos estão expostos à fumaça do tabaco. No Brasil, de acordo com a PETab, 23% dos entrevistados, de 15 anos ou mais de idade, foram expostos à fumaça do tabaco no trabalho, em ambientes fechados ou fechados e abertos, nos 30 dias anteriores à data da entrevista.

Na queima de um cigarro são liberadas mais de 4000 substâncias na forma de gases e partículas. O ar poluído contém, em média, três vezes mais nicotina e monóxido de carbono, e até 50 vezes mais substâncias cancerígenas do que a fumaça que entra pela boca do fumante depois de passar pelo filtro do cigarro. Estudos revelam que em pessoas expostas ao fumo passivo há maior risco de câncer de pulmão (30% mais chances), 30% mais risco de sofrerem de doenças cardíacas e 25% a 35% mais riscos de sofrerem doenças coronarianas agudas. Além disso, têm mais propensão à asma, redução da capacidade respiratória, 24% a mais de chances de infarto do miocárdio e maior risco de arteriosclerose, aneurisma arterial, trombose vascular, infecções respiratórias e úlcera do aparelho digestivo. O fumo passivo causa também uma grande variedade de efeitos adversos para a saúde da criança, tais como bronquite e pneumonia, ocorrência e agravamento da asma, infecções do ouvido médio e "orelha colada", que é a causa mais comum de surdez nas crianças. Não é a toa que há um grande embate, no Brasil e no mundo, pela aprovação de leis que proíbam totalmente o fumo em locais públicos fechados.

De 1996 a 2005 no Brasil, houve mais de 1 milhão de hospitalizações relacionadas ao tabagismo no SUS, com custos em torno de meio bilhão de dólares (Iglesias et all., 2007).

A Agência de Proteção Ambiental da Califórnia (Cal EPA) estima que a poluição provocada pelo fumo do tabaco é causa 3 mil mortes por ano devido a câncer de pulmão em não-fumantes.

1975

1 milhão e 500 mil mortes relacionadas ao Tabaco

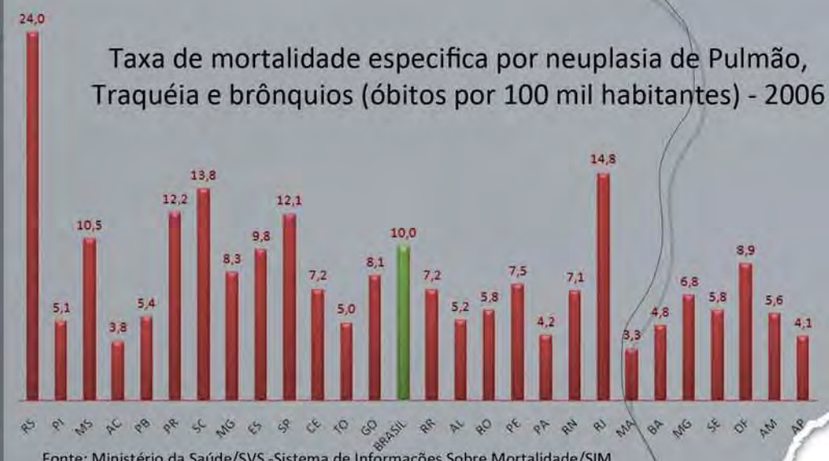
Números revelados pelo INCA, mostram ainda que o tabagismo é responsável por:

- 25% das mortes causadas por doença coronariana - angina e infarto do miocárdio;
- 45% das mortes causadas por doença coronariana na faixa etária abaixo dos 60 anos;
- 45% das mortes por infarto agudo do miocárdio na faixa etária abaixo de 65 anos;
- 85% das mortes causadas por bronquite e enfisema;
- 90% dos casos de câncer no pulmão (entre os 10% restantes, 1/3 é de fumantes passivos);
- 30% das mortes decorrentes de outros tipos de câncer (de boca, laringe, faringe, esôfago, pân-
- 25% das doenças vasculares (entre elas, derrame cerebral).

O fumo prejudica a saúde de quem fuma e de quem planta! (NP, ex-fumicultor)

1950

300 mil de mortes relacionadas ao Tabaco



Fonte: Ministério da Saúde/SVS -Sistema de Informações Sobre Mortalidade/SIM

2025 - 2030

10 milhões de mortes relacionadas ao Tabaco (Projeção)

Riscos à Saúde e Mortes

Neoplasia (ou Câncer) é o termo que designa alterações celulares que acarretam um crescimento exagerado destas células ou seja, proliferação celular anormal, sem controle, autônoma,na qual reduzem ou perdem a capacidade de se diferenciar.Estudos revelam que a grande ocorrência de neoplasia no pulmão, traquéia e brônquios está relacionada ao tabagismo, ativo e passivo.

2000

4 milhões e 200 mil mortes relacionadas ao Tabaco

De acordo com a ACT, em 2005 o Sistema Único de Saúde (SUS) teve um custo direto (somente quimioterapia e hospitalizações) relacionados ao tabagismo de R$338 milhões!

No mundo ocorre um óbito a cada 8 segundos devido a doenças causadas pelo tabagismo. Aproximadamente 10 mil mortes a cada dia! Metade dos fumantes morrerá de uma doença causada pelo uso do tabaco. Eles perdem em média 10 anos de vida!

O fumante é um dependente químico e está sujeito a mais de 2.450 doenças. De acordo com a OMS, o tabagismo é a principal causa de morte evitável do mundo e a segunda maior causa de morte, sendo responsável por 90% de todos os cânceres de pulmão, 75% de bronquite crônica e enfisema, 25% dos casos de isquemia do coração. Nos homens, o tabagismo está associado à redução na qualidade e volume do sêmen, incluindo a concentração de espermatozóides, a motilidade espermática (13%), a morfologia (3%) e o efeito potencial na função espermática, além das alterações nos níveis hormonais.

Nas mulheres fumantes, a fertilida de é diminuída em até 40%. Chegam na menopausa mais precocemente e, quando aliada ao uso de anticoncepcionais, correm dez vezes mais risco de ter um infarto e quatro vezes mais chances de ter Acidente Vascular Cerebral (derrame), bem como outros problemas cardiovasculares. Quando grávidas, as fumantes aumentam os riscos de abortos espontâneos (1,7 vezes maior), nascimentos prematuros (1,4 vezes maior), bebês de baixo peso (risco 2 vezes maior), mortes fetais e de recém-nascidos (1,3 vezes maior), além de complicações com a placenta e hemorragia. De acordo com dados do INCA, um único cigarro fumado por uma gestante é capaz de acelerar, em poucos minutos, os batimentos cardíacos do feto, devido ao efeito da nicotina sobre o seu aparelho cardiovascular, podendo trazer inúmeras implicações no desenvolvimento da criança.

Custo médio para tratar um paciente fumante/ex-fumante no INCA com diagnóstico de:

- Câncer de pulmão: R$ 25.317,00/ano
- Câncer de laringe: R$ 27.667,00/ano
- Câncer de esôfago: R$ 28.722,00/ano

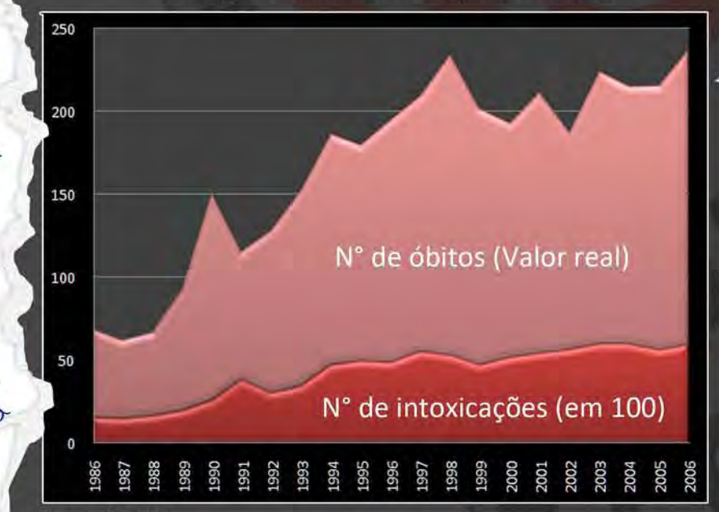
Fonte: Aliança de Controle do tabagismo (ACT).

O uso de Agrotóxicos

O uso de agrotóxicos no Brasil se intensificou a partir da década de 1960. De acordo com Pires et al. (2005), o país é o oitavo maior consumidor de agrotóxicos por hectare do mundo. Alves Filho (2002) cita, que entre 1972 e 1998, a quantidade de ingrediente ativo vendido cresceu 4,3 vezes, passando de 28.043 toneladas para 121.100 toneladas/ano, o que resulta em inúmeros problemas, tanto para a saúde das pessoas quanto para o meio ambiente. A Organização Mundial da Saúde e a Organização Internacional do Trabalho, em 2005, destacaram que no setor agrícola, que emprega a metade dos trabalhadores do mundo e é predominante na maioria dos países em desenvolvimento, a utilização de agrotóxicos provoca cerca de 70 mil mortes a cada ano, e pelo menos 7 milhões de casos agudos de intoxicações e doenças relacionadas.

No Brasil, a série histórica dos casos de intoxicação, envenenamento e óbitos registrados pelos Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIAT), no período de 1986 a 2006, revela que os agrotóxicos de uso agrícola, em toda história, sempre apresentaram o maior número de óbitos, bem como significativo número de casos de intoxicação, quando comparado a outras formas de envenenamento, como medicamentos e animais peçonhentos.

Casos de intoxicação e óbitos ocasionados pela utilização de agrotóxicos no Brasil, 1986-2006.



Fonte : CIAT, 2009

O maior perigo é o veneno, porque usa veneno muito forte! Os pessegueiros e o pareral moreram por causa do veneno e o filho também que teve uma contaminação no sangue, porque quando ele foi doar não pode porque tinha essa contaminação! (GB, ex-fumicultor).

É que a gente não gosta muito de mexer com o veneno né.. muito veneno... veneno forte e a gente não é muito fã do veneno... e se não cuidar certo ali vira numa coisa né, de bicho e doença! (GM, ex-fumicultor).

No caso específico da fumicultura, observa-se que ao longo dos anos, as indústrias de tabaco vêm trabalhando para a redução dos ingredientes ativos (i.a.) utilizados no cultivo do tabaco. De acordo com o Sinditabaco, enquanto nos anos 90 utilizava-se, em média, 5,7 kg/ha de i.a., atualmente utiliza-se 1,1 kg/ha de i.a., valor que segundo estudos realizado pela UFPel é 32 vezes inferior ao utilizado na cultura do tomate, por exemplo. O desenvolvimento de novas tecnologias contribuiu para essa mudança, como é o caso do sistema float, que colaborou em larga medida para a redução dos níveis de agrotóxicos, principalmente com a eliminação da utilização do Brometo de Metila nas lavouras a partir da safra 2003/04.

Mesmo assim, o próprio sistema float ainda é polêmico. Almeida (2005) indica riscos ainda maiores para o fumicultor e sua família, uma vez que os agrotóxicos aplicados na água formam uma calda e os canteiros geralmente são construídos próximo às residências, à horta, ao pátio por onde circulam as crianças e os animais domésticos, sendo, portanto, uma tecnologia inadequada, pois, muitas vezes, seus perigos são desconhecidos pelos agricultores.

Além disso, em todas as etapas do cultivo do tabaco, o agricultor mantém contato direto com os agrotóxicos e é obrigado a realizar as aplicações com auxílio de pulverizadores costais, muitas vezes em épocas quentes, com temperaturas elevadas que favorecem a não utilização de equipamentos de proteção individual, aumentando assim os riscos à saúde. Embora tenha havido redução na aplicação de agrotóxicos por hectare, a quantidade de produtos disponíveis para comercialização é elevada e aumentou nos últimos anos. De acordo com a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, em 2005 um total de 61 agrotóxicos estava liberado para uso e comercialização na cultura do fumo no estado, já em 2010, são 74 agrotóxicos liberados.

Quase a metade desses produtos pertence às classes toxicológicas I e II, ou seja, são extremamente tóxicos e altamente tóxicos, a maioria deles pertencentes aos grupos químicos organofosforados, carbamatos e piretróides. De acordo com Troian et al. (2007) os inseticidas organofosforados e os carbamatos são inibidores de enzimas fundamentais para o bom funcionamento do sistema nervoso, para o sangue e outros órgãos, podendo ser absorvidos pelo organismo pelo contato com a pele, por ingestão, ou inalação. Já os agrotóxicos compostos por piretróides são absorvidos pelo trato digestivo, pela via respiratória e cutânea, irritam os olhos e mucosas, causam alergias na pele e asma brônquica.

Confira a relação dos agrotóxicos liberados para uso na cultura do tabaco, em anexo.



Pesquisa do Conprev/INCA, realizada em Paraíso do Sul (RS) com 2.248 indivíduos, 82,8% deles, fumicultores, relata que 52,1% dos participantes do estudo conhecem alguém que já foi intoxicado pelo uso de agrotóxicos!

Casos de Intoxicação

Sob o ponto de vista da produção, sabe-se que os agrotóxicos causam efeitos nocivos ao ambiente e, embora sejam utilizados conforme estabelece a legislação, podem contaminar os solos e os lençóis freáticos, causando intensos desequilíbrios biológicos. Em estudo realizado por Etges et all. (2002) com 315 fumicultores da região de Santa Cruz do Sul, foram encontrados valores de manganês que variaram de 800mg/ml e até 8000 mg/kg ou ppm nos solos analisados. Os autores acrescentam, ainda, a constatação de toxicidade das águas no sistema float e sugerem que se ampliem os estudos sobre o impacto toxicológico que os ditiocarbamatos e seus produtos de decomposição e metabolização possam estar produzindo sobre o ambiente e, conseqüentemente, sobre a saúde humana. Destacam ainda que possa ser alta a probabilidade desses produtos estarem contribuindo decisivamente para a situação de saúde dos fumicultores estudados.

Proibida entrada de pessoas nesta área sem uso de EPI

Doença da Folha do Tabaco Verde

Não apenas o consumo, mas também a produção do tabaco apresenta sérios riscos a quem o cultiva. Ao contrário de outras culturas, onde os perigos de intoxicação se dão por ação de agentes externos à planta como os agrotóxicos, a planta de tabaco em si confere danos toxicológicos pela absorção cutânea da nicotina, que ocorre principalmente na época da colheita do tabaco. Situação semelhante só é encontrada em cultivo de espécies ilícitas como a coca (*Erythroxylum coca*).

A Doença do Tabaco Verde (DTV), em inglês Green Tobacco Sickness (GTS), é um tipo de intoxicação provocada pela absorção pela pele, da nicotina presente nas folhas de tabaco. Os primeiros casos foram observados em crianças, ainda em 1970, porém poucos estudos foram realizados no intuito de compreender melhor essa doença.

A maior ocorrência desse tipo de intoxicação acontece na época da colheita, onde a alta temperatura do ambiente (verão) e a corporal dos trabalhadores em virtude do esforço físico que realizam no processo de colheita, podem aumentar a absorção da nicotina, aumentando sua concentração no plasma sanguíneo em 30% a 45%. A situação é mais grave quando os fumicultores manuseiam as folhas molhadas, uma vez que a nicotina é dissolvida pela umidade. Alguns estudos revelam que na folha do tabaco pode conter até 9 mg de nicotina dissolvida em 100 ml de orvalho, valor equivalente ao conteúdo de nicotina de aproximadamente 6 cigarros! Para se ter uma idéia, em um dia úmido, principalmente depois de chuva recente, um fumicultor pode ser exposto a aproximadamente 54mg de nicotina, ou equivalente a 36 cigarros.

A exposição à nicotina também varia de acordo com o tipo de tabaco que está sendo cultivado. O fumo Virgínia, por exemplo, que é seco em estufas e exige que sejam colhidas na lavoura folha por folha, conforme o grau de maturação das mesmas, obriga maior contato com a planta, uma vez que o fumicultor percorre por entre as linhas de plantio e descem ao longo dos caules para retirar as folhas que estão no ponto de colheita. Essas folhas colhidas, geralmente são carregadas pelo próprio fumicultor entre um dos braços e o próprio peito, até serem levadas ao local para o transporte até a estufa. Já os tabacos do tipo Burley ou Comum, onde a planta é colhida inteira, o contanto é menor, no entanto, também há risco de intoxicação, caso as folhas estiverem úmidas.

Estudos que compararam adultos e crianças aos efeitos da nicotina absorvida pela pele revelaram maior vulnerabilidade nas crianças, quanto a Doença do Tabaco Verde, devido ao menor tamanho físico que as mesmas possuem em relação à dose de nicotina absorvida e a falta de tolerância aos efeitos da nicotina. Esse fato deve levado em consideração principalmente nos países em desenvolvimento, onde as crianças desempenham um papel importante no cultivo do tabaco.

Quais são os sintomas da DTV?

- Naúseas;
- Vômitos;
- Diarréias;
- Desmaios;
- Tonturas;
- Fraqueza severa;
- Cólicas abdominais;



- Salivação;
- Aumento da sudorese;
- Dificuldades respiratórias;
- Flutuações na pressão arterial;
- Cefaléias;
- Calafrios;
- Alterações da freqüência cardíaca;

Normalmente os casos de contaminação se resolvem por si próprios dentro de um ou dois dias, porém dependendo da situação, os sintomas podem ser tão graves que necessitam de tratamento médico de emergência.

Um estudo realizado na Índia aponta que 54% das pessoas envolvidas no cultivo do tabaco apresentam a DTV e as consequências para a saúde em longo prazo para os indivíduos expostos à nicotina transdérmica ainda não são conhecidos.

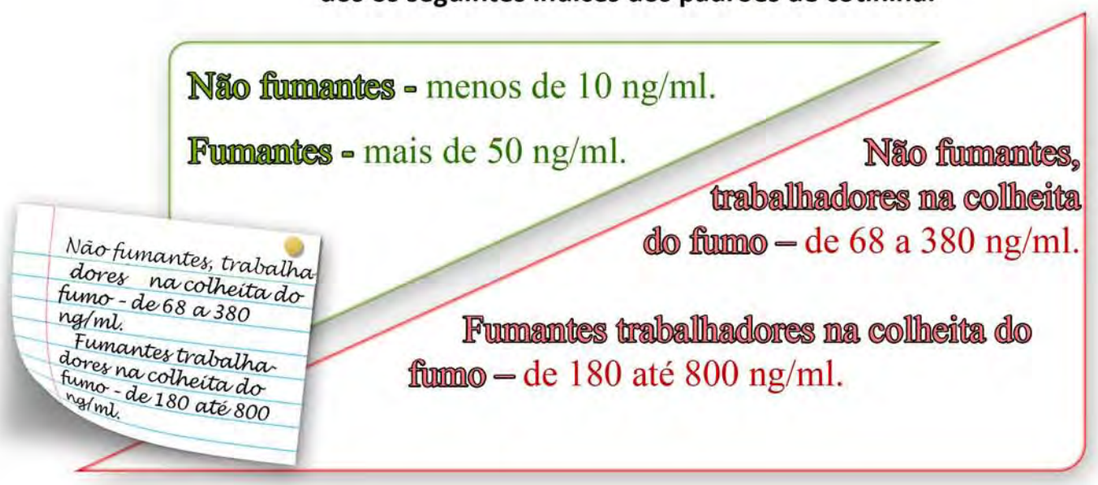
No Brasil, a Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS), investigaram as causas de intoxicação e mal estar que acometem os agricultores na época da colheita do fumo nos municípios de Arapiraca, SE e Candelária, RS. Amostras de urina de vários grupos de produtores foram submetidas à analise laboratorial. Em Candelária, RS, foram confirmados 33 dos 46 casos suspeitos de DTV e a dosagem de nicotina encontrada na urina dos pacientes não fumantes chegou a índices até 6 vezes superiores aos encontrados em um fumante. Esses índices são mais alarmantes entre os fumicultores consumidores de cigarros, podendo chegar a 16 vezes mais que a concentração de nicotina encontrada na urina de uma fumante comum.Cabe destacar que a análise da urina só identificava a contaminação ocorrida dentro de poucas horas.

Mais recentemente, uma iniciativa da Fetraf-Sul-CUT e da Aliança de Controle do Tabagismo em parceria com a Escola de Saúde Pública Bloomberg da Universidade Johns Hopkins de Baltimore, Estados Unidos, objetivando melhor compreender aspectos relativos a essa doença, realizaram a coleta de cabelos de 50 famílias de agricultores familiares que cultivam tabaco. As coletas foram realizadas esse ano, em abril (época de maior contato com a folha verde) e agosto (época de menor contato), onde será possível compor um histórico da absorção de nicotina durante a colheita, uma vez que cada centímetro de cabelo equivale a um mês de vida, e com a coleta será possível detalhar o que ocorreu nos últimos meses.





Em pesquisa realizada pelo INCA (2008) em Candelária (RS), foram encontrados os seguintes índices dos padrões de cotinina:



Consequências para o Meio Ambiente

Os efeitos gerados ao ambiente desde o cultivo até o consumo do tabaco, afetam o ar, os solos e a água e ainda provocam desmatamentos. Em virtude da pressão exercida por órgãos governamentais e pela sociedade civil ao longo dos anos, as fumageiras têm investido no desenvolvimento de tecnologias que buscam, além do aumento da produção e dos lucros, a diminuição das conseqüências do cultivo do tabaco ao ambiente. Muitas empresas passaram a adotar discursos e ações voltadas à sustentabilidade social e ambiental a fim de garantir a continuidade do círculo vicioso que envolve a cadeia do tabaco.

Dentre essas mudanças estão alterações relativas ao preparo do solo, com a substituição do cultivo convencional (que ainda é realizado por muitos fumicultores) pelo cultivo mínimo e o plantio direto, conferindo menor revolvimento do solo e erosão, conservando a estrutura do mesmo, além de diminuir a mão de obra dos fumicultores. Da mesma maneira, visando a substituição do Brometo de Metila, o setor fumageiro desenvolveu, para a produção de mudas, o Leito de Substrato e o Sistema Float.

Os riscos de contaminação dos recursos hídricos, principalmente pela utilização dos agrotóxicos, causam efeitos nocivos ao ambiente mesmo que sejam utilizados conforme estabelece a legislação. Tanto é verdade que o Sinditabaco, em conjunto com outras entidades, assinou um protocolo de cooperação, ações propostas pelas empresas fumageiras, ainda pouco efetivas, para a garantia da qualidade dos recursos hídricos tão importantes para a manutenção da vida.

Outra prática relacionada ao cultivo do tabaco, que afeta severamente o ambiente, referem-se à combustão da madeira, necessária para a cura do tabaco em estufas. Além de provocar o desmatamento de florestas nativas, a combustão da madeira provoca a emissão de inúmeros gases ao ambiente. Nesse sentindo, as empresas vêm buscando a substituição da madeira pelo carvão mineral e também maravalha, além de contribuir em projetos de reflorestamento nas propriedades dos fumicultores. No entanto, para se ter uma idéia, cada estufa queima cerca de 50 m3 de madeira por safra e muitas vezes os números referentes ao reflorestamento não são suficientes para a reposição, além de não favorecer a biodiversidade, a heterogeneidade, habitat e nichos ecológicos que existem nas matas nativas. Esse prejuízo natural é imensurável!

Para reduzir o risco a zero a poluição tabagística ambiental, um nível de ventilação como o de um furacão seria necessário (ACT, 2010).



O que mais me fez para de mexe com o fumo foi lida com veneno né, inda mais em beira de água né, não é o certo, não pode ser certo né, porque se nós analisa, veneno não podia existi, não podia, porque é tudo aberto em beira de água, o povo não sabe usa né [...] a gente olha pra aquilo e sente remorço né, porque tem que cuida, pras próximas geração que vai vim né, tem que te um mundo melhor, porque senão o mundo vai acaba né. (VP, Ex-fumicultor).

Problemas causados ao ambiente, oriundos da cadeia do tabaco:

- Combustão de madeira e liberação de gases;
- Contaminação de solos e água no cultivo;
- Destruição de nichos ecológicos;
- Poluição tabagística ambiental;
- Desmatamentos;



Além desses fatores relacionados ao cultivo do tabaco, ainda devem ser levados em consideração os efeitos causados pela outra ponta da cadeia, ou seja, os fumantes. A maior preocupação nesse sentido dá-se com relação à poluição tabagística ambiental (PTA), que é oriunda da fumaça exalada pelo produto em combustão (cigarro, charuto, etc.), quando ele não está sendo tragado e pela fumaça exalada pelo fumante. A presença dessa fumaça interfere significativamente na qualidade do ar, principalmente em ambientes fechados, por ter presente em sua composição agentes carcinogênicos e por não haver um nível seguro de exposição a ela, e nenhuma tecnologia de engenharia de ventilação atual é capaz de controlar os riscos impostos pela exposição.

De acordo com Boeira e Guivant (2003:52), 3 a 6% da poluição causada pelo tabagismo são compostos de monóxido de carbono (CO). Para se ter uma idéia do tamanho do problema, o INCA afirma que a concentração dessa substância, na fumaça do cano de descarga de um carro, é de 30 mil a 80 mil partes por milhão (ppm), enquanto que na fumaça do cigarro é de 20 mil a 60 mil ppm, valor que equivale em média a 75% de CO expelido pelo escapamento do carro. Uma vez inalado, o monóxido de carbono combina-se com a hemoglobina do sangue, formando a carboxi-hemoglobina, que interfere na habilidade do organismo de obter e utilizar o oxigênio. O CO é fator de risco relevante em muitas doenças associadas ao fumo e está inclusive relacionado aos efeitos danosos sobre o desenvolvimento do feto, quando a gestação é acompanhada, direta ou indiretamente, pela poluição de cigarros. Esses mesmo autores ainda citam que o alcatrão (presente na fumaça do cigarro) é constituído de arsênico, níquel, benzopireno e cádmio, além de serem encontrados resíduos de agrotóxicos e substâncias radioativas como polônio 210 e carbono 14.

Estimativas calculam que para cada 300 cigarros produzidos, uma árvore é derrubada. Uma pessoa que fuma em média uma carteira de cigarro por dia, em um ano é responsável pela derrubada de 25 árvores!

Na safra 2008/09,



estiveram em funcionamento,



aproximadamente



emitindo



ao ambientes pela sua combustão!

*Para o cálculo considerou-se número de estufas segundo a Afubra; considerando segundo Buainin e Guivant (50m3 de madeira/estufa/safra); Peso do m3 = 450 a 500 kg, quando se elimina toda a água existente na madeira, conforme VCP Votorantin. E emissão de gases conforme CCI, cerca de 8,6 m3 de gases/kg.

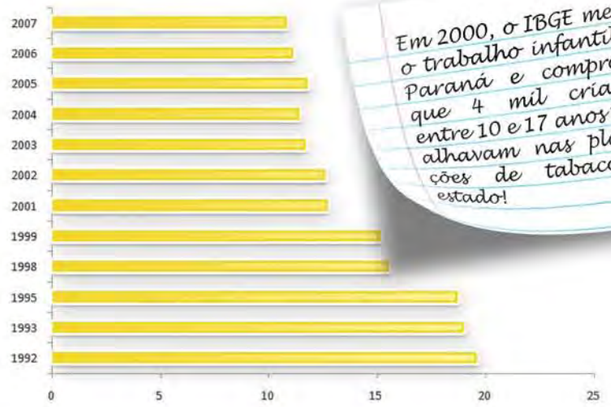
O Trabalho Infantil

Em nosso país, é pouco comum o hábito de crianças tornarem-se fumantes. Por esta razão, a imagem de uma criança consumindo tabaco é, para a grande maioria, motivo de espanto e repulsa. Esse mesmo tipo de sentimento poderia existir também com relação às crianças e jovens, filhos de fumicultores, que correm sérios riscos auxiliando seus pais no cultivo do tabaco. Essa realidade apenas aparentemente insignificante, faz parte dos problemas brasileiros, pois segundo dados da Conferência Mundial sobre o tabaco e Relatórios de Saúde, em 2002, cerca de 520 mil crianças menores de 18 anos trabalham no cultivo do fumo, sendo que 32% têm menos de 14 anos de idade.

Essa realidade é evidenciada principalmente em virtude da demanda por mão de obra, bastante exigida para o cultivo do tabaco, aliada aos baixos preços pagos pelo produto final e às dificuldades financeiras enfrentadas pela maioria dos fumicultores. Dessa maneira, a utilização de mão de obra infantil, nas lavouras de fumo, constitui-se um dos problemas mais polêmicos da cadeia do fumo em virtude dos riscos existentes. Embora exista uma campanha de erradicação do trabalho infantil promovida pelo setor fumageiro, grande parte dos agricultores familiares que cultivam o tabaco não têm condições financeiras para contratar mão de obra, de forma que, para muitos, torna-se inviável garantir o sustento da família se os filhos não participarem do trabalho, representando uma contribuição fundamental para a formação da renda familiar.

Percentual da participação do trabalho infantil rural e urbano no Brasil segundo faixa etária

Considerando o trabalho infantil rural e urbano no Brasil, confrontando dados fornecidos pela PNAD/IBGE (2007), que apresentam a participação, segundo diferentes grupos de idade, percebe-se que os esforços para a erradicação do trabalho infantil vêm apresentando resultados positivos, uma vez que, em 15 anos, houve uma diminuição de 55,1%. De acordo com a PNAD, nesses 15 anos, o contingente masculino manteve sempre um nível de ocupação mais elevado que o feminino. Também revela que a concentração em atividades agrícolas e os trabalhos sem contrapartida de remuneração aumentam conforme a idade diminui. Um estudo elaborado pelo Deser (2008) com 1.128 fumicultores do sul do país revela que 39,9% dos filhos rapazes, 19,4% das filhas moças e 9% dos filhos em idade de 12 anos ou menos de idade auxiliam nas atividades que envolvem o cultivo do fumo.



Em 2000, o IBGE mediu o trabalho infantil no Paraná e comprovou que 4 mil crianças entre 10 e 17 anos trabalhavam nas plantações de tabaco no estado!



Fonte: IBGE/PNAD, (2010).

Constitucionalmente no Brasil, em 1988, a lei estabelecia que a idade mínima para a admissão no trabalho era 14 anos. Dez anos depois, em 1998, aprovou-se uma emenda constitucional que estabelece a idade mínima de 16 anos para o ingresso no trabalho. Com o intuito de previnir e erradicar o trabalho infantil, o governo brasileiro desenvolveu dois programas, o Programa Sentinela, que destina-se a combater o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, através da implantação de centros de referência, além de outras ações de mobilização da sociedade e instituições, e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), implantando em 1996, que visa erradicar todas as formas de trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos e garantir que frequentem a escola e atividades sócioeducativas. No Paraná, depois de denúncias de trabalho infantil no cultivo do fumo, em 2008 foi criado o Fórum Permanente da Cultura do Tabaco, que promove reuniões com fumicultores no interior do estado.

Eu rezo todo o dia a Deus que minhas crianças não precisem passar o que eu passei e me judiar com o fumo, porque não é fácil! (AG, ex-fumicultor).

Correio do Contestado, Papanduva - Santa Catarina - 05/01/ 2009 11

Indústria do fumo explora trabalho infantil no Sul



O Ministério Público do Trabalho (MPT) nos estados do Paraná e de Santa Catarina ajuizou ação civil pública contra onze indústrias fumageiras devido à participação de crianças no plantio de fumo. De acordo com o MPT, o sistema imposto pelas empresas obriga os agricultores a colocarem os jovens na lavoura. (Correio do Contestado, 2009).

Na pesquisa realizada pelo Deser (2008) 10,5% dos fumicultores confirmaram a participação dos filhos menores de 12 anos no cultivo do tabaco!

TRABALHO INFANTIL: Exposição crônica a neurotoxinas e dificuldade de aprendizagem

Wolf, avaliando 22 crianças em idade de 6 a 12 anos, filhos de fumicultores do município de Agudo-RS, verificou que 87% das crianças que fizeram o teste de avaliação pisicomotora obtiveram resultados inferiores a média quanto a maturação visomotora e por conseqüência, precário desempenho das funções cognitivas. A maioria das crianças avaliadas também não apresentou condições normais de desenvolvimento e apresentaram um atraso global no desenvolvimento, em nível de motricidade fina, linguagem, afeto e cognição, além de competências pessoais e sociais em geral.

O fumo que nem no meu caso era tudo manual, e daí ele é cansativo, passar veneno e colher, e só eu e a esposa, e as crianças ainda pequena, que o pouquinho que pudessem já ajudavam. Mas era bem cansativo e se eu botasse peão não sobrava né. Pede para as crianças se eles querem trabalhar no aviário ou no fumo? Aviário.. Porque? Porque é melhor! (Família de AG, ex-fumicultor).


Fonte: CEREST



A Convenção-Quadro para Controle de Tabaco

A proposta da criação do primeiro tratado internacional de saúde pública da história da humanidade, foi realizada em 1999 durante a 52ª Assembléia Mundial da Saúde, pelos países membros das Nações Unidas. Em 2003, o documento que compôs a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) foi adotado por unanimidade pelos 192 Estados-Membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), na 56ª Assembléia Mundial da Saúde.

Esse capítulo, de maneira sucinta busca apresentar os principais objetivos, ações e avanços da Convenção-Quadro, bem como descrever algumas informações referentes às ações que vem sendo realizadas para a implementação dos artigos 17 e 18, com a criação do Grupo de Trabalho sobre alternativas economicamente sustentáveis à produção de tabaco. E dos artigos 9 e 10, que tratam da regulação dos produtos de tabaco quanto seus conteúdos e emissões e a divulgação de informações sobre os conteúdos e emissões dos produtos de tabaco, que serão discutidos na 4ª sessão da Conferência das Partes da CQCT (COP4), que acontecerá em novembro deste ano, no Uruguai.

Pra mim o fumo é tudo negativo, e o pior é que eles incentivam a plantar fumo e querem empurrar montoeira de veneno pra matar. Porque hoje já dizem né, que o fumo é a cultura da morte, tanto pra quem planta como pra quem fuma! Porque que hoje em qualquer lugar já não aceitam mais o fumante? Eu acho que foi a coisa melhor que fizeram!
(MS, ex-fumicultor).

Convenção-Quadro para Controle do Tabaco

O objetivo principal da Convenção-Quadro é *"preservar as gerações presentes e futuras das conseqüências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas do consumo e da exposição à fumaça do tabaco"*. Dentre as obrigações da Convenção-Quadro destacam-se: a elaboração e atualização de políticas de controle do tabaco em conformidade com a Convenção; o estabelecimento de um mecanismo de coordenação nacional e cooperação com outras partes; e a proteção das políticas nacionais contra os interesses da indústria do tabaco.

As principais medidas estabelecidas pela CQCT são:

Redução da demanda por tabaco: aplicação de políticas tributárias e de preços; proteção contra a exposição à fumaça do tabaco em ambientes fechados; regulamentação dos conteúdos e emissões dos produtos derivados do tabaco; divulgação de informações relativas a estes produtos; desenvolvimento de programas de educação e conscientização sobre os malefícios do tabagismo; proibição da publicidade, promoção e patrocínios; implementação de programas de tratamento da dependência de nicotina.

Redução da oferta de produtos do tabaco: eliminação do contrabando; restrição ao apoio e aos subsídios relativos à produção e à manufatura do tabaco.

Proteção aos produtores de tabaco: promoção de alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores e produtores de tabaco.

Proteção ao meio ambiente: na implementação da CQCT, as partes devem observar a proteção da saúde das pessoas e do meio ambiente.

Cooperação técnica, científica e intercâmbio de informações: elaboração de pesquisas nacionais relacionadas ao tabaco e seu impacto sobre a saúde pública; coordenação de programas de pesquisas regionais e internacionais; estabelecimento de programas de vigilância do tabaco; cooperação nas áreas jurídica, científica e técnica.

Em novembro de 2004, a Convenção alcançou a marca de 40 ratificações, entrando em vigor no dia 27 de fevereiro de 2005. O Brasil participou de todo o processo da Convenção-Quadro, tendo papel de destaque no processo de elaboração e de negociação do tratado, tendo sido o segundo país a assinar o documento final. Mas, para que o Brasil se tornasse signatário, a Convenção precisava ser ratificada pelo Congresso Nacional. Esse processo de ratificação teve início em 27 de agosto de 2003, com a apresentação do texto oficial durante o Seminário Internacional sobre a Convenção-Quadro, organizado pela Comissão de Seguridade Social da Câmara dos Deputados.

Para garantir a ratificação e, posteriormente, a sua implementação, o Presidente da República criou, em 2003, a CONICQ – Comissão Nacional para a Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, composta por 16 Ministérios, sob a presidência do Ministro da Saúde. A secretaria executiva está a cargo do INCA – Instituto Nacional do Câncer.

A Convenção-Quadro foi aprovada por unanimidade na Câmara dos Deputados no mês de maio de 2004, em caráter de urgência. No entanto, no Senado Federal, a sua aprovação se tornou polêmica, em função da forte intervenção das empresas fumageiras que se utilizaram especialmente da Afubra (Associação dos Fumicultores do Brasil), para disseminar a idéia que a Convenção-Quadro tinha como objetivo a proibição do cultivo de fumo no Brasil.

Depois de várias audiências públicas em que a polêmica ficou mais acirrada ainda, tiveram papel determinante, para a ratificação da Convenção pelo Senado, a participação de organizações da sociedade civil como a Rede Tabaco Zero, a Sociedade Brasileira de Oncologia e a Sociedade Brasileira de Pneumologia, bem como algumas organizações vinculadas à agricultura familiar, como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF-SUL/CUT) e o Departamento de Estudos Sócio-Econômico Rurais (DESER).

Igualmente foi decisivo o documento do Poder Executivo, representado por seis Ministérios (Casa Civil, Saúde, Desenvolvimento Agrário, Agricultura, Relações Exteriores e Fazenda) no sentido de: a) confirmar que a Convenção-Quadro não proíbe o plantio de fumo no Brasil; b) garantir políticas de apoio aos fumicultores através do Programa de Apoio à Diversificação Produtiva das Áreas Cultivadas com Tabaco.

Desta forma, a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco foi aprovada pelo Senado por meio do Decreto Legislativo nº 1.012, de 27 de outubro de 2005. No dia 03 de novembro de 2005, o Governo Brasileiro ratificou a Convenção.

Com o Decreto 5.658, de 02 de janeiro de 2006, a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco foi promulgada, determinando a sua entrada em vigor a partir de 1º de fevereiro de 2006. Assim, o Brasil foi o 100º país a ratificar a Convenção, que atualmente já conta com 169 países signatários.

Ao definir os princípios norteadores da Convenção-Quadro, inclui, no artigo 4º, parágrafo 6º:

"Devem ser reconhecidos e abordados, no contexto das estratégias nacionais de desenvolvimento sustentável, a importância da assistência técnica e financeira para auxiliar a transição econômica dos produtores agrícolas e trabalhadores cujos meios de vida sejam gravemente afetados em decorrência dos programas de controle do tabaco, nas Partes que sejam países em desenvolvimento, e nas que tenham economias em transição".

Em termos de medidas, o Artigo 17 determina que os países produtores deverão promover a busca de alternativas economicamente viáveis aos produtores que serão afetados pela redução da produção:
"As partes, em cooperação entre si e com as organizações intergovernamentais internacionais e regionais competentes promoverão, conforme proceda, alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores, os cultivadores e, eventualmente, os varejistas de pequeno porte".

Além disso, a Convenção-Quadro define medidas que diretamente têm haver com o espaço rural e com a vida das pessoas envolvidas na produção do fumo, que é a preocupação com a saúde dos produtores e com as consequências ao meio ambiente, que são as determinações previstas no artigo 18:

"Em cumprimento às obrigações estabelecidas na presente Convenção, as Partes concordam em prestar devida atenção, no que diz respeito ao cultivo do tabaco e à fabricação de produtos de tabaco em seus respectivos territórios, à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas em relação ao meio ambiente".

O PROGRAMA DE APOIO À DIVERSIFICAÇÃO PRODUTIVA NAS ÁREAS CULTIVADAS COM TABACO

Com a ratificação da Convenção-Quadro pelo Senado Federal, em outubro de 2005, fruto da forte mobilização de setores governamentais e de importantes entidades representativas da sociedade civil e da agricultura familiar e, especialmente, do comprometimento assumido pelo governo federal em garantir apoio aos agricultores familiares, foi imediatamente anunciada, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, a criação do Programa de Apoio à Diversificação Produtiva nas Áreas Cultivadas com Fumo.

A criação do Programa visa preparar as famílias fumicultoras para enfrentarem a tendência da redução do consumo de tabaco e, por consequência, da produção, de modo a garantir a possibilidade de diversificação de cultivos como uma alternativa de geração de renda para o conjunto das famílias envolvidas com a produção de fumo. De forma concreta, o objetivo do programa é "*apoiar a implementação de projetos de extensão rural, formação e pesquisa para o desenvolvimento de estratégias de diversificação produtiva em propriedades de agricultores familiares que produzem fumo, buscando novas oportunidades de geração de renda e qualidade de vida das famílias*".

Em linhas gerais, o Programa de apoio à diversificação propõe quatro eixos estratégicos, que contemplam o financiamento, a pesquisa, a assistência técnica e o apoio ao fortalecimento de mercado dos produtos alternativos ao fumo. O objetivo é apoiar os agricultores das regiões tradicionais de produção de fumo que estejam dispostos a diversificar suas atividades, implantando novas atividades agropecuárias.

A) Financiamento – promoção de políticas específicas de financiamento que incentivem a diversificação produtiva dos estabelecimentos produtores de fumo. Embora o Pronaf, desde 2002, não financie diretamente a produção de fumo, os fumicultores têm acesso ao crédito de custeio para outras lavouras, ao crédito de investimento, inclusive o programa "Mais Alimentos", desde que utilizado para atividades diversificadas. Vinculados ao Pronaf, estão outros programas de seguro (SEAF – Seguro da Agricultura Familiar) e de garantia de preços (PGPAF – Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar).

B) Acesso à tecnologia – fortalecimento e ampliação das iniciativas de Pesquisas e Assistência Técnica como forma de incentivar a diversificação produtiva.

C) Agregação de valor à produção local – visa o aumento da renda das famílias de agricultores por meio da organização e agregação de valor à produção rural primária. Para tanto, o programa estimulará o associativismo e cooperativismo, a implantação de novas agroindústrias e o investimento em pesquisa de novos produtos e métodos de produção. Podem contribuir para isto também os programas do Biodiesel, do Leite e da Sociobiodiversidade.

D) Apoio à comercialização – os fumicultores poderão ter a compra de seus novos produtos garantidos pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar, de forma a obterem a inserção gradual e sustentável no mercado.

A POLÊMICA SOBRE O BURLEY

Quando nós trabalhava com o fumo, tinha que lavar as mãos direto. Ia fazer uma coisa, ainda tinha aquele gosto, aquela coisa ruim do fumo. Hoje não, parece que vivo em outro meio ambiente, você levanta e sente assim que é um ar diferente. Antes quando plantava fumo tinha sempre aquele mal estar, então eu acho que fumo, nunca mais! (PQ, ex-fumicultor).

O Fato!

A 4ª sessão da Conferência das Partes da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (COP4), que acontecerá em novembro no Uruguai, deliberará sobre a minuta de diretrizes para implementação dos artigos 09 - regulação dos produtos de tabaco quanto seus conteúdos e emissões - e artigo 10 - divulgação informações sobre os conteúdos e emissões dos produtos de tabaco. Para preparar essa minuta, a COP instituiu um grupo de trabalho que conta com a participação de peritos de 23 países, inclusive o Brasil, representado pela ANVISA. Uma das recomendações da minuta diz que:

> As Partes deveriam proibir ou restringir ingredientes que podem ser usados para aumentar a palatabilidade, tais como açúcares e doces, substâncias flavorizantes, temperos e ervas, em cigarros e produtos de tabaco similares a cigarros**!**.

Pesquisa feita no Brasil entre 2002 e 2005 pelo INCA, em parceria com a Universidade Johns Hopkins, mostrou que 44% dos estudantes brasileiros entre 13 e 15 anos que fumam regularmente, preferem os aromatizados!

A Polêmica!

Como reflexo dessas ações, desde o ano passado a indústria do fumo no Brasil vem distorcendo os fatos e alegando que essas medidas implicarão na proibição da comercialização do fumo do tipo Burley produzido no país, prejudicando aproximadamente 50 mil famílias produtoras desse tipo de fumo.

De acordo com os representantes da indústria do fumo, pelo fato da cura se dar ao ar livre, durante o processo ocorre perda de açúcares naturais que necessitam ser reconstituídos via adição de açúcares e flavorizantes, que conferem além de sabor mais agradável, a diminuição da irritação causada pela fumaça. Não é novidade porém que em toda história da cadeia produtiva do tabaco, sempre que algum país adota medidas no sentido de diminuir o tabagismo, a indústria se manifesta contra, alegando principalmente os reflexos negativos que as medidas trarão para os fumicultores. Foi assim quando restringiu-se a propaganda de produtos do tabaco em pontos internos de venda e quando da ratificação da Convenção-Quadro no Congresso Nacional.

Hoje no Brasil, os aditivos são encontrados nos mais variados sabores – menta, cereja, chocolate, baunilha, etc. Entre os açúcares adicionados, está a glicose, o melaço, o mel e o sorbitol. Entre as substâncias flavorizantes incluem-se benzaldeídos, mentol e baunilha. E a última novidade foi lançada a poucos meses pela Souza Cruz, um cigarro com cápsula de mentol no filtro, que ao ser apertada, libera o sabor.

Os riscos

Mesmo que a maioria dos aditivos que são adicionados nos produtos do tabaco, também sejam liberados para o uso em alimentos, há de se levar em consideração duas importante diferenças. a) A rota de uso da maioria desses produtos é inalatória; b) Os aditivos sofrem mudanças quando submetidos à combustão em altas temperaturas. Assim, quando esses produtos são inalados pelos pulmões, os elementos tóxicos resultantes da combustão não são filtrados bioquimicamente, como quando ocorre quando a substância é ingerida - quando presente nos alimentos - ou absorvida pela pele - quando presente em cosméticos.

Para se ter uma idéia, o glicerol é usado em produtos de tabaco como humectante e quando pirolisado se transforma em acroleína, uma substância altamente tóxica, que produz irritação do trato respiratório e diminui a capacidade respiratória, podendo causar até reação asmática em indivíduos sensíveis ou edema pulmonar e morte (Fernandes e Silva, 2005; Buring e Axelrad, 2007 e Prioritization of Toxic Air Contaminants, 2001).

Documentos internos da companhia Brown Williamson (1984), confirmam a importância que os aditivos possuem no favorecimento do consumo e a criação do vício.

> "Várias crianças, quando elas começam, não gostam do sabor do cigarro e elas começam a tossir. Mas um cigarro com sabor, digamos cereja, ele pode parecer melhor. E pode matar o gosto (ruim do cigarro) para eles e eles podem começar mais cedo."

A VITÓRIA DA SAÚDE PÚBLICA

A 4a sessão da COP 4 aprovou por unanimidade as diretrizes dos artigos 9 e 10 da Convenção Quadro. A mobilização que a indústria do tabaco e seus aliados organizaram contra os artigos 9 e 10 prestou um grande desserviço aos fumicultores, já que o interesse maior da categoria está nos artigos 17 e 18. Esses dois artigos, que também foram aprovados na COP 4, tratam do apoio às alternativas economicamente viáveis e da proteção ao meio ambiente, respectivamente.

REFERÊNCIAS

AB. Ambiente Brasil. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/>. Acesso em: 19 ago. 2010.

ABIFUMO. Associação Brasileira da Indústria de Fumo. Disponível em: <http://www.abifumo.org.br/>. Acesso em: 10 ago. 2010.

ABRAF. Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas. Anuário Estatístico da ABRAF 2009 – ano base 2008. Brasília, 2009. 120p. Disponível em: <http://www.abraflor.org.br/estatisticas/ABRAF09-BR.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2010.

ACTbr. Aliança de Controle do Tabagismo. Disponível em: <http://actbr.org.br/>. Acesso em: 15 ago. 2010.

AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil. Disponível em: <http://www.afubra .com.br/principal.php>. Acesso em: 01 jul. 2010.

AGROSTAT - Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro. Disponível em: <http://extranet.agricultura.gov.br/primeira_pagina/extranet/AGROSTAT.htm>. Acesso em: 02 set. 2010.

ALIIANCE ONE: Relatório 2010. Thonson Reuters. Morrisville, North Carolina, 2010. Disponível em: <http://phx.corporateir.net/External.File?item=UGFyZW50SUQ9Mzg4ODc1fENoaWxkSUQ9MzkxNzEwfFR5cGU9MQ==&t=1>. Acesso em: 15 jul. 2010.

ALMEIDA, Newton. Trabalho infantil nas lavouras de fumo preocupa. 2005. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/454705/?noticia=TRABALHO+INFANTIL+NAS+LAVOURAS+DE+FUMO+PREOCUPA>. Acesso em: 05 ago. 2010.

ALVES FILHO, JP. Uso de agrotóxicos no Brasil: controle social e interesses corporativos. São Paulo: Annablume, 2002.

AMERICAN Journal of Industrial Medicine. Trabalhadores rurais com possibilidade de contraírem a doença do tabaco. 2000; 37:307-315. Publicado em Bibliomed Saúde. 08 Mar. 2000. Disponível em: <http://boasaude.uol.com.br/lib/showdoc.cfm?LibCatID=1&Search=VERAO&CurrentPage=2&LibDocID=2896>. Acesso em: 18 jun. 2010.

BACEN – Banco Central do Brasil. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2010.

BOCHNER, Rosany; FISCINA, Victor, Mendes; SOUZA, Araújo de. Panorama das Intoxicações e Envenenamentos Registrados no Brasil pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX). 2010. Disponívelem:<http://www.racine.com.br/portalracine/vigilancia-sanitaria/agrotoxicos-e-toxicologia/panorama-das-intoxicacoes-e-envenenamentos-registrados-no-brasil-pelo-sistema-nacional-de-informacoes-toxico-farmacologicas-sinitox>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BOEIRA, S. L.; GUIVANT, J. S. Indústria de tabaco, tabagismo e meio ambiente: as rendes ante os riscos. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília (DF), V.20, n. 1, p.45-78, jan/abr. 2003.

BOEIRA, Sérgio Luís. Atrás da cortina de fumaça. Tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica, vol. 500. Itajaí: Editora da Univali, 2002, 476 p.

BOSENBECKER, Luciane. Ministério da Saúde investiga e confirma 33 casos da Doença do Tabaco Verde no rio Grande do Sul. Portal EcoDebate, Cidadania e Meio Ambiente. 27 jun. 2009. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2009/06/27/ ministerio-da-saudeiestiga-e-confirma-33-casos-da-doenca--do-tabaco-verde-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 30 jul. 2010.

BOSENBECKER, Luciane. Produção de Fumo: pesquisa levantará danos à saúde de agricultores. FetrafSul, 10 Jul.2009.Disponível em: <http://www.fetrafsul.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=293&Itemid=5>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BRASFUMO. Indústria Brasileira de Fumo S/A. Disponível em: < http://www.brasfumo.com.br/>. Acesso em: 12 ago. 2010.

BUAINAIN, Antônio Márcio; SOUZA FILHO, Hildo Meirelles (Org). Organização e funcionamento do mercado de fumo no sul do Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 240p.

BVS. Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/exposicoes/cigarro/index.html>. Acesso em: 10 Ago. 2010.

CTJ. Câmara del Tabaco de Jujuy. Província de Jujuy, Argentina. Disponível em: <www.tabacojujuy.com.ar>. Acesso em: 14 jul. 2010.

CASSANDRA, Paula; CASIRAGHI, Raquel. Indústria do fumo explora trabalho infantil no sul. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/5742>. Acesso em: 05 ago. 2010.

CHOENHALS, M.; FOLLADOR, F.A.C.; SILVA, C., Análise dos impactos da fumicultura sobre o meio ambiente, à saúde dos fumicultores e iniciativas de gestão ambiental na indústria do tabaco. Engenharia Ambiental - Espír ito Santo do Pinhal, v. 6, n. 2, p. 016-037, mai /ago 2009.

COPROTAB. Cooperativa de Productores Tabacaleros de Salta Ltda. Província de Salta, Argentina. Disponível em: <www.coprotab.com>. Acesso em: 13 jul. 2010.

CTM. Cooperativa Tabacalera de Misiones Ltda. Província de Missiones, Argentina. Disponível em: <www.cooptabimis.com>. Acesso em: 21 jul. 2010.

DESER. A Cadeia Produtiva do Fumo. Revista Contexto Rural Nº 4. Curitiba, 2003.

DESER. A Cadeia Produtiva do Fumo. Revista Contexto Rural Nº 5. Curitiba, 2005.

DESER. A Fumicultura e a Convenção-Quadro. Desafios para a Diversificação. Curitiba, 2009.

EFEITOS do cigarro na mulher são mais devastadores. Centro Psicológico de Qualidade de Vida. São Paulo. Disponívelem:_<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zVjNl_i2LT4J:www.clinicacpqv.com.br/mulher%2520cigarro.htm+efeitos+do+tabagismo+nas+mulheres&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em: 15 ago. 2010.

ETGES, V. et all. Impacto da cultura do tabaco no ecossistema e na saúde humana da região de Santa Cruz do Sul/RS. 2002. Disponível em: <http://www.galileu.globo.com/edic/133/agro1.doc>. Acesso em: 13 jul. 2010.

FAO - Food and Agriculture Organization. Disponível em: <http://www.fao.org/>. Acesso em: 28 jul. 2010.

FERNANDES, Joana. SILVA, Sandra. Acroleína. Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto - Toxicologia e Análises Toxicológicas I – 2005. Disponível em: <http://www.ff.up.pt/toxicologia/monografias/ano0506/acroleina/index.htm>. Acesso em: 13 jun. 2010.

FUMANTE Passivo. Faculdade de Ciências Médicas. Serviço de informação sobre Substancias Psicoativas. Disponível em: <http://psicoativas.ufcspa.edu.br/fum%20pas.html>. Acesso em: 15 ago. 2010.

GEHLBACH, SH., et all. Nicotine absorption by workers harvesting green tobacco. Lancet: 1975;1:478–80.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 ago. 2010.

IBGE/PNAD/PETab. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/Pesquisa Especial de Tabagismo. 2008. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pnad_tabagismo.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2010.

IGLESIAS, Roberto. et all. Controle do Tabagismo no Brasil. Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. Washington, DC, 2007.119p.

ILO/WHO. International Labour Organization/World Health Organization. Number of Work related Accidents and Illnesses Continues to Increase. Joint Press Release ILO/WHO. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/english/bureau/inf/pr/2005/21.htm>. Acesso em: 15 ago. 2010.

INCA – Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <www.inca.gov.br.> Acesso em: 20 ago. 2010.

ITGA. International Tobacco Growers Association. Disponível em: <http://www.tobaccoleaf.org/>. Acesso em 02 set. 2010.

JAMES, A.; SOUTH, M.A. Acetaldehyde: A Common and Potent Neurotoxin. 2009. Disponível em: <http://www.vrp. com/articles.aspx?ProdID=598>. Acesso em 25 ago.2010.

KANNENBERG e Cia Ltda. Disponível em: <http://www.jti.com/kannenberg.htm>. Acesso em: 15 ago. 2010.

MELO, Bianca Furtado. Indústria do fumo explora trabalho infantil no Sul. Correio do Contestado, Papanduva, SC, segunda-feira, 05 jan. 2009. Disponível em: <http://www.adjorisc.com.br/jornais/correiodocontestado/impressa/geral/industria-do-fumo-explora-trabalho-infantil-no-sul-1.249648>. Acesso em: 15 ago. 2010.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/>. Acesso em: 29 jul. 2010.

MS. Ministério da Saúde. Tabagismo. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29479>. Acesso em: 13 ago. 2010.

MS/SVS/SIM. Ministério da Saúde/Serviço de Vigilância Sanitária/Sistema de Informações sobre Mortalidade. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2008/c10.def.>. Acesso em: 16 ago. 2010.

MWENINGUWE, R. What Do Children Do in Tobacco Farms? Disponível em: <http://www.islamonline.net/

NARDI, Jean Baptiste. Produção e Indústria do fumo no Nordeste. Diagnóstico 2007. Palestra do Fumo. Brasília: 21-22 de novembro de 2007.

O QUE é Snuff? Patofa.com, 2008. Disponível em: <http://www.patofa.com/portuguese/7226/o-que-e-snuff>. Acesso em: 05 jul. 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE E CONSULTORIA LEGISLATIVA. Cigarro no Brasil é um dos mais baratos do mundo. Jul. 2008. Disponível em: <www.curiosando.com.br/cigarro-no-brasil-e-um-dos-mais-baratos-do-mundo>. Acesso em: 15 ago. 2010.

PERGUNTAS freqüentes sobre o fumo passivo. Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde. 31 mai. 2001 Disponível em: <http://www.paho.org/Portuguese/AD/SDE/RA/wntd-factsheet1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

PHILIP Morris é acusada de se beneficiar de trabalho infantil. CSU. Agencia Investimentos e Notícias. São Paulo, 14 jul. 2010. Disponível em: <http://www.investimentosenoticias.com.br/ultimas-noticias/tempo-real/philip-morris-e-acusada-de-se-beneficiar-de-trabalho-infantil.html>. Acesso em 16 jul. 2010.

PHILIP MORRIS BRASIL. Disponível em: <http://www.pmintl.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2010.

PHILIP MORRIS INTERNACIONAL. Relatório Anual 2009. Disponível em: <http://phx.corporate-ir.net/External.File?item=UGFyZW50SUQ9NDU4MDF8Q2hpbGRJRD0tMXxUeXBlPTM=&t=1>servlet/Satellite?c=Article_C&cid=1264249774179&pagename=Zone-English-HealthScience%2FHSELayout>. Acesso em: 05/08/2010.

PINTO, Marcia. Tabagismo em números. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 mar. 2008. [Colhidos no estudo da economista da Fundação Oswaldo Cruz, em 2005]. Disponível em: <http://actbr.org.br/tabagismo/numeros.asp>. Acesso em: 16 ago. 2010.

PIRES, D.X., CALDAS, E.D., RECENA, M.C. Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Cad. Saúde Pública 2005;21(2):598-605.

PREMIUM Tabacos do Brasil. Disponível em: <http://www.premiumbrazil.com.br/empresa/historico.php>. Acesso em: 16 ago. 2010.

PRIORITIZATION of Toxic Air Contaminants - Children's Environmental Health Protection Act Acroleine. Outubro, 2001. Disponível em: <http://oehha.ca.gov/air/toxic_contaminants/pdf_zip/acrolein_final.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2010.

PROCESSAMENTO da safra se inicia no dia 8 na Alliance One. Folha do Mate. Venâncio Aires, 30 jan. 2010. Disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/index.php/conteudo/showImprime/id/2311>. Acesso em: 12 jul. 2010.

RAPÉ Sagrado. Disponível em: <http://rapesagrado.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jun. 2010.

REVISTA REDE CÂNCER. Publicação trimestral do instituto nacional de câncer. Retrato do controle do tabagismo no Brasil. Realização: Equipe da Divisão de comunicação social do INCA. Rio de janeiro, 06 Set. 2008.

ROBERT H. MCKNIGHT, S., SPILLER, H. A., ABAT. Doença do Tabaco Verde em Crianças e Adolescentes. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1497768/>. Acesso em: 04 ago. 2010.

SAMS, Jamie. As cartas do cachimbo sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 355p.

SHAFEY, Omar; et. all. El atlas del tabaco: Terceira Edição. Sociedade Americana Del Cáncer por Bookhouse Group, Inc. Atlanta, Georgia, USA, 2009. Disponível em: <http://www.tobaccoatlas.org/>. Acesso em: 30 jul. 2010.

SECEX – Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5> Acesso em: 02 set. 2010.

SECRETARY General's Report to ECOSOC on the activities of the UN Ad Hoc Inter-Agency Task Force on Tobacco Control. Disponível em: http://www.who.int/tobacco/communications/events/ecosoc_2006/en/index.htm Acesso em: 10 ago. 2010.

SEFFRIN, G. "O fumo no Brasil e no mundo". Santa Cruz do Sul: Afubra, 1995.

SINDITABACO – Sindicato da Indústria do Tabaco. Disponível em: <www.sindifumo.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2010.

SOUZA CRUZ: aportes de R$ 50 mi em Uberlândia. Diário do Comércio, 2009. Disponível em: <http://www.abgroup.com.br/mercado_souza_cruz_50.htm>. Acesso em: 26 ago. 2010.

SOUZA CRUZ: Relatório Anual 2009. Santa Cruz do Sul, Rio grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/group/sites/sou_7uvf24.nsf/vwPagesWebLive/DO7X7MUC/$FILE/medMD85CRJK.pdf?openelement>. Acesso em: 15 ago. 2010.

TABACOS MARASCA. Disponível em: <http://www.tabacosmarasca.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2010.

TROIAN, Alessandra; OLIVEIRA, Sibele Vasconcelos de; DALCIN, Dionéia; EICHLER, Marcelo Leandro. O uso de agrotóxicos na produção de fumo: algumas percepções de agricultores da comunidade Cândido Brum, no município de arvorezinha (rs). Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.

UNIVERSAL CORPORATION: Relatório Anual 2009. Richmond, Estados Unidos, 2010. Disponível em:<http://phx.corporateir.net/External.File?item=UGFyZW50SUQ9MzQ4MjEzfENoaWxkSUQ9MzM2OTAxfFR5cGU9MQ==&t=1>. Acesso em 25 jun. 2010.

USDA. United States Department of Agriculture. Disponível em: <http://www.usda.gov/>. Acesso em 30 ago. 2010.

USO de tabaco para fumar e mascar. Enciclopédia Ilustrada da Saúde. Produzido por Adam.com, Inc., 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:uEfNDjrfivsJ:adam.sertaoggi.com.br/encyclopedia/ency/article/002032.htm+tabaco+mascado&cd=14&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em: 13 jul. 2010.

VCP Votorantin. Curiosidades florestais. Disponível em: <http://www.vcp.com.br/SUSTENTABILIDADEMEIO - AMBIENTE/MEIOAMBIENTE/Pages/CuriosidadesFlorestais.aspx.>. Acesso em: 14 jul. 2010.

VENÂNCIO Aires exportou 10,4% a mais em 2009. Folha do Mate, 2010. Disponível em:<http://www.folhadomate.com.br/index.php/conteudo/show/id/2066/cat/41>. Acesso em: 01 set. 2010.

VIGITEL. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília, DF, 2006; 2009. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br>. Acesso em: 01 jun. 2010.

WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 01 jul. 2010.

WOLF, Rosa Maria Salaib. Trabalho Infantil: Exposição crônica a neurotoxinas ambientais e dificuldades de aprendizagem. Documento apresentado no Seminário de Diversificação da Agricultura Familiar. Curitiba, 05 de maio de 2009.

WOODRUFF, Tracey et all. Axelrad Estimating risk from ambient concentrations of acrolein. United States Environmental Health Perspectives, March, 2007. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m0 - CYP/is_3_115/ai_n19020263/>. Acesso em: 20 ago. 2010.

ZOTTI, Cleimary Fatima; PERONDI, Miguel. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].

FONTE DAS IMAGENS

Os nomes das imagens foram sugeridos pelos organizadores para facilitar a identificação das imagens.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Logotipo. Disponível em: <http://www.pontoxp.com/wp-content/uploads/2010/08/ANVISA-AGENCIA-NACIONAL-DE-VIGILANCIA-SANITARIA.jpg>. Acesso em: 02 set. 2010.

AHRENS, Dirk Cláudio, LLANILLO Rafael Fuentes. Homem e arado. In: Possibilidades de diversificação do cultivo de fumo convencional por sistemas de produção de base agroecológica no Centro-Sul do Paraná. Brasil. IAPAR, 2009. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1177>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BARTHOLOMAY, Patricia; ISER, Betine. 2 fotografias; color. Agricultores colhendo tabaco. Doença da Folha verde de Tabaco. In: Seminário sobre o Avanço da Fumicultura no Território da Borborema. Brasília, 20 ago. 2009.

Bidis. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://portuguese.alibaba.com/product-ifm/smoker-s-natural-choice-ship-bidis-109334023.html>. Acesso em 15 ago. 2010.

Brasil unido contra o Tabaco. il. color. Disponível em: <http://ebds1.wordpress.com/2010/08/29/o-r-m-orkut-recados-mensagens-dia-nacional-do-combate-ao-fumo-29-ago/>. Acesso em: 03 ago. 2010.

Brasões. il. color. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o>. Acesso em: 05 ago. 2010.

Cachimbo. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://aulasdeinglesgratis.blogspot.com/2010/07/cac himbo-em-ingles.html>. Acesso em: 03 ago. 2010.

CEREST. Centro de referencia em Saúde do Trabalhador da Região Centro. Crianças classificando tabaco. 2 fotografia; color. Santa Maria, RS.

Charuto. il. color. Disponível em: <http://www.habanocubancigars.com/eng/home.asp>. Acesso em: 12 ago. 2010.
Child in smoke heaven. Fumo passivo. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://ivor-kovic.com/blog/wp--content/uploads/2008/05/ibchildhealth.jpg>. Acesso em: 02 ago. 2010.
Cigarro Camel. il. color. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/camel-genuine--taste.html>. Acesso em: 10 ago. 2010.
Cigarro empilhado. Disponível em: <http://nathansmoura.blogspot.com/2010/08/cigarro.html>. Acesso em: 03 ago. 2010.
Cigarro Marlboro. il. color. Disponível em: <http://socialismoclassemedia.tumblr.com/post/248829061/socialistas-do-marlboro>. Acesso em: 15 ago. 2010.
Cultivo fumo em outros países. 7 fotografias; color. Disponível em: <www.coprotab.com>. Acesso em: 15 ago. 2010.
DESER. Departamento de Estudos Socioeconomicos Rurais. 1 fotografia; color. Cigarro na mão. Arquivo interno.
DESER. Departamento de Estudos Socioeconomicos Rurais. 1 fotografia; color. Criança sentada com fumo na mão. Arquivo interno.
DESER. Departamento de Estudos Socioeconomicos Rurais. 1 fotografia; color. Parei fumar. Arquivo interno.
Dia mundial de combate ao Fumo. il. color. Disponível em: <http://www.quiosqueazul.com.br/2009/05/dia-mundial-de-combate-ao-fumo.html>. Acesso em: 10 ago. 2010.
Documentos. il. color. Disponível em: <http://www.pwc.com/br/>. Acesso em 06 ago. 2010.
EMIÉLLE. 1 fotografia; color. Proibido fumar em ambientes fechados. Disponível em: <http://ante-et--post.webblog.com.pt/>. Acesso em: 11 ago. 2010.
Fumo em corda. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://blognassif.blogspot.com/2010/07/dirceu-olivio-pompermayer.html>. Acesso em: 24 ago. 2010.
Fumo mascado. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://www.circulodelapipa.org/Images/fotosjunio2007%20306.jpg>. Acesso em: 05 ago. 2010.
Homem e mulher. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://katanaz-Stock.deviantart.com/art/Male-Female--Stock-1-67382859>. By: Katanaz-Stock.
Homem Marlboro. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://anilsonmartins.blogspot.com/2008/03/o-cigarro-e--seus-problemas.html>. Acesso em: 14 ago. 2010.
INCA/Conprev – Instituto Nacional do Câncer/Coordenação de Prevenção e Vigilância. il. color. Advertências sanitárias nas embalagens dos produtos de tabaco. Disponível em: <http://stat.correioweb.com.br/blogs/livro_advertencia_0880_320080523.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.
Índio pitando cachimbo. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://www.imprensa.rj.gov.br/SCSSiteImprensa/detalhe_foto.asp?id=16214>. Acesso em: 09 ago. 2010.
Logo British American Tobacco. il. color. Disponível em: <http://www.weblo.com/asset_image/484065/119681/British_American_Tobacco/>. Acesso em: 30 ago. 2010.
Logo Philip Morris. il. color. Disponível em: <http://jcconcursos.uol.com.br/Educacao/Noticiario/philip-morris-trainees-20363>. Acesso em: 01 ago. 2010.
Logo Souza Cruz. il. color. Disponível em: <http://nickmartins.com.br/atualidades/?p=7134>. Acesso em: 02 ago. 2010.
Loja tabaco. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.zazzle.com.br/loja_do_tabaco_baxter_tennessee_cartao-137382011074740508>. Acesso em: 12 ago. 2010.
Menino com termômetro. il. color. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_m1CkScNKAL8/SwE--pvBN_BI/AAAAAAAABis/pmsGYXyGiMg/s1600/untitled.bmp>. Acesso em: 23 ago. 2010.
Mundo - capa capítulo três. il. color. Disponível em: <http://www.imotion.com.br/imagens/details.php?image_id=7374>. Acesso em: 12 ago. 2010.
Não ao trabalho infantil. il. color. Disponível em: <http://tijoloecologicoautentico.blogspot.com/2010/06/blog-post.html>. Acesso em: 15 ago. 2010.
Narguilé. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://aconteceuvirounoticia1.blogspot.com/2009/09/saude--tabagismo-entre-criancas-e.html>. Acesso em: 15 ago. 2010.
OLIVEIRA, Patrícia. 1 fotografia; color. Homem colhendo folhas de fumo. In: Doença da Folha Verde de Tabaco, Região de Arapiraca-Al. Rio de Janeiro, ago de 2008.
Planeta Terra doente. il. color. Disponível em: <http://jujumss.blog.uol.com.br/arch2008-01-01_2008-01--31.html>. Acesso em: 05 ago. 2010.

Pulmões. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://julianasphynx.blogspot.com/2010_02_01_julianasphynx_archive.html>. Acesso em: 25 ago. 2010.
Rapé em lata. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://www.northerner.com/articles/SwedishSnus292/Goteborgs%20Rape%20%20The%20Natural%20Snus-2309/SHOP-318/>. Acesso em 11 ago. 2010.
Reunião CQCT. 1 fotografia; color. Disponível em: <http://health.howstuffworks.com/medicine/healthcare--providers/who5.htm>. Acesso em: 05 ago. 2010.
ZOLTOWSKI, Lucas. 1 fotografia; color. The Smoke. Disponível: <http://www.lucaszoltowski.deviantart.com/gallery/#/d1nvltl>. Acesso em: 05 ago. 2010.
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Cuidado Agrotóxicos. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Estufas de fumo. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Homem com palheiro e vara de fumo nas mãos. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Homem e trator. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Homem plantando fumo. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Homem plantando fumo. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Homem podando fumo nas bandejas. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Menino queimando lenha. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Mulher classificando fumo. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Mulher transplantando fumo. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].
ZOTTI, Cleimary Fatima. 1 fotografia; color. Pilha de lenha. Diagnóstico dos sistemas de produção em áreas de cultivo do tabaco no sul do Brasil. Pesquisa Financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. [Banco de dados, 2009].

Anexo

01 – Evolução da Produção Mundial de Tabaco em Folha, segundo os principais países produtores (em toneladas)

Países	1961	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009
China	395.854	616.301	805.800	978.109	919.747	2.450.207	2.645.610	2.326.685	2.563.854	2.685.743	2.746.193	2.397.152	2.836.725	3.001.725
Brasil	167.839	248.182	244.000	285.934	404.860	410.474	445.489	455.986	578.451	889.426	900.381	908.679	851.058	862.355
Estados Unidos	935.000	841.200	864.752	989.871	810.200	685.660	737.710	576.020	477.753	292.574	330.169	357.273	363.103	373.440
Turquia	101.407	132.374	149.861	199.935	228.349	170.491	296.008	204.440	200.280	135.247	98.137	74.584	93.403	85.000
Bulgária	55.866	122.993	121.906	161.931	122.291	126.028	76.542	18.803	32.296	58.336	41.956	41.100	42.162	51.322
Laos	10.800	16.200	22.800	24.300	14.600	9.410	34.130	26.643	39.926	28.100	24.800	41.535	49.830	48.355
Polônia	46.000	52.000	85.000	102.306	56.259	111.490	59.000	39.750	29.545	33.483	40.512	39.482	41.200	39.293
Japão	126.900	193.000	150.900	165.700	141.400	116.200	80.500	70.391	60.803	46.800	37.700	37.800	38.500	36.600
Filipinas	60.000	45.720	61.206	57.137	41.985	74.329	81.722	63.700	49.479	45.093	38.368	34.289	32.466	36.383
Espanha	36.660	34.300	26.100	25.900	36.800	42.200	43.178	42.915	42.908	40.251	32.563	29.248	27.900	30.400
Grécia	74.245	125.626	94.833	119.138	117.339	150.600	135.685	148.543	136.593	124.351	37.405	29.370	28.000	28.000
Cuba	49.639	35.107	31.726	42.337	8.219	44.637	37.129	24.989	32.237	26.000	29.700	25.600	21.500	25.200
Iugoslávia								15.683	22.175	27.691	25.036	22.056	17.087	24.122
Colômbia	27.884	40.190	42.000	57.600	45.400	27.237	32.989	26.000	27.767	34.940	20.557	18.109	21.176	21.048
Síria	7.176	11.979	6.674	11.995	13.758	13.900	13.100	23.361	26.112	28.870	24.900	24.066	20.580	19.881
Uganda	7.217	3.450	3.400	4.000	400	1.613	3.322	6.851	22.837	31.413	15.793	26.383	29.040	18.846
França	34.238	49.015	46.537	50.988	45.981	35.790	27.632	26.304	25.252	22.947	18.880	15.805	16.268	18.000
Croácia								8.548	9.714	9.579	10.851	12.639	12.866	13.348
Quirguistão								17.600	34.613	13.396	13.361	14.429	13.618	12.005
Sérvia											10.808	11.136	10.839	9.847
Demais Países	1.437.090	1.787.995	1.905.681	2.141.377	2.250.707	2.578.923	2.387.691	2.161.394	2.278.032	2.165.559	2.119.001	2.103.508	2.157.017	2.091.153
Total Mundial	**3.573.815**	**4.355.632**	**4.663.176**	**5.418.558**	**5.258.295**	**7.049.189**	**7.137.437**	**6.284.606**	**6.690.627**	**6.739.799**	**6.617.071**	**6.264.243**	**6.724.338**	**6.911.395**

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

02 – Evolução da Área Colhida de Tabaco segundo os principais países produtores (em hectares)

Países	1961	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009
China	317.704	407.810	394.053	573.594	520.433	1.322.052	1.600.200	1.474.988	1.441.537	1.364.312	1.338.877	1.164.503	1.326.703	1.400.703
Brasil	227.656	273.849	245.207	253.736	316.427	268.992	274.098	293.425	309.989	493.761	495.706	459.481	432.182	441.413
Estados Unidos	475.000	395.000	363.524	439.766	372.700	278.430	296.760	268.360	189.970	120.225	137.190	144.070	143.459	143.320
Turquia	140.625	222.062	328.468	241.508	222.997	176.848	320.236	209.919	236.569	185.342	146.166	144.904	146.874	139.431
Bulgária	96.012	120.735	118.084	127.013	108.066	101.748	52.897	14.254	28.523	40.869	27.369	29.900	25.276	27.870
Laos	4.000	5.000	6.000	6.800	4.000	3.650	11.665	7.410	6.700	5.360	5.660	4.700	5.610	4.830
Polônia	38.200	41.200	47.000	50.398	51.680	52.505	27.527	18.554	14.057	14.875	16.819	17.570	17.395	17.100
Japão	57.300	86.500	71.000	58.800	60.800	47.800	30.000	26.358	23.991	19.100	18.500	17.700	16.800	15.800
Filipinas	91.100	76.080	87.410	84.720	61.040	60.231	63.335	56.304	41.051	29.589	26.323	23.863	22.182	26.100
Espanha	20.830	25.025	15.300	14.500	19.500	24.500	21.093	17.398	14.078	12.944	10.123	9.986	9.800	10.000
Grécia	104.456	132.190	98.300	97.000	89.307	96.940	78.796	69.000	61.000	54.369	23.381	18.038	16.000	16.000
Cuba	55.000	56.000	51.900	69.270	53.400	63.200	53.171	38.356	45.323	20.313	27.033	22.858	23.048	24.861
Iugoslávia								10.894	22.785	18.488	17.438	17.132	17.064	17.800
Colômbia	13.534	25.450	22.700	34.100	28.500	17.600	19.910	13.579	14.692	17.581	10.680	10.817	14.321	12.768
Síria	9.675	16.341	10.212	17.203	13.467	12.500	12.800	13.842	18.100	16.272	15.870	14.227	13.817	12.674
Uganda	12.000	6.000	6.880	7.200	3.300	2.900	4.280	7.525	13.500	18.000	18.000	18.000	20.000	14.000
França	21.750	21.327	19.352	20.274	18.500	14.500	10.785	9.725	9.282	8.367	7.347	6.809	6.234	6.600
Croácia								6.798	5.678	5.131	4.940	6.005	5.897	6.062
Quirguistão								8.500	14.465	5.488	5.576	5.848	5.476	5.600
Sérvia											6.821	8.043	7.126	6.103
Demais Países	1.713.316	1.883.077	1.884.896	2.035.592	1.953.455	2.150.464	1.771.414	1.580.342	1.658.593	1.539.765	1.505.677	1.507.490	1.518.040	1.518.226
Total Mundial	**3.398.158**	**3.793.646**	**3.770.286**	**4.131.474**	**3.897.572**	**4.694.860**	**4.648.967**	**4.145.531**	**4.169.883**	**3.990.151**	**3.865.496**	**3.651.944**	**3.793.304**	**3.867.261**

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

03 – Evolução da Produtividade por área do Tabaco, segundo os principais países produtores (em kg/ha)

Países	1961	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009
China	1.246	1.511	2.045	1.705	1.767	1.853	1.653	1.577	1.779	1.969	2.051	2.059	2.138	2.143
Brasil	737	906	995	1.127	1.279	1.526	1.625	1.554	1.866	1.801	1.816	1.978	1.969	1.954
Estados Unidos	1.968	2.130	2.379	2.251	2.174	2.463	2.486	2.146	2.515	2.434	2.407	2.480	2.531	2.606
Turquia	721	596	456	828	1.024	964	924	974	847	730	671	515	636	610
Bulgária	582	1.019	1.032	1.275	1.132	1.239	1.447	1.319	1.132	1.427	1.533	1.375	1.668	1.841
Laos	2.700	3.240	3.800	3.574	3.650	2.578	2.926	3.596	5.959	5.243	4.382	8.837	8.882	10.011
Polônia	1.204	1.262	1.809	2.030	1.089	2.123	2.143	2.142	2.102	2.251	2.409	2.247	2.368	2.298
Japão	2.215	2.231	2.125	2.818	2.326	2.431	2.683	2.671	2.534	2.450	2.038	2.136	2.292	2.316
Filipinas	659	601	700	674	688	1.234	1.290	1.131	1.205	1.524	1.458	1.437	1.464	1.394
Espanha	1.760	1.371	1.706	1.786	1.887	1.722	2.047	2.467	3.048	3.110	3.217	2.929	2.847	3.040
Grécia	711	950	965	1.228	1.314	1.554	1.722	2.153	2.239	2.287	1.600	1.628	1.750	1.750
Cuba	903	627	611	611	154	706	698	652	711	1.280	1.099	1.120	933	1.014
Iugoslávia								1.440	973	1.498	1.436	1.287	1.001	1.355
Colômbia	2.060	1.579	1.850	1.689	1.593	1.548	1.657	1.915	1.890	1.987	1.925	1.674	1.479	1.648
Síria	742	733	654	697	1.022	1.112	1.023	1.688	1.443	1.774	1.569	1.692	1.489	1.569
Uganda	601	575	494	556	121	556	776	910	1.692	1.745	877	1.466	1.452	1.346
França	1.574	2.298	2.405	2.515	2.485	2.468	2.562	2.705	2.721	2.743	2.570	2.321	2.610	2.727
Croácia								1.257	1.711	1.867	2.197	2.105	2.182	2.202
Quirguistão								2.071	2.393	2.441	2.396	2.467	2.487	2.144
Sérvia											1.585	1.385	1.521	1.613
Demais Países	839	950	1.011	1.052	1.152	1.199	1.348	1.368	1.373	1.406	1.407	1.395	1.421	1.377
Total Mundial	**1.052**	**1.148**	**1.237**	**1.312**	**1.349**	**1.501**	**1.535**	**1.516**	**1.605**	**1.689**	**1.712**	**1.715**	**1.773**	**1.787**

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

04 – Evolução da produção de tabaco no Brasil, regiões e Estados, principais produtores (1990/2008) – em toneladas de fumo produzido

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	445.489	413.831	575.652	655.739	519.541	455.986	476.638	596.952	505.353	629.525	579.727	568.505	670.309	656.200	921.281	889.426	900.381	908.679	851.058
Sul	397.326	373.110	539.531	612.252	466.200	411.529	432.917	549.680	456.599	578.940	547.754	544.954	645.673	632.654	895.122	862.763	871.938	880.327	824.184
PR	40.315	41.494	61.000	67.141	63.304	52.638	59.531	74.493	57.312	67.872	64.554	68.554	82.459	97.237	127.329	152.371	155.201	156.644	148.036
SC	152.396	145.048	198.201	226.421	173.372	135.732	166.468	200.736	163.768	204.675	188.327	178.207	223.382	213.339	284.825	280.045	244.011	249.015	230.641
RS	204.615	186.568	280.330	318.690	229.524	223.159	206.918	274.451	235.519	306.393	294.873	298.193	339.832	322.078	482.968	430.347	472.726	474.668	445.507
Nordeste	45.124	37.728	33.413	40.986	50.872	41.885	41.309	45.433	47.003	48.698	30.148	21.780	22.603	22.071	25.585	25.707	27.787	27.526	26.318
AL	31.584	22.152	22.398	28.896	33.201	23.120	21.688	29.322	31.270	32.148	15.876	10.638	10.425	8.775	13.295	11.206	10.972	13.022	14.000
BA	10.549	11.617	7.583	5.261	11.250	11.970	12.944	9.630	10.508	9.491	8.419	8.846	9.947	11.192	9.730	10.987	13.069	10.722	8.662
SE	1.655	2.527	1.960	5.782	5.164	5.486	5.994	5.906	5.024	6.417	5.364	1.992	1.752	1.662	2.009	2.775	2.868	2.731	2.534
CE	157	168	180	214	236	220	147	133	118	105	102	97	71	79	75	142	207	296	313
PA	747	763	858	500	849	925	327	245	14	387	246	130	236	227	246	225	312	400	504
PE	289	315	287	201	39	28	6	5	2	3	7	5	34	6	112	125	129	139	65
RN	51	97	73	52	56	63	170	159	37	112	115	67	132	127	118	247	230	216	240
Demais estados	1244	1343	1398	967	1180	1236	650	542	171	607	470	299	473	439	551	739	878	1051	1122

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

05 – Produtores de Fumo na Região Sul, de acordo com as variedades de tabaco (2008/2009)

Estados	Virgínia	Burley	Comum	Total
Rio Grande do Sul	73.820	21.421	380	**95.621**
Santa Catarina	41.069	17.693	443	**59.475**
Paraná	17.661	9.816	3.427	**30.904**
Região Sul	132.550	49.200	4.250	**186.000**

Fonte: Sinditabaco, (2010).

06 - Exportações brasileiras por tipo de Fumo em 2009

Tipo	Unidade	Sul	Nordeste	Total
Virgínia	US$ FOB	2.411.284.963	-	2.411.284.963
	Kg	427.921.994	-	427.921.994
Burley	US$ FOB	420.862.322	-	420.862.322
	Kg	76.210.708	-	76.210.708
Capeiro	US$ FOB	115.764	19.196.056	19.311.820
	Kg	20.400	949.338	969.738
Outros fumos não manufaturados	US$ FOB	129.880.417	1.106.387	130.986.804
	Kg	153.984.024	341.150	154.325.174
Total não manufaturado	US$ FOB	2.962.143.466	20.302.443	2.982.445.909
	kg	658.137.126	1.290.488	659.427.614
Charutos e cigarros	US$ FOB	12.808.610	445.338	13.253.948
	Kg	1.230.865	2.695	1.233.560

Fonte: Sistema Alice/SECEX.

07 - Exportações brasileiras por setor e produto em 2009 (em milhões de dólares)

Região	Agronegócio		Fumo		Total
	US$	%	US$	%	
Região Sul	21.387,45	65,03	2.962,14	9,01	32.886,55
Região Nordeste	6.108,87	52,59	20,30	0,17	11.616,31
Brasil	64.755,64	42,33	2.982,45	1,95	152.994,74

Fonte: Sistema Alice/SECEX.

08 – Evolução dos casos de intoxicação e número de óbitos ocasionados pela utilização de agrotóxicos no Brasil (1986-2006)

Ano	Intoxicações	Óbitos
1986	1539	53
1987	1473	47
1988	1638	50
1989	1941	73
1990	2547	125
1991	3812	77
1992	2994	98
1993	3418	118
1994	4673	139
1995	4911	130
1996	4824	146

Ano	Intoxicações	Óbitos
1997	5474	154
1998	5268	181
1999	4674	154
2000	5127	141
2001	5384	157
2002	5591	131
2003	5945	164
2004	5937	155
2005	5577	159
2006	5873	178

Fonte: CIAT (2010).

09 – Evolução dos financiamentos de custeio para o fumo – Em número de contratos

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	142.972	160.067	200.337	199.054	279.977	323.604	242.371	204.969	238.737	204.271
Nordeste	2.678	1.281	3.275	811	1.171	1.667	2.146	1.645	2.704	2.652
Sul	140.294	158.742	197.011	198.189	278.781	321.887	240.117	203.225	235.947	201.533
Paraná	21.215	26.591	34.488	34.566	50.916	62.997	44.105	35.375	43.162	37.410
Santa Catarina	46.266	50.678	59.875	60.098	82.248	94.897	70.772	57.241	66.858	58.078
Rio Grande Do Sul	72.813	81.473	102.648	103.525	145.617	163.993	125.240	110.609	125.927	106.045

Fonte: Banco Central.

10 - Evolução dos financiamentos de custeio para o fumo - Área financiada

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	290.274	323.498	421.436	506.327	680.824	807.152	567.171	491.945	641.656	540.466
Nordeste	3.266	1.363	3.402	819	1.008	1.730	2.704	4.788	4.242	4.123
Sul	287.353	322.043	417.945	505.354	679.689	805.257	564.204	486.182	637.196	536.144
Paraná	40.302	48.212	65.922	78.717	112.774	143.926	93.433	73.168	101.393	94.764
Santa Catarina	99.817	106.411	134.269	161.146	200.535	245.240	176.154	137.971	183.997	167.792
Rio Grande Do Sul	147.234	167.419	217.754	265.492	366.380	416.091	294.617	275.043	351.806	273.589

Fonte: Banco Central.

11 - Evolução dos financiamentos de custeio para o fumo - Valor médio por contrato

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	1.730	2.274	2.345	4.131	3.232	2.652	3.116	2.932	3.222	3.741
Nordeste	1.147	1.338	919	1.280	1.655	1.783	1.953	2.571	1.805	1.644
Sul	1.743	2.282	2.369	4.142	3.238	2.656	3.126	2.935	3.238	3.769
Paraná	1.539	1.916	1.945	3.755	3.413	2.396	2.824	2.691	2.818	3.248
Santa Catarina	1.843	2.392	2.542	4.386	3.213	2.702	3.211	3.055	3.374	3.679
Rio Grande Do Sul	1.739	2.333	2.411	4.130	3.191	2.730	3.185	2.950	3.310	4.002

Fonte: Banco Central.

12 - Evolução dos financiamentos de custeio para o fumo - Valor médio por hectare

	2000	2001	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2008	2009
Brasil	852	1.125	1.222	1.332	1.063	1.329	1.624	1.115	1.199	1.414
Nordeste	940	1.257	884	1.550	1.718	1.922	1.268	885	1.150	1.058
Sul	851	1.125	1.227	1.330	1.062	1.328	1.624	1.117	1.199	1.417
Paraná	810	1.057	1.301	1.333	1.049	1.541	1.649	1.017	1.200	1.282
Santa Catarina	854	1.139	1.268	1.290	1.046	1.318	1.636	1.134	1.226	1.273
Rio Grande Do Sul	860	1.135	1.186	1.354	1.076	1.268	1.610	1.136	1.185	1.551

Fonte: Banco Central.

13 - Percentual de contratos de custeio para o fumo em relação ao custeio agrícola do Pronaf

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	20,15	24,72	31,44	27,54	35,63	43,23	33,3	29,9	37,5	31,3
Nordeste	3,06	24,72	4,75	0,86	1,17	2,09	2,8	2,6	4,4	17,5
Sul	29,40	36,10	44,80	48,00	62,45	72,96	54,7	48,8	59,8	46,7
Paraná	18,26	24,79	32,15	34,61	44,24	57,21	39,7	33,3	41,5	39,6
Santa Catarina	41,15	51,19	60,48	70,04	90,01	108,99	78,9	66,2	80,5	68,9
Rio Grande Do Sul	29,30	34,89	43,96	45,56	60,68	67,20	52,6	49,5	60,7	42,0

Fonte: Banco Central.

14 – Percentual do valor de custeio para o fumo em relação ao custeio agrícola do Pronaf

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	16,96	24,28	31,63	44,07	35,84	30,75	25,2	18,5	19,3	18,0
Nordeste	3,21	1,65	2,90	0,69	1,03	1,55	2,1	2,3	2,4	2,1
Sul	24,23	35,40	45,61	72,84	56,68	48,79	39,8	29,2	28,2	27,1
Paraná	11,43	18,31	24,09	44,26	36,21	30,55	23,7	17,0	14,5	15,1
Santa Catarina	33,21	46,31	58,15	97,12	69,30	58,22	45,5	34,1	39,8	31,5
Rio Grande Do Sul	27,13	39,34	51,22	76,02	63,54	54,72	46,3	33,7	32,0	32,1

Fonte: Banco Central.

15 – Percentual de impostos cobrados pelos diferentes países sobre a venda de cigarros

Ranking	País	Percentual	Ranking	País	Percentual
1	Eslováquia	93,6%	76	Maldivas	51,0%
2	Estônia	91,5%	77	Eritréia	50,9%
3	Uruguai	87,4%	78	Moçambique	50,5%
4	Polônia	87,1%	79	Arábia Saudita	50,3%
5	Israel	82,4%	80	Venezuela	50,3%
6	Maurícios	82,0%	81	Costa do Marfim	50,3%
7	Bulgária	81,6%	82	Colômbia	49,8%
8	Nepal	81,5%	83	Antiga Rep. Iugoslávia da Macedônia	48,3%
9	República Checa	80,4%	84	Zimbábue	47,0%
10	França	80,4%	85	Iêmen	47,0%
11	Comores	80,1%	86	Guiana	45,8%
12	Portugal	79,6%	87	Gabão	45,3%
13	Irlanda	78,4%	88	Jamaica	45,2%
14	Espanha	77,6%	89	Etiópia	45,0%
15	Bélgica	77,4%	90	Rep. Democrática popular de Laos	45,0%
16	Chile	77,3%	91	Vietnã	45,0%
17	México	77,0%	92	El Salvador	44,5%
18	Malta	76,6%	93	África do Sul	44,3%
19	Reino Unido	76,5%	94	Bolívia	43,0%
20	Noruega	76,1%	95	Namíbia	42,4%
21	Alemanha	75,8%	96	Quênia	41,8%
22	Itália	75,2%	97	Oman	40,5%
23	Finlândia	75,1%	98	Lesoto	40,3%
24	Mianmar	75,0%	99	Mongólia	40,1%
25	Áustria	74,9%	100	Nicarágua	40,0%
26	Eslovênia	74,9%	101	Geórgia	39,2%
27	Holanda	74,5%	102	Botsuana	39,1%
28	Hungria	73,9%	103	Camarões	38,7%
29	Romênia	73,9%	104	República Democrática do Congo	38,5%
30	Singapura	73,8%	105	Indonésia	37,0%
31	Turcomenistão	73,7%	106	Estados Unidos da América	36,9%
32	Grécia	73,5%	107	Serra Leoa	36,7%
33	Dinamarca	73,4%	108	República Unida da Tanzânia	36,7%
34	Paquistão	73,0%	109	Senegal	36,3%
35	Suécia	72,3%	110	China	35,0%
36	Chipre	72,1%	111	Peru	35,0%
37	Uganda	71,3%	112	Ucrânia	34,9%
38	Luxemburgo	70,1%	113	Chade	33,3%
39	Tailândia	69,5%	114	Federação da Rússia	33,1%
40	Canadá	69,3%	115	Qatar	33,0%
41	Índia	69,1%	116	Nigéria	32,8%
42	Brasil	68,2%	117	Suazilândia	32,3%
43	Argentina	68,1%	118	Nigéria	32,3%
44	Bahrain	68,0%	119	Dominica	32,0%
45	Bósnia e Eszergovina	67,7%	120	Guiné Equatorial	32,0%
46	Gana	67,5%	121	Kuwait	32,0%
47	Croácia	67,1%	122	República Centro Africano	32,0%
48	Sri Lanka	67,0%	123	Emirados Árabes Unidos	31,9%
49	Tunísia	67,0%	124	Congo	31,3%
50	Lituânia	66,9%	125	Mali	30,3%
51	Marrocos	66,7%	126	Togo	30,3%
52	Ruanda	65,3%	127	Belarus	29,9%
53	Bangladesh	65,0%	128	Honduras	29,7%
54	Madagascar	63,7%	129	Djibuti	29,0%
55	Argélia	63,5%	130	Guiné	28,3%
56	Coréia do Sul	63,1%	131	Burkina Faso	27,3%
57	Suíça	62,6%	132	Panamá	26,8%
58	Austrália	62,1%	133	Cazaquistão	26,0%
59	Uzbequistão	62,0%	134	Kyrgystão	26,0%
60	Zâmbia	60,9%	135	República Árabe Síria	25,0%
61	Armênia	60,7%	136	República de Moldova	24,4%
62	Japão	60,0%	137	Barbados	24,4%
63	República Dominicana	59,8%	138	Cuba	22,0%
64	Albânia	58,3%	139	Mauritânia	20,3%
65	Egito	58,0%	140	Cabo Verde	20,0%
66	Turquia	58,0%	141	Trinidad e Tobago	20,0%
67	Equador	57,7%	142	Camboja	19,8%
68	Guatemala	57,7%	143	Paraguai	19,1%
69	Líbano	57,1%	144	BENIN	17,3%
70	Costa Rica	56,5%	145	Benin	14,0%
71	Montenegro	56,0%	146	Libéria	10,0%
72	Sérvia	56,0%	147	República Islâmica do Irã	10,0%
73	Burundi	55,5%	148	Jamahiriya Árabe Líbia	2,0%
74	Malaui	53,9%	149	São Vicente e Granadinas	2,0%
75	Jordânia	51,8%			

Fonte: El Atlas Del Tabaco, (2007).

16 - Agrotóxicos liberados para uso na cultura do fumo no Paraná

ACARICIDAS				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Acefato Fersol 750 SP*	IV	Acephate	Organofosforados	Fersol
Brigade 25 EC*	III	Bifentrina	Piretróides	FMC
Dithane NT	III	Mancozeb	Ditiocarbamatos	Dow Agrosciences
Lebaycid 500*	II	Fenthion	Organofosforados	Bayer S/A
Mentox 600 CE*	I	Parathion Metilico	Organofosforados	Prentiss Química
Orthene 750 BR*	IV	Acephate	Organofosforados	Arysta LifeScience
Talstar 100 EC*	III	Bifentrina	Piretróides	FMC

ANTIBROTANTE				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Primeplus BR	I	Flumetralin	Dinitroanilinas	Syngenta

FEROMÔNIO				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Monitrap	IV	Serricornin	Carbohidratos Insaturados	Bernardo Química

FUNGICIDA				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Antracol 700 WP*	II	Propineb	Ditiocarbamatos	Bayer S/A
Cobre Atar BR*	IV	Óxido Cuproso	Inorganicos	ATAR
Dithane NT	III	Mancozeb	Ditiocarbamatos	Dow Agrosciences
Infinito	II	Cloridrato de Propamocarbe + Fluopicolida	Carbamato e Brnzamidapiridina	Bayer S/A
Manzate 800*	III	Mancozeb	Ditiocarbamatos	Du Pont
Positron Duo*	III	Propineb	Ditiocarbamatos	Bayer S/A
Ridomil Gold MZ*	III	Mancozeb + Metalaxil_M	Ditiocarbamatos	Syngenta
Rovral*	III	Iprodione	Hidantoinas	Bayer S/A

HERBICIDAS				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Boral 500 sc*	IV	Sulfentrazone	Aril Triazolinonas	FMC
Gamit*	II	Clomazone	Isoxazolidinonas	FMC
Gamit 360 SC*	III	Clomazone	Isoxazolidinonas	FMC
Herbadox	III	Pendimetalina	Dinitroalininas	Basf
Poast	II	Sethoxydim	Hidroxi Ciclohexeno	Basf
Roundup Transorb*	III	Glifosato	Glicina Substituída	Monsanto
Select 240 EC*	II	Cletodim	Oxima Cicloexadiona	Arysta LifeScience

INSETICIDA				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Acefato Fersol 750 SP*	IV	Acephate	Organofosforados	Fersol
Actara 250 WG*	III	Thiamethoxam	Neonicotinóides	Syngenta
Actara Plus	III	Thiamethoxam + Cypermethrin	Neonicotinóide + Piretróide	Syngenta
Aquila*	II	Acefato	Organofosforados	Cheminova
Avant 750 OS*	III	Acefato	Organofosforados	Fersol
Baytroid EC	III	Cyfluthrin	Piretróides sintéticos	Bayer S/A
Brigade 25 EC*	III	Bifentrina	Piretróide	FMC
Bulldock 125 SC*	II	Beta-ciflutrina	Piretróide	Bayer S/A
Certero*	IV	Triflumuron	Benzoilurea	Bayer AS
Cipertrin*	I	Cipermetrina		Prentiss
Clorpirifos Fersol 480 EC*	I	Clorpirifós	Organofosforados	Fersol
Confidor S*	IV	Imidacloprid + Cyfluthrin	Cloronicotinis + Piretróides	Bayer S/A
Confidor Supra	IV	Beta-Ciflutrina	Imidaclopridoneonicotinóide, Beta-ciflutrina, piretróides	Bayer S/A
Cyptrin 250 CE*	I	Cipermetrina	Piretróides	Nufarm
Decis 25 EC*	III	Deltametrina	Piretróides	Milênia
Degesch Fumicel	I	Fosfeto de Magnésio	Inorgânico precursor de fosfina	Degesch Brasil
Diafuran 50*	I	Carbofuran	Carbamatos	FMC
Difluchem 240 SC	III	Diflubenzurom	Benzoiluréia	Helm do Brasil
Dipel WP*	IV	Bacillus Thurigiensis	Origem biológica	Sumitomo
Evidence 700 WG*	IV	Imidacloprido	Neonicotinóide	Bayer S/A
Fermag*	I	Fosfeto de Magnésio	Inorgânico precursor de fosfina	Fersol
Fertox	I	Fosfeto de Alumínio	Inorgânico precursor de fosfina	Fersol
Focus WP*	III	Clothianidin	Neonicotinóide	Sumitomo
Furadan 100 G*	I	Carbofuran	Carbamatos	FMC
Furadan 350 SC*	I	Carbofuran	Carbamatos	FMC
Furadan 50 G*	III	Carbofuran	Carbamatos	FMC
Gastoxin*	I	Fosfeto de Alumínio	Fosfetos Metálicos	Bernardo Química
Gastoxin B-57*	I	Fosfeto de Alumínio	Inorgânico precursor da fosfina	Bernardo Química
Karate Zeon 50 CS*	III	Lambda Cialotrina	Piretróide	Syngenta
Kohinor 200 SC*	III	Imidacloprido	Neonicotinóide	Milênia
Lebaycid 500*	II	Fenthion	Organofosforados	Bayer S/A
Mentox 600 CE*	I	Parathion Metílico	Organofosforados	Prentiss
Nomolt 150*	IV	Teflubenzuron	Benzoiluréias	Basf S/A
Orthene 750 BR*	IV	Acephate	Organofosforados	Arysta
Phostek*	I	Fosfeto de Alumínio	Fosfeto Metálico	Bernardo Química
Phostoxin	I	Fosfeto de Alumínio	Inorgânico precursor de fosfina	Degesch brasil
Pounce 384 CE	II	Permethryn	Piretróides Sintéticos	FMC
Sumidan 25 EC*	I	Esfenvalerate	Piretróides Sintéticos	Sumitomo
Talcord 250	I	Permethryn	Piretróides Sintéticos	Basf S/A
Talstar 100 EC*	III	Bifentrina	Piretróides	FMC
Thuricide	IV	Bacillus Thurigiensis	Origem biológica	Bio Controle
Valon 384 EC	II	Permethyn	Piretróides Sintéticos	DoW Agrosciences
Warrant	IV	Imidacloprido	Cloronicotinil	Bayer S/A

LESMICIDA				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Mesurol isca	IV	Metiocarbe	Metilcarbamato de Fenila	Bayer S/A

NEMATICIDA				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Diafuran 50*	I	Carbufuran	Carbamatos	FMC
Furadan 100 G*	I	Carbofuran	Carbamatos	FMC
Furadan 350 SC*	I	Carbufuran	Carbamatos	FMC
Furadan 50 GR*	III	Carbufuran	Carbamatos	FMC

REGULADOR DE CRESCIMENTO				
Marca Comercial	Classe Toxicológica	Ingrediente Ativo	Grupo Químico	Empresa Registrante
Amex	II	Butralin	Dinitroanilidas	Nufarm
Primeplus BR	I	Flumetralin	Dinitroanilinas	Syngenta
Royal MH SL*	II	Hidrazida Malêica	Piridazinadiona	Chemtura

Fonte: Secretária da Agricultura e Abastecimento do Paraná - SEAB (em 01/08/2010).
* Agrotóxicos liberados com restrição de uso.